

A LAVOURA



ANNO XLII

JANEIRO-JUNHO DE 1938



REVISTA DA
SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
E DA
CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

ARTHUR VIANNA & CIA. L^{TDA.}

ESTABELECIDOS DESDE 1900

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "STEARICA"

AGENTES DO SALITRE DO CHILE

TODOS OS ADUBOS E MATERIAES AGRICOLAS

FILIAL:

Telephone 2-7101

Caixa Postal 3520

RUA SÃO BENTO, 100 - Sob.

SÃO PAULO

FILIAL:

Telephone 43-3468

Caixa Postal 3572

RUA DA ALFANDEGA N. 59

RIO DE JANEIRO

MATRIZ:

Telephone 3723 - Caixa Postal 291

AV. SANTOS DUMONT N. 227

BELLO HORIZONTE

ADUBOS "VIANNA"

Completo para todas as culturas

SALITRE DO CHILE

Adubo organico "88" - Adubos postassicos - Superphosphato - Farinha de ossos - Agronomos a disposição - Analyse de acidez de terras.

FORMICIDAS

Arsenico - Enxofres - Agapeama - Fortuna - Ideal - Bisulfureto de carbono - Cyanogaz - Cyanureto - Ingrediente "VIANNA"

INSECTICIDAS

Arseniato de Chumbo - Bekolit - Cruz Azul - Cal - Fungol Pó Borda - Iuz - PÓ ADHESIVO para insecticidas - Oleos fungicidas - Sulfato de cobre e de ferro Solbar - Uspulum - Verde Paris.

MACHINAS E UTENSILIOS AGRICOLAS

Abanador p/ cereaes - Arrancador p/ Algodoeiro - Arados todos os typos Bicos arapados - Cultivadores "PLANETS" - Debulhadores - Grades Motores - Oleo crú e a gazolina - Machina p/ formigas - Pulverisadores - Semeadeiras etc.

INSTALAÇÕES

Para fecula de mandioca - Beneficio de Arroz - Algodão - Café - Classificadores de Café

SECCADORES

A ar quente - Patente n.º 23.631
Algodão - Mandioca - Café - Mamona etc. - SECCADOR TUBULAR - Massas de Mandioca - Garapa Kaolim - Ossos - Sangue - Leite etc.

SEMENTES

Adubos verdes - Alfafa - Batatss - Cereaes - Cannas - Capins - Forragens - Mamona - Soja - Tungue - Videiras.

SACCARIA

Aniagem nova para transportes - Colheita de café - Encerados - Barbanses

PRODUCTOS DIVERSOS

Correias de sola - Créogado - Carrapaticidas - Iodo - Iodureto potassio Jacasinhos - Pixe etc.

COMPRADORES DE

Ossos - Chifres - Unhas

SUMMARIO

| | |
|---|----|
| O Abastecimento da Capital | 1 |
| O Novo Ministro da Agricultura | 3 |
| Sociedade Nacional de Agricultura. Actividades em 1937. | 7 |
| A pecuaria no Brasil central e suas necessidades | 9 |
| A Defesa do Vinho Nacional. | 13 |
| A Racionalização da Industria do Algodão no Brasil | 18 |
| Associações Culturales de Agricultura | 24 |
| Um Hymno á Natureza Amazonica | 26 |
| O Desenvolvimento do trigo no Brasil | 29 |
| Pela pecuaria goyana. | 31 |
| Dr. Hilario Leitão. Discurso na sessão de 30-12-1937. | 32 |
| O levantamento economico da Amazonia e seu sentido agromico | 34 |
| Aspectos reaes da questão do leite. | 43 |
| Da lã e sua produção | 45 |
| Necessidade do aumento do nosso rebanho bovino | 52 |
| Credito Agricola (legislação) | 54 |
| O Cumarú e sua exportação | 61 |

Sociedade Nacional de Agricultura

Publicações em distribuição aos socios:

- Annaes do I Congresso de Leite e Derivados (1 vol.)
Annaes da II Semana do Leite (folheto)
Annaes da II Conferencia Nacional de Pecuaria (1 vol.)
Annaes da I Conferencia Nacional Algodoeira (3 vols.)
O Ceará Economico — *Dr. Souza Pinto* (folheto)
A conquista do pão — *R. Fernandes e Silva* (folheto)
A cultura do fumo e o seu prepare — *J. Silverio Guimarães* (folheto)
Factos Economicos — *Miguel Calmon* (brochura)
O algodão e a solidariedade Internacional — *Miguel Calmon* (folheto)
Politica Commercial Pan-Americana — *Arthur Torres Filho* (folheto)
Aspectos leiteros brasileiros — *Otto Frensel* (folheto)
O Problema caféero de S. Paulo e a Pecuaria de leite — *Landulpho Alves* (folheto)
Aspecto actual da Industria de Lacticinios no Brasil — *L. Gonçalves Vieira* (folheto)
O cultivo da batata e a importação de suas sementes no Brasil — *Arsène Puttemans* (folheto)
Expansão Economica do Brasil — *Arthur Torres Filho* (1 vol.)
O Apicultor brasileiro — *Emilio Schenck* (1 vol.)
As Municipalidades e o momento economico brasileiro — (1934) *Arthur Torres Filho*.

A Secretária da S. N. A., mediante pedido do socio quite, enviará immediatamente as publicações pedidas. Para o interior, deverá o interessado juntar ao pedido \$400 de sello, em se tratando de folheto, e \$800, para maior numero de publicações ou por volume.

A LAVOURA

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
E DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

Dr. ARTHUR TORRES FILHO

Gerente ROBERTO DIAS FERREIRA

Director

Dr. ANTONIO DE ARRUDA CAMARA

Redactor-Secretario L. MARQUES POLIANO

Assignatura annual 20\$000 — Numero avulso 2\$000 — Numero atrazado 3\$000

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção, Largo de S. Francisco, 3-2.º, Salas 202-6

RIO DE JANEIRO

ANNO XLII

RIO DE JANEIRO

Janeiro-Junho de 1938

O ABASTECIMENTO DA CAPITAL

Não apenas a boa e farta produção de generos de consumo assegura o perfeito abastecimento de um grande centro populoso: elemento de grande importancia para esse fim é, sem duvida, a intelligente distribuição desses mesmos generos, por meio de mercados localizados convenientemente, e, o que é mais, devidamente aparelhados com camaras frigorificas. Não se compreende que um grande mercado, onde são vendidos generos de facil deterioração, não disponha desse grande melhoramento da moderna technica, sobretudo no Brasil, cujo clima exige taes installações.

Infelizmente, quando cuidamos desse relevante problema, pensamos apenas no barateamento das utilidades, esquecendo-nos de que esse factor, não raro, depende de innumerous outros que ainda não foram atacados. No caso especial da Capital da Republica, verifica-se que o seu abastecimento é assegurado pelos productos procedentes de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, vindo uma parte desses productos por mar e, outra, pela Central do Brasil e Leopoldina, uma vez que ainda não está usado em grande escala o auto-transporte. Este facto mereceria a acurada attenção dos responsaveis pela alimentação desta população de 2.000.000 de habitantes, que uma simples interrupção de 12 horas nas ferrovias pelas quaes tranzita, occasiona os mais serios embarços, como a falta do leite, que é immedicavelmente cultivaveis do proprio Districto Federal, afim de libertal-o, pelo menos em grande parte, dos centros de produção mais longinquos, com que, desde logo, seria conseguida uma sensivel diminuição no custo, pelo afastamento do onus do transporte.

Os nossos mercados, ainda insufficientes, dada a grande área da cidade, são faltam-lhe installações e capacidade, que dia a dia diminuem com a occupação, pelo commercio de ferragistas, botequineiros, barbeiros, etc., das respectivas localidades.

A criação de mercados especializados, como os de fructas, de peixes e outros, se impõe, empregando-se, para a conservação dos productos, a frigorificação.

Taes considerações, vêm a proposito do novo mercado de Ploesti, centro industrial de petroleo, na Rumania. Este mercado, que fica situado no meio da cidade, destina-se á venda avulsa de generos alimenticios, constituido por um corpo central dominado por uma imponente cupola, no rez-do-chão do qual se faz a venda de legumes e de fructas, e, na galeria, a dos productos do leite.

Estas edificações estão ligadas ao edificio da administração, que constitue a fachada principal do mercado, estando ahi installados, a par do escriptorio, um restaurante, um banco e uma estação telegraphico-postal, bem como as casas de habitação do director e do engenheiro da exploração. Do lado opposto está o mercado de peixe. Entre este e o corpo principal ha uma passagem destinada á venda das aves vivas, fornecidas pelos camponeses dos arrabaldes.

Estas construcções são rodeadas por todos os lados, menos pelo do edificio da administração, por um pateo á inglesa e, nas frentes que dão para a rua, por uma serie de estabelecimentos de venda.

O sub-solo serve de armazem para diversos generos.

O que ha de mais notavel, entretanto, nesse mercado, são as installações frigorificas, descriptas pela revista "Suissa Technica", que nos permittimos transcrever.

"Estas installações compõem-se, em principios, de tres partes. A primeira destina-se a assegurar o arrefecimento dos armazens frigorificos; a segunda parte é constituída por uma fabrica de gelo e a terceira parte por uma installação de armarios frigorificos nos estabelecimentos de venda do edificio principal.

Os armazens frigorificos servem para a armazenagem dos generos alimenticios tanto para a venda nas lojas do mercado como para uma conservação mais prolongada para outros fins. Estes armazens, situados no subsolo do edificio, tem duas camadas para a conservação de carne, uma para a de fructas e legumes, uma camara de descongelação e uma camara para caça.

Todas estas salas convergem numa ante-camara cuja temperatura é um pouco mais elevada. Existem duas camaras de peixe collocadas separadamente, para evitar qualquer propagação do cheiro. Conforme a qualidade das mercadorias a conservar e o gráo de humidade desejado, assim se faz o arrefecimento por circulação de ar frio, por irradiação directa ou por um sistema combinado. Todas as camaras frigorificas são providas de compartimentos em que cada negociante pode guardar a sua mercadoria.

O arrefecimento faz-se no sarrefecedores do ar e nas serpentinas das camaras, por evaporação do amoniaco liquido. A ventilação dos locais está assegurada por uma rede de ar fresco e de ar viciado bem como pelos ventiladores necessarios.

A fabrica de gelo tem uma producção diaria de 12.500 kilos. Na occasião das experiencias, obteve-se, sem difficuldade, uma producção de 14.000 kilos. A fabrica está provida de todos os aperfeiçoamentos modernos: enchimento automatico e agitação dos moldes, manutenção mechanica e agitação mechanica da agua para se obter o gelo transparente. A fabrica pertence tambem um armazem de gelo que pode comportar a producção de tres dias.

Os armarios frigorificos estão installados em todas as lojas de venda de carne e de productos de leite. Estes 76 armarios são construidos em betão armado, tem um isolamento de cortiça, um revestimento exterior de azulejo e um revestimento interior em chapa envernizada. O arrefecimento faz-se por meio de uma serpentina, atravessada por uma corrente de salmoura fria. A maior parte dos armarios para carne tem na face anterior uma vitrine triplice em cristal, cujo painel central forma a porta. O interior é provido de ganchos em metal inoxidavel. Os armarios para os productos do leite estão divididos em quattros compartimentos providos cada um de uma porta.

As duas portas superiores formam a vitrine. Alguns armarios frigorificos para carne, que ficam collocados nos balcões da exposição das lojas menores, não levam vitrine".

"A producção do frio, propriamente dita, é feita por compressão de vapores seccos de amoniaco, com o auxilio de tres compressores Sulzer, verticaes de duas phases, providos de todos os aperfeiçoamentos da technica moderna: lubrificação cada um uma potencia frigorifica de 75.000 frigorias por hora e o terceiro 47.000 frigorias por hora".

Essa rápida descripção mostra o quanto estamos longe de possuir um mercado digno desse nome na Capital da Republica, com uma população muito superior á da pequena cidade rumena, em que, desde janeiro de 1936, está funcionando aquelle modelar mercado.

Façamos votos para que os nossos administradores, bem considerando a necessidade de uma mais perfeita e hygienica alimentação da população da Capital, se decidam a imitar o exemplo da municipalidade da pequena cidade mineira de Ploesti.



O NOVO MINISTRO DA AGRICULTURA

Pelo Sr. Presidente da Republica, logo após a implantação da nova ordem constitucional, foi assignado acto nomeando para a pasta da Agricultura o Dr. Fernando Costa.

O registro de tal facto se reveste de importancia excepcional para a classe agricola do paiz, por ser esta a primeira vez, na nossa historia, que a pasta de producção é occupada por um agronomo, e, o que é mais, por um dos mais illustres representantes da laboriosa profissão.

De facto o Dr. Fernando Costa, nos postos que já occupou na administração publica, sempre se revelou um dos mais profundos conhecedores dos nossos problemas economicos, imbuldo do mais acendrado patriotismo e sinceridade. É exemplo da sua intelligencia e operosidade a Secretaria de Agricultura de São Paulo, onde a sua acção bemfazeja operou verdadeiro milagre, começando por procurar inteirar-se dos estudos realizados pelos seus technicos, com elles esboçando o plano de seu programma de trabalho.

É do nosso illustre consocio, Sr. William Wilson Coelho de Souza, a seguinte summula das fecundas realizações na Secretaria da Agricultura de São Paulo, no discurso que, em nome dos agronomos, pronunciou por occasião da posse de S. Excia. e que, com prazer, transcrevemos:

"Graças a este methodo salutar, poz em pratica com relação ao café, para começar pelo mais importante dos nossos productos, a lavoura racional, o eleiramento permanente, a colheita natural, a secca, á sombra, o despulpamento, o beneficiamento perfeito do producto, culminando pela prova de chicara. Nesses trabalhos o Secretario, com a sua experiencia profissional, com a sua observação attenta do problema, que era facilitar a sahida do producto do campo a Santos, pode acompanhar passo a passo, o exito das tentativas emprehendidas pelos seus technicos.

O interessante é que tudo isso se fazia numa occasião em que os lavradores, embalados pelos sonhos dos preços altos do café, ciosos de sua longa experiencia das questões cafeeiras, não poderiam avallar os efeitos da revelação que lhes offercia o grande Secretario. Em synthese, ficou evidenciado que no Paiz maior productor do Café no mundo, no grande centro nada se conhecia e se praticava de racional nos processos da lavoura, de colheita, de sec-

ca, de beneficiamento, de classificação e de degustação do café. Os brasileiros, inclusive os paulistas, não sabiam preparar e degustar o bom café, tudo quanto faziamos attentava contra o paladar da boa bebida.

Desse conjunto de actividades resultou o conhecimento pleno dos problemas technicos cafeeiros, que são o arcabouço do Serviço Technico do Café.

Na tocante ao algodão suas iniciativas foram igualmente felizes. Quando iniciamos juntos a campanha do fomento á cultura do algodoeiro, entre 1927 e 1928 ninguem em São Paulo acreditava no seu exito. Os cafeeicultores paulistas á sombra dos preços de mais de duzentos mil reis por sacca de café, consideravam o algodão, na gyrta dos Fazendeiros, como "Quitanda". Diziam-nos que deixassemos — o algodão para o Nordeste; em São Paulo só se cuidava de café. Mudam-se os tempos e veio a ser o algodão que veio salvar a situação ruinosa de finanças de muitos desses Fazendeiros que nos mandavam "pregar noutra freguezia": é do Estado produzindo 200 milhões de kilos.

É interessante resaltar alguns factos: a fibra do algodão paulista, graças ao concurso de sementes de variedades degeneradas, era então de 21 e 22 mm. — igual ao indiano, um dos piores algodões do mundo.

Os typos que seus algodões alcançavam eram de 7 e 9 e não negociaveis, em razão da falta de assistencia á lavoura e ao beneficiamento do producto. Em Outubro de 1930 quando deixamos a Secretaria o algodão paulista se classificava nos typos 3 e 1 e a sua fibra era de 28|30 mm., em razão das medidas postas em pratica: distribuição de sementes seleccionadas e expurgadas; combate ás pragas, assistencia aos lavradores e aos machinistas.

Na questão da canna de assucar suas iniciativas foram igualmente de efeitos brilhantes: aproveitando os resultados da Estação Experimental de Piracicaba, multiplicou no Estado as variedades javanezas, e com isso resurgiu a lavoura cannyeira de São Paulo, fadada a desaparecer, em razão do "mosaico", que reduzia o rendimento por hectare e o teor em saccharose do caldo. A propaganda neste sector teve successo surprehendente. Dentro de 3 annos o quadro desolador se transformava em prosperidade.

Felizes igualmente foram suas actividades em torno da cultura de cereaes: com a distribuição de boas sementes e a assistência técnica aos lavradores. Nesse numero destaca-se o que fez pelo trigo e os resultados a que chegou quer em culturas experimentaes, quer na grande cultura.

Ficou demonstrada a possibilidade desta lavoura no solo paulista.

Muito fez elle tambem pela cultura do fumo com a assistência dos pequenos productores de batatas, tomates, e outros productos hortícolas.

Isto na parte propriamente de Fomento que cabia a uma Directoria especial.

A parte de pesquisas Agronomicas ficava a cargo do Instituto Agronomico de Campinas, que resolvia o problema das sementes seleccionadas, da adubação e de todas as tentativas de caracter experimental que eram entreaes ao Fomento, para divulgação e aproveitamento pelos lavradores.

O Instituto Biologico realizava toda a parte de pesquisas em torno de plantas e dos animaes, sendo o Fomento, na parte Agricola e a Industria Animal, na sua, os órgãos de applicação de taes estudos.

A Fruticultura mereceu-lhe particular attenção com os trabalhos das estações experimentaes de Campinas, Sorocaba e São Roque e a assistência técnica aos fruticultores.

Ao Reflorestamento deu especial desenvolvimento e surgiram o Serviço Florestal com os seus Hortos, sendo que o da Cantareira representa um maximo de arte, belleza, e utilidade; cerca de um milhão e quinhentas mil mudas de essencias florestaes foram distribuidas no ultimo exercicio.

No sector da Pecuaria produziu o deslumbramento da formidavel organização da Agua Branca, onde o Departamento da Industria Animal, teve condigna installação e os lavradores se beneficiaram da introdução no Estado de reproductores finos de todas as especies de animaes domesticos. Tiveram os seus cuidados os pequenos animaes: com o incremento da avicultura, apicultura, sericultura, piscicultura. Em cada um desses ramos realizaram-se trabalhos que isoladamente bastariam para recomendar o nome do Sr. Fernando Costa á benemerencia. Basta citar o que representa hoje a industria de ovos e criação de aves só nos arredores de São Paulo, sem falar no seu interior; o que é hoje ainda a industria da Criação do Bicho da Seda e das Abelhas.

O problema da Apatite procurou enfrentar para solucionar o caso da falta de

phosphoro nas terras paulistas da superficie, buscando-o de uma jazida no seu subsolo.

Quando veio em São Paulo a debacle do Café depois de 1930, o largo ciclo de taes iniciativas que apontamos, offereceu aos productores bandeirantes, oportunidades magnificas para desenvolverem suas actividades em varios ramos.

E de tudo isso beneficiou-se a economia paulista, que sahia da mono — para a polycultura."

O DISCURSO DO SR. FERNANDO COSTA

O Sr. Fernando Costa, ao assumir o cargo de Ministro da Agricultura, proferiu o seguinte discurso:

"Srs. Ministros. Meus senhores: "Ao assumir a gestão deste Ministerio, um dos mais importantes departamentos da publicação administração e onde se debatem os assumptos mais complexos da vida nacional ligados á producção de riqueza, agradeço profundamente sensibilizado, as palavras generosas com que acabo de ser acolhido pelo meu illustre antecessor.

Distinguido pela generosidade do Exmo. Sr. Dr. Presidente da Republica para participar do seu governo nesta pasta, que, no dizer de Calogeras, é a que requer de seu titular os mais variados conhecimentos para o satisfactorio desempenho de suas complexas funcções e multiplas attribuições, sinto bem a responsabilidade dos encargos, que assumo, recebendo-o das mãos de V. Excia., Sr. Dr. Odilon Braga, que, com grande tino administrativo e real proveito para a prosperidade da nação, superintendeu, durante longos annos, os negocios da Agricultura.

Cabe-me a insigne honra de tão grande dignidade, de tão alta missão, justamente neste momento de transformação das nossas leis basicas, ináuguradoras de um regime novo, cheio de esperanças para a vida politica, social e economica do paiz, dictadas, como foram, para um governo forte, capaz de solucionar com rapidez e segurança os problemas nacionaes.

A machina governamental commumente é morosa em seus movimentos. Cumpre que o encarregado de sua direcção, além de uma energia precisa, possua uma força dynamica que se transmita a seus auxiliares, disponha de meios e poderes sufficientes e proprios, para poder realizar, com brevidade e certeza, os elevados objectivos a que se propõe.

Para governar é preciso que se disponha de uma relativa liberdade de acção;

que esta seja rapida e eficaz e nunca tolhida pela burocracia, em suas realizações beneficicas.

Geralmente o povo teme a acção official, pela Constituição, ao envez de encorajar e impulsionar, perturba e atrapalha a actividade individual.

Esperamos que, com as diretrizes traçadas pela Constituição, ora em vigor, surja uma nova era, impulsionadora de maiores realizações, fecundas e beneficicas para a grandeza da Nação.

Nosso paiz, com sua immensa extensão territorial, com seus climas variados e com suas formações geologicas diversas, é perfeitamente capaz de produzir quasi todas as categorias de culturas do mundo.

Para isso, entretanto, mister se faz uma direcção dynamica para acudir, em todos os sectores os elementos formadores de riquezas, syntheses da prosperidade nacional.

A vastidão de nossa terra, contrastando com a escassez de sua população quasi sem iniciativa, esperando o auxilio e o apoio official pede, portanto, maior rapidez na execução dos actos emanados deste Ministerio.

Temos terras para todas as culturas; donde, a necessidade de um programma de acção que estimule, em cada espaço propicio de terreno, culturas adequadas e intensificadas na technica de nossos dias.

E' preciso que se estimule o intercambio entre os Estados; pois, as grandes amizades se formam nas relações commerciaes. Aqui poderemos intensificar, cada vez mais, a integridade da Patria.

Derrubadas as florestas e esgotadas as terras por plantações successivas ou empobrecidas pelas enxurradas nas erosões damnosas, necessitamos de technica moderna, que conceda ao agricultor o maximo do rendimento.

Não podemos continuar mais com os processos rotineiros de outrora, derrubando mattas e lançando as sementes no solo requemado, onde tudo produz com exuberancia, compensando o lavrador com farta messe.

Hoje, o agricultor, precisa conhecer a terra que cultiva, e os seus elementos componentes para provel-a dos que faltam, lavral-a mecanicamente para que sua producção atinja o maximo, em quantidade, para que possa enfrentar a concorrência mundial e lhe ser compensadora.

Estamos na época dos agronomos, de espalhar-os por todos os recantos do paiz, na cruzada santa de fazer a terra produzir o quanto a Nação necessita para restaurar suas finanças, para poder augmen-

tar seu Exercito e a sua Armada, para abastecer a sua população com generos bons e baratos, para melhorar a raça criando uma geração de homens sadios e fortes, hygienica e espiritualmente aptos para lutar contra as agruras da vida, de modo a collocar a patria entre as mais consideradas do mundo.

Isso, meus senhores, só se pode conseguir com a producção de seus minerios.

Necessitamos de conhecer bem o nosso solo e sub-solo para que possamos explorar convenientemente as suas riquezas.

Não é admissivel, meus senhores, num paiz como o nosso, a falta de uma commissão geologica devidamente aparelhada para estudar nossas riquezas ainda adormecidas e que exploradas, poderiam trazer o nosso engrandecimento.

Dizia eu sempre, quando Secretario da Agricultura de São Paulo, que para estudar as nossas leis existiam, no Brasil, milhares de bachareis e para estudar as riquezas do nosso solo e sub-solo, possuímos, apenas meia duzia de geologos.

E é, entretanto, da terra que sahem todas as riquezas que a industria transforma e o commercio colloca.

Com esta multiplicidade de climas e de solo não conseguimos ainda produzir, em quantidade, o nosso consumo, pois, continuamos ainda a importar generos, para nossa alimentação, num valor superior a um milhão de contos de reis.

A producção de um pão-mixto, aproveitando o trigo, o centeio, a mandioca e o milho muito concorreria para a economia nacional.

O centeio, que cresce com a mesma pujança do arroz, poderia ser cultivado em São Paulo até o Rio Grande do Sul, prestado-se para o fabrico do pão chamado preto, alimento de primeira ordem, para nosso consumo.

Com aproveitamento desses productos poderíamos conseguir uma economia superior a quinhentos mil contos.

O Brasil, com seus rios caudalosos e abundantes em peixes de todas as variedades, e com sua costa immensa, importa annualmente milhares de contos de bacalháo e outros peixes, quando, se fizessemos a racionalização da pesca, poderíamos conseguir mais do que o necessario para o nosso consumo.

Cumpre-nos olhar para a vida dos praianos, criando organizações de pesca, ensinando-os a cultivar as terras marginaes, educando-os sanitariamente para que possuam a resistencia physica tão necessaria ao seu pesado myster, dando-lhes, enfim, as instruções necessarias para

obter, de sua profissão, resultados compensadores.

A pecuária de horizonte tão promissor pela variedade de pastagens e de rebanho capaz de melhoramento, deve merecer atenção especial dos poderes publicos.

O vasto campo de criação, da abelha ao boi, convenientemente explorado, seria uma outra fonte de immensa riqueza.

Basta dizer-los, meus senhores, que a produção de cera e mel nos Estados Unidos, em 1919, se não me engano, attingiu uma importancia quasi igual, em valor, a da produção do café no Brasil.

O problema da irrigação é tambem de summa importancia para a nossa vida agricola. As terras irrigadas compensam fartamente o agricultor, substituindo o elemento metereologico, quando serodio.

Não cuidamos convenientemente do reflorestamento.

As leis existentes nesse sentido, não resolvem o assumpto nem concedem as garantias necessarias aos que se entregam a tão elevado objectivo.

Urge resolver, igualmente, o problema da educação. O rendimento maximo economico por unidade de superficie deve merecer toda a atenção dos lavradores, pois é sabido que, por exemplo se numa superficie de um alqueire de terra, colhemos 40 a 50 arrobas de algodão, essa produção é anti-economica, porque se adubarmos adequadamente, de accordo com as necessidades do terreno, a colheita se elevará a 300 arrobas.

Em São Paulo, em uma mesma area que produz 200 milhões de kilos de algodão, poder-se-á com a adubação, duplicar essa quantidade. O augmento de produção por unidade de superficie é o unico meio de o agricultor obter lucros compensadores e de entregar sua produção ao consumidor por um preço razoavel.

Produção minima por unidade de superficie é o encarecimento do producto, e o seu afastamento da concurrencia mundial.

Visitando o Estado de Pernambuco, tive a occasião de vêr seus canaviaes com uma produção insignificante, comparada com a de Campos, no Estado do Rio e a de São Paulo. Isto nos evidencia que a adubação é essencial para a vida agricola.

Além deste problema, cumpre-nos estudar os metodos de selecção das sementes, standardizando os typos de productos para poderem ser exportados.

Parece incrível mas é a verdade. Assim, se quizermos fazer uma exportação de milho no Estado de São Paulo, não conseguiremos por falta de standardização de typos.

O estudo da genetica, complexo mas de grandes finalidades na produção economica, é completamente desconhecido e por isso mesmo inapplicado pelos nossos agricultores.

Precisamos entrar no regime da methodização do trabalho e da divulgação dos conhecimentos racionais da Agricultura, fazendo propaganda entre os camponeses e não nos clubs das cidades.

Cuidar dos que lavram e cultivam a terra, inculcando-lhes os conhecimentos da modernização agricola é um dos deveres imprescindiveis deste Ministerio.

Estive ha pouco tempo, no Nordeste brasileiro. As suas terras nuas, a perder de vista offerecem um campo vastissimo para realizações praticas, em beneficio de sua população, que luta com factores adversos e pede aos poderes competentes auxilios para vencer.

Seria longo enumerar, neste momento, todos os trabalhos concernentes a este Ministerio e que demandam atenção de seus dirigentes.

A complexidade dos assumptos e a diversidade das produções, reclamam technicos especializados, que estudem racionalmente todas as questões, de forma que este Ministerio seja, de facto, o impulsor de tudo quanto possa concorrer para a prosperidade economica do paiz.

Acabo de deixar a presidencia do D. N. C., tendo a felicidade de o fazer justamente no momento em que essa instituição retira de suas funções o controle do mercado e o commercio cafeeiro entra em relativa liberdade capaz de enfrentar os concorrentes, auxiliando em essa lavoura que foi e será ainda, por muito tempo, o esteio da nossa situação economica.

Reconhecendo o Governo a necessidade da retirada dos onus que dificultavam o commercio da preciosa rubiacea, que fez a grandeza e a prosperidade do Brasil, eu me sinto feliz por se ter operado na vigencia da minha Presidencia a realização desse acto tão benefico.

Terminando, declaro que procurei, na medida de minhas forças, corresponder a particular confiança do Exmo. Sr. Presidente da Republica, trabalhando com sinceridade, com amor e sem desfallecimentos, pela Republica e pelo Brasil."



Sociedade Nacional de Agricultura

BREVE RESENHA DE SUAS ACTIVIDADES EM 1937

Durante o anno de 1937, grande e proficua foi a actuação da Sociedade Nacional de Agricultura, no desempenho das funcções que se impoz em beneficio da economia e da industria rurales do paiz. Capitularemos, a seguir, as principaes faces dessa actividade quotidiana e ininterrupta, cujos resultados nada ficaram a dever aos annos anteriores.

ESCOLA DE HORTICULTURA WENCESLAU BELLO

Foi este, sem duvida, um dos mais importantes sectores da actividade da instituição no anno transacto. Grande parte da actividade da directoria e dos funcionarios se concentrou sobre esse empreendimento, inaugurado no meiado do anno, depois de um longo periodo de preparação, que foi desde a construcção dos edificios e equipamento das salas de aula, refeitório, dormitório, gabinetes e demais dependencias, até a organização da horta-modelo e dos campos de cultura, apiario, estabulo, etc. — Tendo o trabalho de installação consumido quasi que todo o exercicio, não foi possível á directoria iniciar os cursos regulares de horticulor, tendo, comtudo, proporcionado aos pequenos lavradores e representantes outros de classes as mais variadas, cursos rapidos, como o de ENXERTIA e o de DEFESA SANITARIA VEGETAL. No primeiro, matricularam-se 45 alumnos, tendo sido approvados trinta. No segundo, cerca de 150 pessoas solicitaram inscrições, decorrendo o ensino com uma media de frequencia elevada e sob o maior interesse. Não foi possível, ainda em 1937, submettel-os a exame, de forma que apenas a turma de ENXERTADORES constituiu o primeiro resultado da Escola no dominio pratico do ensino. O Sr. Ministro Fernando Costa, juntamente com outras autoridades, visitou demoradamente o estabelecimento, prestigiando, assim, a iniciativa da Sociedade Nacional de Agricultura que, na opinião de todos quantos alli vão, honra o seu passado e constitúe uma das grandes esperanças no dominio do ensino profissional da horticulora no paiz.

SEMANA DO LEITE

A exemplo do que já havia realizado um anno antes, levou a effeito a Sociedade,

no recinto da feira de amostras, a II "SEMANA DO LEITE", constante de uma pequena exposiçáo não só de productos como de instrumentos e utensilios empregados no tratamento, transporte e conservação do leite; de distribuição do producto, gratuitamente, ás escolas, em dias determinados; e, finalmente, de uma serie de palestras pelo radio, da autoria de technicos e especialistas no assumpto, visando propagar o maior uso do leite como alimento e de instruir o criador quanto ás melhores praticas de tratamento e producção. Está em preparação uma interessante publicação contendo os resultados dessa "Semana", que tudo aconselha deva ser repetida todos os annos e sempre com maior desenvolvimento

PÃO MIXTO

Durante o correr de 1937 viu a Sociedade concretizada em decreto-lei do Governo uma das suas mais antigas campanhas: a do pão mixto. Vinha de 1916 o seu trabalho nesse sentido, quando, ameaçado o paiz, em virtude da grande guerra, de ficar sem pão, lembrou-se a Sociedade, com Miguel Calmon á frente, de fazer a propaganda de succedaneos. Realizaram-se estudos e praticaram-se experiencias. Mais tarde, em varios outros periodos, novas tentativas foram feitas, então, não pelo motivo da falta do grão, mas para evitar o escoamento de grande parte do nosso ouro, com as crescentes importações e o encarecimento do producto. Ainda durante 1937, novamente se lançou a Sociedade na campanha em prol do pão mixto, coadjuvando a iniciativa de alumnos do Collegio Pedro II e reunindo moageiros, panificadores e demais interessados, para uma solução do assumpto. Foi quando, reconhecendo essa necessidade, deliberou o Governo ferir de frente o problema, tornando obrigatorio o uso do pão mixto com o emprego de uma parte de farinhas de producção nacional. Está em preparo um interessante volume no qual se condensa todo esse longo trabalho de vinte annos, e no qual os estudiosos encontrarão grande quantidade de subsidios, necessarios ainda durante a pratica do decreto governamental.

II CONFERENCIA NACIONAL DE PECUARIA

Reunida em fins de 1936, a II Conferencia Nacional de Pecuaria pôde ser considerada como um dos mais importantes congressos realizados no Brasil nos ultimos tempos. Uma das resoluções da Conferencia foi justamente o de encarregar a Sociedade da confecção dos "Annaes" e da elaboração das conclusões finais, tendo, para isso, sido nomeada uma comissão composta dos Snrs. Arthur Torres Filho, Antonio de Aruda Camara e Luiz Marques Poliano. Comquanto realizado, durante 1937, aquelle importante serviço, não pôde ainda ser dado á publicidade o resultado da Conferencia, porque só em começos de 1938 foi recebido o auxilio prometido pelo Governo para a publicação. Esta, uma vez recebido o auxilio, já está sendo impressa.

CONSELHO FEDERAL DO COMMERCIO EXTERIOR

Continuou como representante da lavoura no Conselho Federal do Commercio Exterior o 1.º Vice-Presidente, em exercicio, da Sociedade Nacional de Agricultura. Numerosas foram as contribuições alli levadas, reflectindo o pensamento da classe, não só como resultado das sessões semanais da Directoria, como de appellos recebidos de grupos de productores e de associações de todo o paiz. Muitas dessas aspirações foram consideradas pelo importante organ, e levadas, algumas, ao extinto congresso em mensagens para a sua adopção em lei.

SESSÕES SEMANAES

Constitúe sempre um repositório de informações aos que se dedicam ao estudo das nossas cousas economicas, o resultado das sessões semanais da Sociedade Nacional de Agricultura. Além da divulgação que têm na imprensa diaria do paiz, e no organ da Sociedade, a revista "A Lavoura", são sempre assistidas por grande numero de interessados.

Os assumptos debatidos, e os resultados a que chegam, além de um grande elemento de propaganda destes assumptos, têm a virtude de estabelecer um contacto estreito entre os interessados e os representantes do poder publico, como, tambem, o de manter em cogitação os problemas que os congregam na Sociedade. E' dessas sessões que sempre partem as suggestões da Sociedade aos productores e aos governos.

PUBLICAÇÕES

Além da revista "A Lavoura", organ da Sociedade e da Confederação Rural Brasileira, algumas outras publicações, de immediato interesse para a propaganda dos assumptos agricolas e economicos foram editados durante o anno pela Sociedade, todas distribuidas gratuitamente entre os interessados.

BIBLIOTHECA

A Bibliotheca da Sociedade foi muito frequentada. E', sem favor, uma das mais completas no assumpto, sendo, por isso, constantemente procurada pelos interessados. Grande numero de volumes foram, durante o anno, classificados, enriquecendo-a.

CONTADORIA CENTRAL FERROVIARIA

A Sociedade Nacional de Agricultura mantém, nesse importante organ, um representante permanente, que lhe leva as suggestões da lavoura e da pecuaria na questão dos transportes.

DISTRIBUIÇÃO DE MUDAS

Seguindo na pratica que vem desde a sua fundação, a Sociedade manteve a distribuição de plantas frutíferas, sobretudo das do genero citrus, mediante o pagamento do custeio da producção. Os processos de producção têm-se aprimorado ultimamente, com o objectivo principal de orientação dos que desejem, tambem, produzir mudas para disseminação.

EXPOSIÇÃO-FEIRA DE NOVA YORK

Junto á Comissão de representação do Brasil na Exposição Feira de Nova York, figura o delegado da Sociedade, na pessoa do seu 1.º Vice-Presidente em exercicio.

INTERCAMBIO COM AS ASSOCIAÇÕES CONGENERES

A Sociedade Nacional de Agricultura manteve, durante o anno e vem estreitando, cada vez mais, as suas relações com as associações rurais de todo o paiz. Não raro, as representa em suas pretensões nesta Capital, junto as empresas ou ao governos.

A Pecuaria no Brasil Central e suas Necessidades

IRIS MEINBERG

Contribuição do Sindicato dos Invernistas e Criadores de Gado — Barretos, à II Conferencia Nacional de Pecuaria.

Parece-nos, como medida elucidativa, necessario façamos, em pinceladas rapidas e fortes, um pequeno historico do que tem sido a pecuaria, até o presente momento, no Brasil Central, e, especialmente, na Bacia do Rio Grande-Paraná, abrangendo assim, os interesses pecuaristas dos Estados de Goyaz, Matto Grosso, Minas e São Paulo, para que se facilite o alcance das medidas que preconizarmos como uteis ao seu desenvolvimento.

A pecuaria tem sido, desde os tempos coloniaes, a fórma mais generalizada da exploração da terra. No pastoreio encontram o recurso supremo, nos primeiros tempos, os colonizadores sem capitaes ou de parques recursos, que aspiram ingressar na pequena aristocracia colonial e, pela grande facilidade das funções pastoris, a pecuaria rapidamente se difunde, em zonas propicias e favoraveis, onde o clima, a topographia e todos os elementos se conjugam, na epoca, para o desenvolvimento da então incipiente industria pastoril. Primeiros desbravadores de uma zona agreste e traiçoeira, seguidores das rôtas dos bandeirantes, donde riscam obliquas que se internam pelos rincões do paiz, homens bravos, valentes e intrepidos, são elles, os pecuaristas, que na phrase de OLIVEIRA VIANNA "resistem ao primeiro impeto das vagas da selvageria amotinada: — e são como o quebramar, que protege, contra a erupção do gentio, o trabalho pacifico dos engenhos e das lavouras da costa".

Foram elles os formadores dos planteis que nos forneceram o gado caracú, o mocho, o curraleiro, o junqueira, o franqueiro e o pantaneiro.

A principio, os campos nativos para o pastoreio; depois, as pastagens privilegiadas, creadas pelo braço trabalhador e pertinaz da nossa gente, que transformou a mattaria impenetravel e hostil, creando a riqueza incomparavel dos rincões sertanejos, que produzem para a economia publica e para a riqueza particular uma contribuição apreciabilissima, á custa exclusiva do labor roceiro, operou-se o milagre da transformação da mattaria hostil e inhospil na riqueza que, reunidos hoje, procuramos defender. Nas primeiras sendas abertas para aquellas penetrações, operou-se, posteriormente, no Imperio e já na Republica, e ainda agora se opera, o carreamento da riqueza que a pecuaria produziu e produz para os centros consumidores. Sentinellas avançadas foram elles o elemento defensor da nacionalidade, estreitando, nos carreamentos das riquezas, os laços de brasilidade que ligando o elemento fixado no littoral com o elemento sertanista, irmanou a todos, num mesmo sentimento de amor á terra commum.

O milagre da transformação do sertão, em privilegiadas zonas de engorda, com planteis de inferior qualidade e que não podiam fornecer o producto que o paladar exigente do consumidor reclamava, com as periodicas crises economicas, não raro, encaminhadas ou preparadas pela especulação do capitalismo que desloca para os cofres dos ambiciosos gananciosos o resultado da coragem e da tenacidade dos velhos desbravadores vencidos, a melhoria do producto, pela selecção intelligente, operou-se sem que qualquer dos governos passados prestasse a elles favores, ajuda ou animação, os quaes viram sempre, se no minimo movimento de protecção, o derrocar desta promissora riqueza. Não se abate nem se abateu o creador, o invernista, embora contra elle hoje se monopolizem a especulação das companhias frigorificas que,

COMISSÃO PERMANENTE DE FEIRAS INTERNACIONAES DE AMOSTRAS

Junto a essa Commissão, tambem, está a Sociedade representada por um dos seus directores technicos, em virtude da lei que as instituiu na Capital da Republica.

São estes, os principaes factos que a Sociedade póde alinhar como principaes da sua actuação em 1937. O seu maior

serviço, porém, o que lhe consome mais energias, é o que se refere aos agricultores, socios ou não, que a ella recorrem pleiteando medidas, informações e consultas. E' um trabalho que fica restricto ao expediente diario da instituição, mas que representa, ao fim de cada anno, um dos seus maiores acervos em beneficio da economia nacional.

de mãos dadas e de interesses conjugados, impõem preços e condições, em operações que se realisam ao talante do comprador, com a acceitação obrigada, submissa, do invernista necessitado, já pelas condições de desmerecimento de seus rebanhos pesteados ou resentidos da falta de pasto, consequência das secas periodicas, já pela obrigação inadiavel de attender aos seus compromissos financeiros. Haja vista o recente dissidio levantado entre as Companhias e os Invernistas, referente á imposição feita por aquellas a estes, de desconto, em o producto da venda dos lotes de boi, do imposto ou taxa de fiscalização sanitaria animal, creada pelo art. 1.º do Dec. Est. n. 7.499, de 31 de dezembro de 1935, e que, pela expressão clara da lei, será devido sobre todo o gado abatido no territorio do Estado e por quem o abater.

Luctando contra tudo isto e mais, contra o desinteresse dos Governos passados — que transformaram o producto da pecuaria em cabide de impostos, — o invernista, o criador e o boiadeiro do Brasil central, construíram, famoso já pelo seu producto estandardizado e pelo numero de rezes que invernava e abate, o emporio de gado de Barretos, sinão o maior, pelo menos um dos maiores entrepostos e que se encontra nesta altura sem uma feira official de negocios, sem um posto de melhoria, sem uma escola de aperfeiçoamento ou educação, sem qualquer aparelhamento ou beneficio publico, a não serem as fiscalizações sanitarias, destinadas á garantia dos productos exportados.

E' de justiça que se saliente a cooperação trazida pelas Companhias Frigorificas na selecção do producto estandardizado, cooperação esta que o invernista intelligente aceitou e se vem dedicando com afinco para a necessaria melhoria, estimulando o criador, pela valorização de bons planteis e com as características de um bom producto exportavel, que satisfaça as condições de maior produção de carne, a qual, día a dia, vem tendo maior acceitação no mercado estrangeiro.

Excede de 700.000 rezes o numero de hovinos que o mercado de Barretos vende annualmente ás Empresas Frigorificas estabelecidas no Paiz, ás Xarqueadas e os Marchantes Nacionaes, gado que recebe, vindo de Goyaz, Matto-Grosso e Triangulo Mineiro, á engorda necessaria, pois, devido á longas caminhadas que é obrigado a emprehender do centro de criação aos de engorda e de gro. São precisos de dez a doze mezes de matacionamento desse gado em nossas invernações para que elle possa alcançar a graxa ou o typo exigido pelos mercados consumidores. São vultuosas as despesas que oneram o producto, desde os centros de criação ou centros de engorda aos de consumo, devendo-se jun-

tar a estas asphyxiantes despesas a febre aphtosa, flagello de todos os dias contra o qual ingentemente, vem luctando, sem nenhum resultado positivo, o invernista e o criador, e a qual dizima cerca de 10% dos rebanhos e inutiliza cerca de outro tanto, que, as mais das vezes, não consegue alcançar o seu preço de custo. A conducção das boiadas, dos centros de criação aos de engorda, feita, como já se disse, por péssimas estradas e caminhos, sem pouso certo, sem aguadas sufficientes, com pastagens estragadas, sem nenhuma prophylaxia, custa de 30 a 40% do valor da rez adquirida; a este custo de conducção deve-se accrescer, depauperando a minguada bolsa do invernista e creador, a série inumeravel de impostos, taxas e tributos que, logo ao nascer, começam a onerar a produção bovina. Os impostos de barreira, as taxas itinerarias, os impostos municipaes e de venda e consignação, numa escala sempre ascendente, encarecem a produção, definha o productor e sacrificam o consumidor, sem lucro ou vantagem para a riqueza publica, e é consequência da particular, pois onde não se produz não se arrecada. Além desses tributos ou taxas, está a engorda do gado para o córte, sujeita a outras tantas despesas inevitaveis, como sejam os alugueis das invernações, no valor de 4\$000 cada rez, as quaes se devem juntar, ainda, as de despesas de custeio, sal, piões, tratadores, rezes extraviadas, conducções, depreciação pela phtosa, etc.

Deve a produção receber de todos, governantes e governados, a necessaria protecção, amparo e interesse, como caso de riqueza geral. A ella devem ser dadas todas as facilidades possiveis, para que de seu franco desenvolvimento se beneficie a Nação, beneficiando-se o consumidor. Produzir, fazendo apparecer valor, dando nova utilidade ás coisas da pecuaria, para attender ás necessidades dos homens; produziu do bom e do melhor, pela selecção systematizada da cousa produzida, para que maior seja o valor que se cria; e produzir do bom e do melhor, em condições mais favoraveis, é medida que se impõe, para que os destinos da pecuaria alcance o fim que almejamos, qual o de, pelos seus valores, concorrer para que a Nação occupe o logar que lhe é devido no concerto dos povos adiantados. Para isso, entretanto, é urgente attendendo-se ás condições e possibilidades actuaes utilizaveis da pecuaria do Brasil Central, se imprima orientação mais segura pelo amparo directo e indirecto ao productor, na concessão de facilidades á collocação dos productos e á melhoria dos mesmos nos termos das exigências dos mercados consumidores. O consumo, é principio assente em economia, cresce á medida que são offercidas facilidades ao consumidor para alcançar o producto que necessita. Podendo

os productos da pecuaria, encontrar nos mercados nacionaes consumo intenso, elle é entretanto, restricto pelas difficuldades que são oppostas ao productor nacional, por diversos factores de ordem natural e economica. O afastamento desses factores que obstruem o desenvolvimento da pecuaria de córte no Brasil Central, é o fim que nos propomos com o offerecimento das medidas que julgamos capazes de, com as actuaes possibilidades dos negocios e da nossa organização, concorrer para o progresso da pecuaria da zona central do Paiz.

Transportar — na definição do grande patricio Pandiá Calogeras, — "significa, para o homem, acelerar o rythmo da propria existencia, por diminuição dos empecilhos oppositos ás permutas, representados pelas mudanças no ponto de applicação do esforço individual. E para os productos, transportar, traduz a satisfação da necessidade universal de pôr as utilidades ao alcance de seu consumidor". O objectivo, pois, de transportar, se resume em estabelecer de accordo com o meio, communições para attender ás exigencias do homem, no acceleramento de sua existencia, e de pôr ao alcance do homem consumidor de valores, a utilidade que lhe é dado offerecer. Assim, para a pecuaria, o objectivo nos transportes é estabelecer communições, que pelas suas condições sejam capazes de, com o menor custo possivel com as mais efficientes condições technicas e com a maior redução de tempo, pôr ao alcance do consumidor, os seus productos. Na pecuaria e, principalmente, na industria da carne, o factor maximo do progresso é o transporte. Pelas condições das actuaes communições, a pecuaria no Brasil Central tem o seu progresso entravado pelos transportes, que não correspondem á sua necessidade. Transportar, dos centros de criação em Goyaz, Matto Grosso ou Triangulo Mineiro, para o centro de engorda e de industrialização em São Paulo, é a coisa mais penosa que se apresenta aos pecuaristas. Os transportes para elles se processam pelas estradas de rodagem, chamadas boiadeiras e pelas estradas de ferro, Mogyana, Noroeste e Paulista. As primeiras, remanescentes das primitivas sendas que se afundaram pelos sertões, só permitem o transito a pé, o qual se opera deante das maiores difficuldades, oriundas da natureza do caminho, das penosas travessias a nado, que, as mais das vezes, acarretam consideraveis prejuizos bem como, com as travessias em vapores ou gaiolas, as quaes concorrem para que a rez conduzida, ao chegar ao seu destino, esteja completamente magra, doente e depreciada. As segundas, as ferrovias, apenas encurtaram os percursos que a rez era obrigada a fazer pelas estradas boiadeiras. Podendo trazer, com este encurtamento, as boiadas e as suas con-

duções, quando dos centros de criação, demandam a industrialização ou a engorda nos estabelecimentos ou pastagens de São Paulo, uma contribuição valiosa, as Estradas de Ferro não têm podido attender ás procuras e ás necessidades de transporte daquelles centros pecuaristas. Uma boiada comprada em Matto-Grosso ou Goyaz e encaminhada para o centro de engorda de Barretos, poderia, com menos de vinte dias de viagem, chegar ao seu destino, com menores despesas e e mmenores condições de saude, se esse transporte, pelo menos em parte, pudesse ser feito pela via frrea. Entretanto, dado o pouco numero de viaturas ou gaiolas para transporte de gado, não estão a Noroeste ou a Mogyana em condições de attender aos pedidos dos creadores ou invernistas, para o transporte de seus rebanhos, pelo que se vêm elles na contingencia de conduzir as suas boiadas a pé. Além da circumstancia acima apontada, da falta de material rodante nas Estradas de Ferro Noroeste e Mogyana, deve ser, ainda, annotado que os trens de gado vivo, pelo tempo que gastam nos percursos que devem fazer, não attendem aos interesses da pecuaria. Typico é o caso de um lote de bois embarcado em Barretos para São Paulo, que num percurso de 520 kilometros gasta de 24 a 30 horas, de viagem, quando a mesma distancia é percorrida pelos trens de passageiro em doze horas. E' de se desejar que esse percurso se processe em menos espaço de tempo, para que a produção não se desvalorize com os effeitos da viagem, e não se deprecie a carne, com as echymoses e macerações consequentes a pancadas, esbarrões ou chifradas a que está sujeito o boi embarcado.

A questão dos fretes, do centro de industrialização para o centro de consumo e distribuição, sobre os sub-productos, como sejam, conservas em lataria, xarques, etc., deve ser com carinho examinada, creando-se tarifas que, sem prejuizo das Estradas, deixem de onerar, como até agora o tem feito, esses sub-productos.

Quando em 1914, o Conselheiro ANTONIO PRADO fez abater na Companhia Pastoral e Frigorifica, em Barretos, o primeiro lote de bovinos para a exportação, em numero de cinco e num peso total de 1.250 kilos, longe estavamos de imaginar que, embora tivesse o nosso producto, durante os annos da conflagração européa, consumo forçado, a exportação de carne brasileira, de origem central, attingisse a cifras altamente compensadoras, dada a condição de inferioridade de nosso producto, diante dos de nossos concorrentes, aparelhados com productos provenientes das chamadas raças finas. Ao terminar a guerra, a nossa exportação decresceu, para mais tarde reagir, em consequencia de um novo factor, tendo chegado a alcançar, com

as nossas actuaes condicções, um nivel altamente honroso para o creador desamparado. Assim é que, em 1934, o Brasil Central abateu, para ser exportado, quer em carnes resfriadas — chilled-beef — ou congeladas — ou xarques, cerca de 300.000 rezes, sendo de frozen-beef —, quer em conserva — corned — se presumir tenha digo presumir que muito além tenha ido a cifra de rezes, para identico fim, abatidas no anno de 1935, cujos dados não nos fôra possivel conhecer. O factor maximo que concorreu para que o nosso producto voltasse ao mercado internacional, em concorrência aos apresentados pelos demais paizes productores de carne, é, sem duvida alguma, o zebú nacional, creado pela acção intelligente do creador de Uberaba, e que pela sua rusticidade, precocidade, resistencia e qualidade de carne, foi a unica raça capaz de exercer no progresso e riqueza da pecuaria, uma acção preponderante. Quem depois de 20 annos de ausencia dos centros de criação de Goyaz e de Matto Grosso, alli voltasse, seria surprehendido com o desenvolvimento operado em os nossos animaes para o córte, pois, durante esse curto lapso de tempo, o typo de novillo productor de carne evoluiu. Não se encontra, a não ser na pequena zona daquelles Estados, o velho gado creoulo ou sertanejo. Entretanto, outra, para melhor, poderia ser a situação daquelles centros, se o

nosso creador tivesse sido bem orientado, na escolha de reproductores de linhagem, e não tivesse sido victima de mascattes ou vendedores, que lhes impingiam reproductores de meio sangue, treis quartos e mesmo sete oitavos, como animaes de puro sangue, e se os nossos Governos, comprehendendo o valor da iniciativa dos creadores, os tivesse uxiliado com o fornecimento em favoraveis condicções, de reproductores de linhagem.

Do exposto se verifica que, para maior desenvolvimento da pecuaria no Brasil Central, se faz necessario:

- a) melhoria das estradas de rodagem;
- b) augmento de material rodante nas Estradas de Ferro Noroeste e Mogyana, bem como as que demanda mos centros de criação Goyaz, Matto Grosso e Minas;
- c) revisão dos horarios de trens conductores de gado, dando-lhes preferencia sobre os de passageiros;
- d) incentivar, por todos os meios, a introdução nos rebanhos de Matto Grosso, Goyaz e Minas, de reproductores Indú Brasil, o mais recommendado como o fornecedor de maior contingente de produção de carne, segundo exigencias dos mercados consumidores; e
- e) rever as tarifas das Estradas de Ferro para os productos industrializados.

APHTOSAL

Sal medicamentoso que combate a febre aphtosa extermina os parasitas e revigora o gado, evitando as molestias que em geral dizem as rebanhos.

Aprovado e autorizado o seu uso pelo Ministerio da Guerra.

A Escola Agrícola de Lavras do Governo do Estado de Minas Geraes, scientifica que o «APHTOSAL» é o melhor producto veterinario.

Do Dr. Antonio Botelho Junqueira, Engenheiro Industrial e Criador.

DIRETOR GERENTE DA CIA. BRASIL INDUSTRIAL
Paracambi, 13 de Setembro de 1933.

Illmos. Srs.

Caixa Postal 1127 — RIO.

É com prazer que vos comunico que, por indicação de um amigo, empreguei o vosso preparado «APHTOSAL» em casos de aftosa no gado, obtendo ótimo resultado: os animais doentes restabeleceram prontamente sem queda dos cascos e perda dos pellos e outros resultados desastrosos, e os são ou não tiveram aftosa ou a tiveram muito branda. Notei tambem que «APHTOSAL» é altamente estimulante, podendo ser dado com proveito mesmo aos animaes são, porém debilitados, muito sujeitos a ataques de parasitas. Podendo fazer desta o que vos aprouber, assino me vosso An. Obr.

n) Antonio Botelho Junqueira

Flrma reconhecida.

O Dr. Carlos Guinle attesta que vem usando o «APHTOSAL» na criação das suas granjas com optimos resultados.

Do Dr. Gabriel Ribeiro Ferraz, advogado, fazendeiro, criador e invernista.

Christina, 22 de Abril de 1934. — Illmos. Srs.

Tendo usado o «APHTOSAL», antes, durante e depois da febre aphtosa, quer no gado das invernadas, quer no gado leiteiro, meu e de meus cunhados, posso afirmar-lhes que os efeitos são satisfatorios e em certos casos até surpreendentes. Pelo valor preventivo, curativo e reconstituente, o seu preparado merece ser largamente usado por todos os criadores e invernistas, porquanto, com o seu uso constante, o gado quasi nada sofre com a aphtosa e adquire um pelo brilhante, bem assentado: as vaccas augmentam o leite e o gado de invernada engorda mais rapidamente.

Pelos resultados que obtive, sou hoje, na minha zona, um grande propagandista do seu preparado. Certo, que não lhes faço favor nenhum em assim me expressar a respeito do seu preparado, porque ele vale o quanto peza, autorizo-lhes a fazer desta o uso que lhes convier. Sem mais, sou o Amo. Admor.

Flrma reconhecida.

a) Gabriel Ribeiro Ferraz.

A aphtosa sendo uma febre interna que ataca o organismo do animal não adianta applicar-se remedios externos nas feridas, taes como creolinas e liquidos semelhantes, só um remedio interno e energico como o APHTOSAL, rico em sulphur phosphatado de calcio e outras substancias mineraes pôde applicar os efeitos damnosos da febre aphtosa.

O APHTOSAL é de facil applicação misturado no coxo com qualquer alimento e substitue o sal commum com maior vantagem economica.

Preço do APHTOSAL, sacco de 40 kilos por 52\$000.

APHTOSAL SOCIEDADE ANONYMA — Caixa Postal, 1127 — Rio de Janeiro.

A DEFESA DO VINHO NACIONAL

ALGUMAS SUGESTÕES SOBRE O NOVO REGULAMENTO DA DEFESA DO VINHO QUE DEVERA' SER APPLICADO BREVEMENTE EM TODO O TERRITORIO NACIONAL

O Sr. Lourenço Monaco, adiantado viti vinicultor no Rio G. do Sul, fez em sessão de Directoria da S. N. A., a seguinte comunicação:

Tendo lido no "Diario Official" de 19 de Novembro p.p. uma publicação official sobre o novo regulamento a ser applicado dentro de breve, sobre fiscalização do vinho, e sua circulação e distribuição de accordo com a Lei n.º 549 de 20 de Outubro de 1937, e visto que são recebidas suggestões, tomo a liberdade de trazer a minha modesta contribuição, o que se me affigura necessario para uma efficiente applicação do regulamento em questão.

Art. n.º 12 — Capitulo 2.º

A nomenclatura a ser applicada aos vinhos de fructas frescas e maduras é perfeitamente acertada, achamos porém que a regulamentação sobre a materia deveria ser mais amplamente explicativa. De certo, se os fabricantes dessas bebidas se limitassem pura e simplesmente a preparação das mesmas exclusivamente com fructas frescas e maduras, a Industria Vinicola Nacional nada teria a temer de uma possível concorrência. O preço de custo, fatalmente seria mais elevado do que o vinho de uvas frescas. Infelizmente os taes vinhos de fructas, quasi sempre são o resultado de uma mistura de alcool inferior, assucar ordinario, caramelo de assucar mascavo e esencias artificiaes. De fructas frescas e maduras, só o rotulo. Em geral basta ter uma pipa de amostra, contendo alguma laranja ou algumas fatias de abacaxi, nas officinas de elaboração, para fazer constar o uso das fructas frescas e poder assim serem lançadas no mercado as taes mixordias com o honrado titulo de vinho de laranja, de abacaxi, de cajú, etc.

Pelas precisas experiencias realizadas e pelas analyses e determinações feitas resulta que os succos de seja qual fôr a fructa fresca empregada na preparação de vinhos desse genero, são sempre muito pobres em glicose, muito acidos e sobretudo ricos de materias peticas, albuminoides, gomas, etc. etc., que os tornam diffi-

ceis de fermentar. Nessa classe de preparação, são necessarios aparelhamentos e correções technicas de tal vulto que no final as bebidas assim produziã, resultam como dissemos, muito mais caras que os vinhos puros de uva fresca Nacional, tornando portanto impossivel a concorrência.

Achamos que para impedir toda e qualquer fraude, visto que ainda não se dispõe de material de analyse official para poder reconhecer pelos indices analyticos e a primeira vista a pureza e genuinidade dos vinhos de fructas frescas e maduras, todo e qualquer fabricante desse genero deveria ser registrado officialmente, e na sua escripta deveria constar a quantidade de fructas compradas, mencionando o nome do vendedor e lugar de procedencia, devendo o quantum de vinho produzido estar de accordo com a percentagem acertada de succo que cada typo de fructa fresca produz normalmente. Tantos kilos de laranja, cajú, abacaxi, etc., empregados na fabricação, forçosamente devem produzir tantos litros de vinho. Qualquer quantidade a mais, só pode ser agua, alcool, assucar, etc. Justamente por não se ter cogitado até agora dessa fiscalização em uma forma esclarecida, o mercado Brasileiro, de Norte a Sul, está inundado de uma intinidade de vinhos, impropriamente assim chamados e vendidos como de fructas frescas, quando de fructas não têm nem o cheiro. No interior dos diversos Estados do Brasil, todos fabricam e vendem ás escancaras, moscateis, vinhos do Porto, Vermutes e Quinados, fabricados nas condições explicadas, com facilidade e sem cerimonia assombrosas, e á preços mais assombrosos ainda, impedindo com isso que o consumidor patricio possa fazer uso e conhecer de facto os bons e genuinos vinhos Nacionais de pura uva. E' absolutamente necessario e urgente que dito "renglon" de industria seja regulamentado e fiscalizado por esse Departamento de deteza, afim de facilitar a combater as falsificações e defender assim a genuina Industria Enologica Nacional.

A suggestão apresentada para uma efficiente fiscalização e regulamentação da industria de vinhos de fructas frescas, dá-nos o ensejo para apontar o que se nos affigura mais uma deficiencia do regulamento, com referencia á preparação de vinhos nectares ou artificiaes.

Positivamente esses productos illicitos, de composição subdola e obscurissima, porquanto bem taxados, ainda assim mesmo resultam tão baratos que permitem uma concorrência desleal aos excellentes vinhos licorosos Nacionaes genuinamente de pura uva. São os inimigos fiados da verdadeira Enologia Nacional. Qual será o motivo que ainda se permite legalmente a fabricação de vinhos artificiaes, embora denominando-os de "Nectar"?

Si temos uma industria legitima a defender, si temos que lutar para impôr a mesma á consideração dos consumidores, si já se destillam fortes quantidades de vinhos como quota de sacrificio, em vista da enorme produção actual, porque permittir no Brasil enologico, a fabricação de succedaneos dos vinhos naturaes de uvas? Positivamente e terminantemente deviam ser prohibidos em absoluto, por serem illegaes, ruinosos e contrarios ao surto da nossa Industrial Enologia Nacional. Se o Governo não deseja em definitivo eliminar essa especie de industria que pela sua selagem pode ser muito rendosa, isso não nos parece bastante para que seja mantida a industria de vinhos artificiaes, sob qualquer pretexto e motivo, e a sua denominação de "Nectares" que é uma verdadeira ironia. A bem da nossa genuina Enologia, os vinhos artificiaes, mesmo os nectares, devem desapparecer. Se a questão é de arrecadação, melhor seria taxar um pouco mais os vinhos genuinos que manter e permittir a circulação dos vinhos artificiaes que envenenam o povo e prejudicam uma industria genuina como o é de facto a Industria Vinicola Nacional.

Tendo estudado o sentido do artigo n.º 11, do capitulo 2.º do novo regulamento, seja-nos permittido algumas considerações sobre esse assumpto que affecta a grande e importante classe dos productores de vinhos licorosos especiaes.

Porquanto seja muito certa a nomenclatura a ser usada para os diversos typos de vinhos, tendo por base a casta de uva que serviu para sua elaboração achamos, entretanto, que se devia permittir a denominação de vinhos Moscatel, Malvasia, etc., etc., isso pelos motivos que passamos a esplanar.

E' sabido que actualmente não produzimos uvas de casta Moscatel, Malvasia, etc., castas essas com as quaes se produzem os vinhos licorosos de taes nomes. Apenas produzimos poucos quintaes de taes uvas para consumo de mesa. Ninguém produz actualmente vinhos de pura uva Moscatel ou outras castas apropriadas para elaboração de vinhos licorosos. Infelizmen-

te, ainda bem longe estamos a tal respeito das nações vinicolas europeas que se defrontam com o imperativo da defeza urgente e necessaria dos vinhos regionaes de alta classe. No presente momento, só contamos para nossa industria com uma unica especie de uva, a "IZABEL". Por essa razão, no caso especialissimo dos nossos vinhos licorosos, não vemos nenhum impedimento e nenhum mal em rotulal-os de Vinho Moscatel ou Malvasia. Poder-se-há objectar que se deve proteger a produção estrangeira que vende em nosso Paiz vinhos licorosos Moscateis, Malvasias, etc., isso porém não é motivo sufficiente para protegendo os vinhos estrangeiros, relegar os nacionaes para um segundo plano, dando assim um golpe de morte na Industria Nacional de vinhos licorosos. Aliás, é sabido em demasia que taes similares licorosos importados, não são productos completamente puros e in lórum de uvas Moscateis, Malvasias, etc. etc.

Em regra geral são vinhos licorosos preparados contando entre si, vinhos diversos naturalmente escolhidos e de boa classe, provenientes de regiões de clima e terreno apropriados. Feito o tal corte, adiciona-se o alcool e o assucar necessario, este em forma de mostos concentrados, abafados, mistelles, até chegar-se a um titulo e padronagem necessarios de standardisação, e por fim uma dose de 5 a 10 % de mosto muito rico de glucosio de uva Moscatel, quasi passa, cuja fermentação foi evitada por addição de alcool e forte sulfitação, para não perder-se o aroma delicado de Moscatel; tudo isso depois de convenientemente pasteurizado, clarificado, filtrado e envelhecido, passa-se ás garrafas para ser vendido como producto puro de uva Moscatel, Malvasia, etc. Os vinhos licorosos Moscateis, Malvasia, etc., de pura uva dessas castas são rarissimos e carissimos. A massa toda desses vinhos importados commumente são o resultado, como dissemos, de uma technica especial e da mistura de vinhos diversos, bons, especiaes quanto se quizer, mas nunca a cem por cento de uva Moscatel. E, se a industria estrangeira assim procede nós aqui com os nossos vinhos devemos ser mais realistas que o Rei.

Effectivamente, no caso actual, ha quem pode prejudicar o facto de chamar de Moscatel um excellento vinho licoroso mais ou menos preparado como alhures? Devemos fazer saber que nós não produzimos uva Moscatel? Devemos defender a Industria Enologia estrangeira que mais ou menos procede na preparação desses typos de vinho da mesma forma que nós

aqui no Brasil? Naturalmente, mais tarde, quando se desenvolvesse o plantio de videira da casta Moscatel ou outras do genero, com relativa produçãõ de grandes quantidades dessas uvas para vinificaçãõ, nesse caso seria de justiça impedir que se vendesse um vinho commum como sendo produzido de Uva Moscatel. Até chegarmos a isso nada de mal seria manter a nomenclatura actual, visto tambem que a mais de dez annos se vem empregando, tendo os vinhos franca aceitaçãõ em todo o Brasil. Uma aboliçãõ do titulo Moscatel, immediata, assim como é ideia dos legisladores, seria um prejuizo enorme para a Enologia patricia em geral e mais um motivo de descredito para os nossos vinhos.

Proseguindo em nosso despretencioso intuito de apontar suggestões a esse muito digno Departamento de defeza do vinho e seus derivados, fazemos notar a forma verdadeiramente ingrata como é tratada a legitima bagaceira ou grãpa de uva nos grandes Centros de consumo do Paiz, notadamente em São Paulo, Santos e Rio de Janeiro. Ha casas tidas em grande conta que se occupam na prolificaçãõ da bagaceira pura importada do Rio Grande do Sul. As ditas firmas vendem commumente bagaceira a preços diversos, isso segundo a proporçãõ de agua que entrou na mistificaçãõ do producto. O trabalho de falsificaçãõ do producto puro é facil de ser posto em pratica e por sua vez bastante difficil de ser pesquisado e reconhecido em forma legal a adulteraçãõ effectuada. O procedimento é o seguinte:

Misturando 100 litros de bagaceira pura, custando Rs. 300\$000, com 100 litros de alcool commum, cujo custo é Rs. 90\$000 e mais igual quantidade de litros d'agua que nada custa, temos um total de 300 litros de um producto hydroalcoolico com gradaçãõ alcoolica em volume de mais ou menos 45|50° Gay Lussac ou centigrados que virá a custar Rs. 390\$000 os trezentos litros, ou Rs. 1\$300 o litro, ou ainda, Rs. \$900 a garrafa de 700 gms. Eis como aqui na praça vende-se uma chamada bagaceira a infimo preço de Rs. 27\$000 a caixa de 12 garrafas quando o artigo puro e engarrafado não pode ser vendido a menos de Rs. 40\$000 a caixa. Isso é uma das facetas das falsificações repulsivas e usuaes tambem aqui no Rio de Janeiro praticadas até agora com uma impunidade absoluta. Achamos que para remediar essa anomalia, além de se recorrer a um serviço de analyse fiscalizadora para determinar os caracteres scientificamente exactos do producto bagaceira em estado de pureza, o melhor meio de fiscalizaçãõ

seria o de mandar inscrever em registro especial os importadores e engarrafadores de bagaceira, com obrigaçãõ da parte desses Srs. de lançar em registros controlados os quantitativos de mercadorias recebida e a sahida do artigo vendido engarrafado, ou mesmo quando em barris.

Quem compra 100 litros de bagaceira pura, ipso facto, só poderá vender os mesmos 100 litros, seja em barril ou em garrafas, podendo variar o preço de compra e de venda para ter-se um lucro razoavel e commercial, mas os 100 litros comprados não devem e não podem proliferar.

Continuando, permittimo-nos expender ainda algumas suggestões sobre a fiscalizaçãõ a ser iniciada no Norte do Paiz, zona essa que foi ha dias visitada e estudada detidamente pelo signatario da presente.

No interior dos grandes Estados do Norte, a falsificaçãõ se faz em larga escala. Vinhos chamados de fructas, vinhos nectares, vinhos estrangeiros e sobretudo o vinho Nacional do io Grande do Sul, são sana planta. Vende-se com o maior descaramento, essencias corantes, saes, etc., para essa preparaçãõ extemporanea e com a maior sem cerimonia vende-se "PO'S PARA VINHO" que apregoam como sendo proprios para fazer vinho nacional, inoffensivos, vegetaes, etc. etc. Qualquer pessoa poderá comprar "PÓS PARA VINHO" em Maranhão, Aracajú ou em qualquer pharmacia das cidades do interior. Mas o trabalho dessa adulteraçãõ é quasi sempre feito tendo como base o vinho puro do Rio Grande. Ha individuos estabelecidos legalmente com fabricas de bebidas que compram de quando em quando uma pequena partida de 15 a 25 barris de vinho puro, o qual prolifica ao infinito. Como é feito o serviço? Facil de explicar-se. Um barril de vinho puro, 300 litros no minimo de agua, mais 20 a 25 litros de Alcool barato e impuro, 300 gms. de cremor de tartaro, e 5\$000 de "PÓS PARA VINHO" para dar a justa côr á venenosa mixordia, que é transformada para barris vazios usados e vendida como puro vinho do Rio Grande, a preços infimos, havendo mesmo assim polpudo lucro. Basta dizer que no Ceará, Sergipe, Recife e na Bahia, vende-se uma caixa de 12 litros de "soi disant" Vinho Quinado pelo miseravel preço de Rs. 40\$000 e uma caixa de vinho Moscatel da mesma laia por Rs. 28\$000. Quem quizer comprar um quarto de vinho puro do Rio Grande fabricado nessas paragens, é só desembolsar, apenas, de Rs. 70\$000 a Rs. 80\$000.

Devido a essa desbragada falsificação que por lá campeia livremente convertendo em vinho e outros productos, verdadeiros rios de agua, é que a Industria Legitima vae definhando dia á dia.

Parece ironia: No Rio Grande, para valorizar a existencia dos grandes stocks de vinho nas cantinas dos grandes productores, lança-se mão da inutilização destilando impiedosamente a mais de 70 mil quartos a cem litros cada um de vinhas rias custosas, trata-se de empregar na vinificação toda uma technica modernissima, os productores sujeitam-se a toda classe de fiscalização, as vezes excessivas, e tudo isso, por falta de fiscalização naquellas longinquas paragens, serve para simplesmente fazer enriquecer os envenenadores do povo que se utilizam dos nossos esforços em querer valorizar uma industria genuinamente Brasileira, industria autenticamente agricola e extractiva.

Com o vinho Nacional do Rio Grande, está acontecendo o que até bem pouco tempo acontecia com o café Brasileiro no estrangeiro. Enquanto o Brasil valorizava o seu café queimando milhões de saccas, as outras Nações na onda dessa nossa valorização, cimentavam o seu commercio problematico, collocando os seus defficientes productos e eliminando dos mercados mundiaes o café do Brasil. Com o vinho Nacional acontece o mesmo. Os Estados productores de vinho labutam, melhoram, fazem sacrificios para apresentar generos absolutamente superiores e puros e os falsificadores vão colhendo as vantagens dessa mal orientada posição.

Torna-se urgentissimo por um paradeiro a semelhante estado de coisas. E' necessario defender a suade dos consumidores e defender a verdadeira Industria Enologica Nacional. Para isso, segundo o nosso modo de pensar, seria sufficiente proceder-se da seguinte forma:

Toda partida de vinho em barris ou em caixas deve sair das cantinas de origem perfeitamente fiscalizada e analysada pelos laboratorios officiaes das localidades, e estando tudo de accordo com o regulamento em vigor, cada volume, caixa ou barril deverá sair da adega acompanhada de uma tableta ou etiqueta fornecida pela Laboratorio fiscalizador e na qual deverá constar: O numero de analyse, o numero do volume, classe do vinho, local onde é estabelecida a adega, nome da firma productora e local do destino.

Nessa occasião o Laboratorio fiscal, deverá fornecer 3 vias da analyse, sendo uma para seu archivo, outra para o exportados e a restante para ser remetida á fis-

calisação no destino da mercadoria, a qual, em qualquer momento, com esse documento official estará habilitada por um rapido controle, mesmo parcial, a verificar se o vinho foi adulterado.

Ainda mais: Todo e qualquer importador de vinho Nacional ou estrangeiro, estabelecido em qualquer parte do territorio Nacional deve ser inscripto em registro especial, e em seus livros competentes deverá lançar toda e qualquer quantidade de vinhos que importar, seja em caixas ou em barris.

A quantidade do vinho recebido não poderá, por qualquer que seja a maneira empregada, aumentar de volume. No caso do importador desejar engarrafar o vinho recebido, poderá fazel-o, devendo, porém, requerer á Auctoridade Sanitaria local que dará a devida licença e ao mesmo tempo deverá fornecer ao requerente tantos sellos quantos forem as garrafas necessarias para tal fim e que deverão ser collocados em forma conveniente nos gargallos das garrafas. Esses sellos, que deverão ser sem valôr, devem contar sómente **o numero da analyse de origem**, facilitando assim, a qualquer momento e em qualquer lugar, a identificação do vinho engarrafado. Logicamente em vinho recebido perfeitamente fiscalizado pelas Autoridades competentes na occasião do embarque no local de producção, uma vez engarrafado no local de destino, deverá em qualquer tempo e em caso de controle apresentar o mesmo resultado analytico, linhas mais ou linhas menos. Se houver falsificação, o culpado é o ultimo engarrafador que deverá ser punido de uma forma exemplar. Eis demonstrado o alto valôr da analyse de origem, cuja copia será enviada á autoridade sanitaria no local de destino. Pelo restante, o engarrafador só poderá requerer os sellos necessarios, de accordo com o vinho recebido, tanto mais que é sabido que cada barril de 100 litros ou quarto, contem 155 garrafas no maximo. Procedendo dessa forma, temos dois controles para garantia da não falsificação do vinho. Em primeiro, a copia da analyse original para um controle rapido se fôr preciso, e em segundo, mento deverá denunciar se as cendas realizadas, mais o stock existente em casa do importador, correspondem á quantidade de a escripta fiscalizada que a qualquer mo-vinho importado. Quem comprou mil caixas de vinho por anno, sómente poderá só poderá vender o mesmo numero de bar-vender essa quantidade, e quem comprou 100 quartos de vinho, pelo mesmo motivo, ris ou então o numero de garrafas correspondentes aos barris importados. Não po-

derá haver pois alteração possível. Finalizando, uma copia da analyse official em mão do exportador, para o mesmo seria um documento de inestimavel valôr, pois serviria para demonstrar pelos seus dados analyticos o valor do genero exportado. Logicamente, um vinho com 12 °º de alcool, com tanta acidez volatil, tanto extracto secco e tanto de glicose, é superior a um vinho cujos dados acima apontados sejam inferiores. Dessa forma, fazendo valer o resultado da analyse official, talvez se evitasse a desleal concorrência de elementos dissolventes que vendem vinhos de nomenclatura identica aos dos bons exportadores, porém infinitamente inferiores, analyticamente fallando. Logicamente um Moscatel com 17 gráus de alcool e 18 de glicose ha de valer muito mais do que outro typo de nome igual, mas com apenas 14 gráus de alcool e 10 °º de glicose, o mesmo acontecendo com qualquer outro typo de vinho, seja qual fôr a classe. Terminando nossa tarefa, sempre com o intuito de sermos uteis em tudo quanto se refere á nossa Industria Economica, permittimo-nos, ainda, a seguinte suggestão: Devido a forma espalhafatosa porque são tratados os casos de falsificação, veridicos ou não, por parte da imprensa patricia, que vem trazer formtdaveis prejuizos moraes e materiaes aos interessados, mesmo quando posteriormente fique demonstrada a falta de crime no caso, e ainda mais: Tomando em consideração o facto varias vezes verificado de grandes chantagens, ameaças de escandalo, devido a um resultado de analyse duvidoso seria acertadissimo que as repartições fiscaes não fornecessem noti-

cias aos jornaes publicamente e intempesivamente quando o caso de uma apprehensão ainda em inquerito, até acertar-se noticia divulgada levianamente, pode causar prejuizos enormes e abalos de credito irreparaveis a interessados que sempre trataram de observar a maxima seriedade na elaboração de seus productos. Antes de tudo o mais, deverá constatar-se de uma forma pratica a adulteração criminosa do genero posto em commercio.

tratando-se de ignorancia e inconsciencia e estando de facto o genero em desacôrdo com o regulamento, poder-se-hia inutilizal-o, reprehendendo o interessado, mas não dando á publico o caso. Agora, no caso de comprovada a fraude effectivamente criminosa, neste caso, multe-se, inutilize-se o artigo, e faça-se a maxima publicidade pelos jornaes afim de tirar ao reprobado a vontade de incidir na criminosa tarefa de envenenar o consumidor, prejudicando o bom nome da industria.

Emfim, antes de proceder-se ás sancções que no caso coubessem, dever-se-hia dar ao interessado a chance e o tempo sufficiente para poder provar a sua honestidade. Em caso contrario e só então, cahiriam sobre o mesmo, as penalidades que lhe coubessem.

Esperamos que estas nossas suggestões sejam levadas na devida conta, mesmo com as modificações julgadas necessarias, pois são provenientes de uma larga experiencia na materia, por sermos Enologos diplomados e como tambem por possuirmos uma das maiores e mais bem montadas Cantinas do Brasil.

SELLOS DO BRASIL (IMPERIO)

Compro qualquer quantidade, ou tróco por estrangeiros.

Cartas a J. M. POLEAN — Rua Santa Luiza, 102 — Rio

A RACIONALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA DO ALGODÃO NO BRASIL

Por José Maria Fernandes

Agrônomo de Plantas Textéis.
(Para a Sociedade Nacional de Agricultura)

Não resta a menor dúvida que o algodão é uma das matérias primas mais importantes para a humanidade. Durante toda a sua vida o homem encontra essa preciosa fibra de algum modo representada entre as suas primeiras necessidades.

Desde que nasce, durante a sua infância, maturidade e velhice, vive o homem num mundo de algodão, utilizando-se dele todos os dias para dormir, vestir-se, alimentar-se, abrigar-se contra o sol, a chuva, o frio e até para defender-se dos inimigos.

Não existe ainda hoje outra matéria que se preste a tão variadas aplicações. Tecidos tão artísticos que são verdadeiras decorações; tão fortes e duráveis como nas correias que movimentam as máquinas, nas lonas das velas que impulsionam os barcos, utilizadas nos toldos, sacos, como base de sustentação das estradas modernas, etc. Telas tão leves e resistentes para serem empregadas nas azas dos aeroplanos e paraquedas e de tão grande uso diários como os lençóis, toalhas, meias, etc., etc.

Nas indústrias químicas o emprego do algodão e seus sub-produtos, está cada vez mais generalizado. É a seda artificial, a celulose, celofane, films fotograficos, discos de gramofones, papel, vernizes, pólvora, etc., etc.

Muitas qualidades deve possuir, portanto, essa fibra, verdadeiramente preciosa, para que tenha se tornado assim de tão grande utilidade. É bastante durável e resistente aos reagentes químicos e á lavagem e, acima de tudo, é a mais barata que ainda se encontra no universo.

O algodão, cujo consumo mundial, de cerca de 30 milhões de fardos, com mais de 6 milhões de toneladas, representa o maior volume de capital que se movimenta entre os povos, proporcionando assim um constante intercambio comercial entre varios países, que o produzem e o transformam em produtos manufaturados, para serem consumidos por toda a parte onde exista a menor parcela de civilização.

Por causa do algodão tem havido verdadeiras guerras secretas, passando a sua hegemonia de uns para outros pontos do

globo, com a maior civilização e sagacidade dos homens. Por causa do algodão a Inglaterra conquistou o Egypto e o Sudão e agora mesmo o Japão faz sacrificios insanos para conquistar territorios produtores dessa matéria prima. A Italia, depois de uma luta tremenda, pensa tirar da Abissinia todo o algodão necessario á sua indústria de fição e tecelagem que dá trabalho a 50 % de seus operarios fabris.

Para os Estados Unidos da America do Norte, o algodão representa mais de 2 bilhões de dolares em cada safra. É a fonte principal de renda de quasi todos os Estados do Sul, vivendo de sua produção, comercio e industria, cerca de 12 milhões de pessoas. Com a crise que atravessa atualmente, é o problema n.º 1 do país.

Tão grande tem sido a importancia do algodão para os países industriais que a pendendo quantias fabulosas em suas colonias para sua adaptação ou aperfeiçoamento. Os esforços da Inglaterra, Egypto, Russia, Argentina, Belgica, etc., são muito conhecidos.

Para o Brasil, o algodão tem sido uma verdadeira dádiva dos céos. É atualmente o produto de maior possibilidade economica, responsavel pelo nosso primeiro desenvolvimento industrial com matéria prima exclusivamente nacional.

Varios Estados encontram nessa produção a sua principal riqueza e maior fonte de tributação. Devido ao seu valor intrinseco é o algodão o produto que melhor suporta os fretes pesados de nossas ainda insipientes vias de comunicações, estendendo assim as suas possibilidades por todos os recantos de nosso vasto territorio. Poderá tornar-se em pouco tempo, o melhor desbravador de sertões, construindo em sua passagem, as tão desejadas entradas para o Oeste.

Podendo ser cultivado em areas reduzidas, está ao alcance de grande maioria de nossa população rural, facilitando assim o regimem da pequena propriedade, unica indicada para um desenvolvimento permanente. Alem disso, restituindo com juros compensadores em pouco mais de 6 mezes, todo o capital empregado, oferece

as melhores garantias ao credito agricola, com a organizaçao de cooperativas de produçao, beneficiamento e vendas.

Para o Estado de São Paulo, a cultura do algodao tem sido de um auxilio verdadeiramente providencial. Sendo uma de suas antigas culturas, cuja exportação por Santos uma de suas antigas culturas, cuja exportação por Santos atingiu, em 1866, quasi 3.000 toneladas e o record de 10.204 em 1871/72, foi durante a celebre geada de 1918, a salvaçao dos fazendeiros paulistas, que no meio dos cafezais destruidos produziram cerca de 60 mil toneladas de fibra.

Com o desenvolvimento rapido da industria de fiaçao e tecelagem, São Paulo, em pouco tempo, consumia toda a sua produçao e mais ainda grande parte da exportação nortista, com grande beneficio para o nosso comercio de cabotagem que, alem de fortalecer o poder aquisitivo dos Estados do Norte, contribuia para a organizaçao da nossa frota de transportes.

Tendo alcançado o record de 25.000 toneladas entre 1921 e 26, a produçao paulista baixou, dai por diante, até o limite minimo de 3.000 toneladas em 1930, quando começou novamente a crescer, passando para 10.000 em 1931, 100.000 em 1934, 200.000 em 36, esperando-se cerca de 250.000 em 1938.

Contribuindo em 1930, para a produçao agricola do Estado, com apenas 13.000 contos de réis, num total de 3.335.000, ou seja 0,4 %, já em 1934 concorreu com importancia superior a 400.000 contos, correspondendo a 20 % do total desse ano. Em 1937 foram exportados por Santos, algodao e sub-produtos equivalentes a quasi 1 milhão de contos de réis.

Mais importante ainda, é que as possibilidades da cultura do algodoeiro no Brasil, estão longe de alcançar os seus limites, o que já acontece com quasi todos os demais países produtores, representando para os nossos descendentes, uma illimitada potencialidade para sua economia, seja pela extençao de suas terras adaptaveis, seja pelas condições especiais de podermos produzir duas safras por ano, a do Norte e a do Sul, de fibras as mais apreciadas, curtas, medias e longas, de aspereza ou sedosidade caracteristicas, com rendimento e custo de produçao sem concorrencia no mundo inteiro.

Produzido já em quantidade superior ao consumo interno, o algodao brasileiro, pela sua qualidade e preço, está interessando atualmente, todos os países consumidores, especialmente aqueles que mais precisam desenvolver conosco as suas re-

lações de intercambio comercial. Alem disso, o aperfeiçoamento crescente de nossa industria de fiaçao e tecelagem poderá em breve aproveitar melhor as fibras longas do celebre mocó, indispensavel á fabricaçao dos fios e tecidos finos que ainda importamos, em quantidade suficiente para abastecer todos os mercados da America do Sul.

Na exportação de 1937, o algodao e num total de 5.092.000, correspondentes concorreram com 1.191.000 contos de réis, seus sub-produtos, ocupando o 2.º lugar, aos 25 artigos exportados.

O algodao devera pois merecer toda a atençao dos brasileiros que amam de verdade o seu país e o estudo completo de todos os seus problemas, é um dever que se impoe, nem só em beneficio da economia nacional, como tambem para fazer valer o nosso direito de explorar nós mesmos, as nossas fontes de riqueza, sem provocar com antipaticas medidas protecionistas, desconfianças ou represalias de outros países e, ao mesmo tempo, defender o nosso territorio contra a ambiçao dos que pretendem arrancar á força as materias primas indispensaveis ás suas ambições industriais, conforme se chegou a sugerir na Liga das Nações.

Tudo quanto se tem feito até aqui, nesse particular, não tem passado de providencias parceladas e incompletas, sem um plano sistematico, racional e duradouro. Com o advento, porem, do Estado Novo, "que incluye entre as suas atribuições a de aperfeiçoar incessantemente as atividades produtoras e os metodos da distribuçao da riqueza, tendo em vista promover o bem publico, o progresso economico do Brasil não poderá ficar mais á mercê de circunstancias e de atividades empiricas. O Estado orientará racional e sistematicamente o desenvolvimento das forças produtoras e dos orgaos da administração publica, arrebataados ao jugo do profissionalismo politico, para assegurar ao trabalho dos tecnicos o seu maximo de rendimento."

Agora que temos no Ministerio da Agricultura, pela primeira vez, um agronomo, dos mais illustres e competentes, é chegado o momento de ser esse Departamento da publica administração, devidamente organizado para atender com eficiencia as suas altas finalidades.

O sucesso da agricultura não depende somente da produçao e venda dos produtos, mas tambem da organizaçao eficiente das atividades rurais, de maneira a assegurar aos agricultores, a abundancia desejada por todos, á preços mais ao alcance dos consumidores e que ao mesmo tem-

po possa proporcionar aos produtores um "standard" de vida compatível com as exigências dos tempos modernos e em igualdade de condições com as demais classes da sociedade.

Com a cultura intensiva, poder-se-ia melhor aproveitar o braço nacional que está escasseando para a colheita do que está sendo plantado extensivamente. Melhor escolhida, tratada e adubada a terra, poderíamos alcançar rendimentos bem mais elevados por unidade de superfície e por pessoa. Com um pouco mais de cuidado na colheita e beneficiamento, teríamos melhorado de alguns tipos, o algodão que já produzimos, o que, tudo somado, viria triplicar o valor da produção atual, na mesma área de cultura e sem desviar da produção dos generos alimentícios, o reduzido braço de que dispomos.

A Califórnia, nos Estados Unidos da America do Norte, nos dá um exemplo frustante de cultura racional do algodoeiro. Enquanto o rendimento médio de outros Estados não passa de 150 a 200 libras por acre, os agricultores dessa nova região do "cotton Belt", orientados pela tecnica agricola, colhem 500 e 600 libras de fibra na mesma área. E' que aí se cultiva uma unica variedade, especialmente adaptada á região, que produz fibra superior a 1 polegada. Descarregada em maquinas modernas, mais de 90 % da produção se enquadra nos tipos superiores, que alcançam para os agricultores, um lucro adicional de 8 a 10 dolares por fardo. Em uma outra fazenda do vale do Mississippi, com mais de 20.000 acres de cultura, o rendimento medio tem sido sempre superior a 500 libras por acre. As ultimas colheitas da Russia, nos informa o "International Cotton Bulletin", renderam de 3 a 5 toneladas de algodão em caroço por hectare, somente devido aos novos processos de cultura adotados, á introdução da motocultura em grande escala e á adubação intensiva.

No Brasil, não faltam terras apropriadas á cultura do algodoeiro e muito menos tecnicos especializados para sua orientação. No Municipio de Itaperuna, Estado do Rio de Janeiro, maior produtor de café do Brasil, ha alguns anos atraz, foi recentemente coroado Rei do Algodão, um agricultor que colheu 48.000 kilos de fibras, num campo de 15 hectares. Nas terras esgotadissimas do Instituto Agronomico de Campinas, a adubação científica tem produzido verdadeiros milagres.

O Brasil, que nos ultimos anos tem encontrado certa facilidade na colocação do seu algodão, tirando partido de conveniências, que podem ser passageiras, de al-

guns mercados consumidores, precisa aparelhar-se devidamente para resistir a concorrência que irá ser travada dentro de alguns anos, sob pena de perder mais uma vez a sua posição de exportador dessa materia prima. Não fossem as conveniências todas especiais do Japão, que á ultima hora "autorizou" a aquisição de grande volume do algodão paulista, possivelmente para auxiliar os colonos japonezes e a possibilidade de pagamento por meio de marcos compensados na exportação para a Alemanha, estaríamos já sofrendo os efeitos da superprodução que realmente existe para outros países produtores. A propria safra do Norte, que, somente agora se inicia, depois de esgotada a quota de exportação para a Alemanha, talvez não encontre a mesma facilidade de escoamento, agravada ainda pelo fato de não ter podido acompanhar o mesmo gráo de aperfeiçoamento do algodão paulista, incontavelmente mais conhecido e preferido em todos os mercados.

Demonstrada assim a necessidade de traçar um plano de verdadeira politica algodoeira para o Brasil, fixando as suas diretivas dentro de um caracter puramente tecnico, racional e duradouro, como muito bem acentuou o representante desta Casa, no Conselho Federal do Comercio Exterior, venho trazer á Sociedade Nacional de Agricultura, pioneira no estudo dos problemas algodoeiros do país, e ao Snr. Ministro da Agricultura, esta minha despretenciosa contribuição, baseada na observação constante do que vem se passando nestes ultimos 10 anos, em alguns dos principais países produtores e consumidores dessa materia prima.

INDUSTRIA DO ALGODÃO. — Por industria do algodão deve compreender-se todas as fases da produção, comercio, sua transformação em produtos manufacturados e, finalmente, a distribuição desses produtos pelos mercados compradores.

Sumariamente, poderíamos assim destacar as seguintes etapas:

1.^a O agricultor produz e colhe algumas arrobas de algodão em caroço.

2.^a O produto é vendido ao negociante do interior que vai armazenando a produção de sua frequência, em pequenos depósitos, para posterior descarregamento e prensagem.

3.^a Os primeiros fardos, em geral de pequena densidade, são vendidos á firmas de maiores recursos, geralmente localizadas num grande mercado regional ou ponto de exportação.

4.^a Nos pontos de concentração os fardos são classificados e separados em lotes uniformes, as vezes reprensados, e embarcados para os grandes mercados distribuidores ou diretamente para as fabricas nacionais ou firmas importadoras do exterior.

5.^a Os fardos, já em lotes uniformes, são adquiridos pelos industriais, por intermédio de corretores especializados ou diretamente dos importadores.

6.^a Nas fabricas, a materia prima é transformada em produtos manufaturados.

7.^a Os industriais vendem os seus produtos á grandes formas atacadistas que os transferem á outras firmas importadoras ou distribuidoras.

8.^a Das casas distribuidoras os produtos são vendidos ás lojas locais para o varejo, ou distribuição ao consumidor individual, estando aí incluído o proprio agricultor e sua familia.

É assim um longo percurso que faz o algodão, para voltar novamente ao primeiro ponto de partida, estando por isso sujeito á uma serie de serviços especiais, damento, transporte, pesagem, inspecção, classificação, armazenamento, financiamento, etc., etc., que não sendo bastante eficientes, poderão sobrecarregar demais as despesas ou dificultar o seu escoamento normal, que precisa ser o mais rapido possível, acarretando prejuizos ao produtor, ao consumidor e ao proprio país.

Devido á organização toda especial da industria do algodão, que constitue um verdadeiro circulo em continuo movimento, mas que varia de intensidade com a maior ou menor procura dos produtos manufaturados estudo.

....CONSUMO MUNDIAL DO ALGODÃO.

— De acordo com as estatisticas do Departamento da Agricultura de Washington e "International Cotton Federation" verifica-se que o consumo mundial do algodão vem aumentando gradativamente, desde 1930|31, quando foi de 22.427.000 fardos, depois de um "record" anterior de 25.783.000 em 1928|29. Em 1932|33 o consumo mundial passou para 24.650.000 fardos e daí por diante para 25.596.000, 27.729.000, e 30.900.000 em 1936|37.

Não fosse a crise economica que se tem verificado nos ultimos anos e a nova politica de cada país bastar-se a si proprio, o que restringiu bastante o comercio internacional, cujo valor passou de 68.600 milhões de dolares em 1929 para 23.375 milhões em 1934, isto é, uma diferença para menos de quasi 66 %, o consumo mundial do algodão em 1936|37 deveria ter sido, no minimo, de 35 milhões de fardos

e, continuando a mesma progressão dos ultimos anos, em mais de 40 milhões em 1940.

Acrésce ainda que o consumo "per capita" não é o mesmo em todos os países. Estimado em 25 a 30 libras nos Estados Unidos da America do Norte, 10 a 15 na Europa, não passa de 5 a 6 libras na India e no Brasil. Somente o aumento normal da população do globo, cerca de 20.000.000 por ano, garantirá um acréscimo anual de 250.000 fardos.

Existem atualmente em funcionamento em todo o universo, cerca de 150 milhões de fusos que empregam o algodão como materia prima. Desse total, 90 milhões se encontram na Europa, 28.800.000 na Asia, 32.000.000 nas Americas e 2.000.000 em varios outros países, assim discriminados:

| | |
|--|------------|
| 1. ^o Inglaterra, com | 39.938.000 |
| 2. ^o Estados Unidos da America do Norte | 27.288.000 |
| 3. Japão | 11.833.000 |
| 4. ^o Alemanha | 10.242.000 |
| 5. ^o França | 9.932.000 |
| 6. ^o Russia | 9.900.000 |
| 7. ^o India | 9.877.000 |
| 8. ^o Italia | 5.483.000 |
| 9. ^o China | 5.071.000 |
| 10. ^o Tchecoslovaquia | 3.548.000 |
| 11. ^o BRASIL | 2.214.000 |
| 12. ^o Hespanha | 2.070.000 |
| 13. ^o Belgica | 2.004.000 |
| 14. ^o Polonia | 1.693.000 |
| 15. ^o Suissa | 1.269.000 |
| 16. ^o Holanda | 1.191.000 |
| 17. ^o Canadá | 1.136.000 |
| 18. ^o Mexico | 869.000 |
| 19. ^o Austria | 776.000 |
| 20. ^o Suécia | 584.000 |
| 21. ^o Portugal | 469.000 |
| 22. ^o Hungria | 317.000 |
| 23. ^o Finlandia | 313.000 |
| 24. ^o Yugoslavia | 154.000 |
| 25. ^o Dinamarca | 99.000 |
| 26. ^o Noruega | 44.000 |
| Outros de menor importancia. | |

É preciso considerar, no entanto, que o maior numero de fusos existentes em cada país, nem sempre indica um consumo proporcional de materia prima, havendo casos, como o do Japão, por exemplo, que com um numero bem inferior de fusos consumiu quasi duas vezes mais do que a Inglaterra. É que além de fabricar artigos grossos, mais pesados, a industria japoneza trabalha dia e noite, enquanto que na Inglaterra o regimen de restrição é geral.

Segundo a estatística da "International Cotton Federation", em 1937, foram consumidos pela indústria mundial, 28.590.000 fardos de algodão, sendo 10.512.000 fardos na Europa, 8.911.000 na Ásia, 8.354.000 nas Américas e 813.000 em vários outros países.

Do algodão consumido na Europa, 3.753.000 fardos foram importados nos Estados Unidos, 1.343.000 da Índia, 939.000 do Egypto e 4.477.000 de várias procedências.

O consumo da Ásia constou de 1.496.000 fardos americanos, 4.833.000 indianos, 198.000 egypcios e 2.384.000 de várias procedências. Nas Américas, foram consumidos 7.337.000 fardos dos Estados Unidos, 70.000 da Índia, 58.000 do Egypto e 889.000 de outros países.

Com excepção dos Estados Unidos da América do Norte, da Rússia, México e Brasil, todos os demais países industriais dependem inteiramente da importação da matéria prima. A Europa, praticamente nada produz. O Japão, atualmente o segundo consumidor, tem que se abastecer em outros países, o que acontece também com a própria Inglaterra, apesar de seu vasto território colonial.

Para o ano industrial que terminou em 31 de Janeiro de 1938, a "International Cotton Federation" indicou o seguinte consumo, por país, pela ordem de importância:

| | |
|--|------------------|
| 1.º Estados Unidos da América do Norte | 7.171.000 fardos |
| 2.º Japão | 4.619.000 " |
| 3.º Índia | 3.175.000 " |
| 4.º Inglaterra | 2.884.000 " |
| 5.º Rússia | 2.266.000 " |
| 6.º China | 1.576.000 " |
| 7.º França | 1.183.000 " |
| 8.º Alemanha | 1.090.000 " |
| 9.º BRASIL | 663.000 " |
| 10.º Bélgica | 459.000 " |
| 11.º Tchecoslováquia | 442.000 " |
| 12.º Canadá | 319.000 " |
| 13.º Polónia | 286.000 " |
| 14.º Holanda | 295.000 " |
| 15.º México | 200.000 " |
| 16.º Áustria | 193.000 " |
| 17.º Suécia | 131.000 " |
| 18.º Portugal | 88.000 " |
| 19.º Finlândia | 62.000 " |
| Etc. Etc. | |

Os Estados Unidos da América do Norte, apesar de terem produzido quasi 20 milhões de fardos na safra de 1937/38, importaram do Egypto e 49.000 de várias procedências, para a sua indústria especializada de tecidos finos ou de grande re-

sistência, somente fabricados com fibras longas, que ainda não produzem em quantidade suficiente, ou ainda para os artigos de pequeno valor, os quais empregam matéria prima de qualidade inferior e mais barata.

A indústria japonesa, que iniciando-se em 1870 com a importação das primeiras máquinas da Inglaterra e logo depois estimuladas pela escassez provocada por várias guerras, que dificultaram o abastecimento dos mercados do Oriente com os tecidos da Europa, tem se desenvolvido rapidamente nestes últimos anos, fazendo vitoriosa concorrência com todos os demais países industriais, nem só pela qualidade dos produtos como pelo seu baixo preço. É que no Japão a indústria do algodão está racionalmente organizada, nem só quanto ao seu aperfeiçoamento mecânico e mão de obra, como principalmente aos processos empregados na aquisição da matéria prima e distribuição dos produtos manufaturados.

A Associação japonesa de fiadores de algodão, constituída de 71 grandes companhias, reunidas em corporações, abrangem todas as fases da indústria, desde a produção e importação da matéria prima, sua distribuição entre os fiadores, fiação, tecelagem, tinturaria e exportação dos tecidos. Com esse processo tem sido possível eliminar pelo menos 4 intermediários e todas as despesas anexas, tais como seguros, lucros e taxas na Bolsa de Algodão, que tudo somado, poderá corresponder a uma economia superior a 1 centavo por libra. Fazendo assim um percurso mínimo, dos campos de cultura, do Brasil (São Paulo) da Índia e China diretamente para as suas fabricas e daí para os distribuidores em vários países, seria realmente bastante difícil encontrar quem o possa vencer em qualquer concorrência leal.

Não passando de 76.600 fusos em 1887 a indústria japonesa passou para 970.567 em 1897, 1.540.452 em 1907, 3.060.478 em 1917, 5.766.584 em 1927 e finalmente 11.975.584 em 1936, com um consumo que se elevou de 11.558.000 libras em 1887 para 1.689.377 em 1936. Em 1937 o Japão importou dos Estados Unidos, 1.397.000 fardos, 2.028.000 da Índia, 119.000 do Egypto e 614.000 de outras procedências.

Alemanha. Importando dos Estados Unidos, até 1930, cerca de 73,5 % de toda a matéria prima necessária a sua própria indústria e ainda para distribuir entre vários outros países consumidores da Europa central, e os restantes 26,5 % quasi que exclusivamente do Egípto e Índia Inglesa,

a industria alemã recorre hoje á 42 fornecedores, continuando ainda os Estados Unidos a fornecer cerca de 42 %.

Entre os países que forneceram algodão á Alemanha em 1937, encontram-se os seguintes: Mexico, 13.509, Haiti 2.831 fardos, Brasil 487.505 fardos, Paraguay 299 fardos, Argentina 28.521 fardos, Perú 95.655 fardos, Equador 1.223 fardos, Nicaragua 2.730 fardos, Egypto 114.597 fardos, Sudão 3.477 fardos, Uganda 12.283 fardos, Africa Oriental 89.219 fardos, Togo e Camerão 177, Congo 3.832 fardos, Africa do Sul 1.182, Africa do Norte 655, Russia 12.191, Asia Menor e Turquia 45.969 fardos, Syria 98 fardos, Iran 330, India Britanica 216.047 fardos, Sião 672 fardos, China 11.771 fardos, e 15 outros países com 2.246 fardos.

Adotando desde 1934 o plano economico de comprar somente onde poder vender, a Alemanha traz toda a importação do algodão controlada por uma comissão central, instalada na Bolsa de Bremen, que se encarrega de distribuir aos fabricantes, a materia prima necessaria ás suas atividades. Durante estes últimos anos os fiadores alemães aprenderam a julgar e usar da melhor maneira possivel as qualidades do algodão de diversas procedencias, dependendo o seu maior ou menor aproveitamento, unicamente do preço ou de outras conveniencias momentaneas.

Inglaterra. Depois de um colapso que ia destruindo por completo a sua industria de fição e tecelagem o recente reajustamento dos interesses industriais de Lancashire, estreitamente ligados ao algodão, a Inglaterra vem recuperando com certa segurança a sua antiga posição de grande fornecedora de fios e tecidos de algodão para o mundo inteiro. O "Cotton Spindles Board" creado pelo Parlamento em 1936, tem em vista fazer paralizar, adquirindo por preços razoaveis, cerca de 10 milhões de fusos entre os mais obsoletos e deficitarios, concentrando a industria em volta das organizações mais efficientes, com o fim de fazer frente ás barreiras alfandegarias que

cercam todos os mercados consumidores, cujas tarifas, em alguns casos, elevam as mercadorias importadas a mais de 100 % de seu custo real.

Para o consumo da industria inglesa em 1937, os Estados Unidos concorreram com 1.287.000 fardos, a India com 457.000, o Egypto com 389.000 e outros países produtores com 751.000 fardos.

Trabalhando atualmente debaixo de uma concorrência intensissima a industria mundial de fição e tecelagem, até ha bem pouco tempo adstrita á materia prima de determinados países tem sido forçada a recorrer ás fibras de qualquer procedencia, que possa satisfazer o mais economicamente possivel as suas necessidades.

De um modo geral, pode-se dizer que é simplesmente uma questão de apreço, pois que até as fibras longas, em super-produção no momento, empregadas somente para os artigos de luxo e de maior resistencia, podem ser utilizadas na fabricação de fios e tecidos mais grossos, si os preços assim o permitirem. A preços mais baixos o Egypto, que dispõe atualmente de um stock de cerca de 3 milhões de fardos, poderia colocar imediatamente toda a sua safra, por iso que os fios e tecidos fabricados com essa fibra são de maior perfeição, resistencia e durabilidade.

Desde 1914, a industria do algodão começou a movimentar-se da Europa para o Oriente e do Norte dos Estados Unidos para o Sul, em busca, naturalmente, dos pontos onde o custo de produção possa permitir qualquer vantagem na concorrência dos mercados consumidores. Em 1913 a Europa contava 70% dos fusos em funcionamento, que combinado cos os americanos se elevavam a 91% do total existente no mundo. Em Janeiro de 1936, na Europa e Estados Unidos somente funcionaram 57% e o que 47% da materia prima usada nesse ano. No mesmo periodo o Oriente aumentou o numero de fusos de 9 para 24 milhões, ou seja 130% e o consumo da materia prima em mais de 200%.

Annunciae em

A LAVOURA

Associações Culturales de Agricultura

Humberto Rodrigues de Andrade

Em sessão de Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, o Sr. Humberto de Andrade leu o seguinte trabalho, a que deu o titulo de "Associações Culturales de Agricultura".

O Dr. Antonio de Arruda Camara, incansavel Secretario desta Sociedade, em brilhante conferencia sob o thema "Organização da produção", proferida em duas sessões semanaes consecutivas, abordou assumpto de relevancia — o papel das associações culturais de agricultura.

"Auscultar, disse o illustre conferencista, as aspirações e anseios das populações rurales — das classes que, com tanto esforço e escassa renda, trabalham pelo desenvolvimento economico e pela grandeza do Paiz — tem sido preocupação dominante e a propria razão de ser das nossas associações. Sem a persistencia nesse genero de investigações colhidas no decurso dos trabalhos de suas sessões, não seria possível, aos poderes publicos, entrar no conhecimento de particularidades muito uteis ao exercicio das proprias funcções."

"Esse trabalho "academico", desenvolvido no seio de taes associações, — as conferencias e congressos periodicamente promovidos, os comicios, feiras e exposições que incentivam ou realizam — não valem somente como expressão cultural. E', antes, e, sobretudo, um meio pratico e efficiente da collaboração com a administração publica."

"O elemento intellectual, — assim considerado, aquelle que embora alheio aos meios rurales, e elles está radicado por conhecimentos e estudos especializados, exerce, por isso e pela ausencia de interesses pessoases, funcções relevantes no terreno social, e influencia altamente proveitosa, no economico."

"Si assim succede, conforme se constata "pela historia das nossas explorações rurales" justo não é que se privem da "representação de que estão naturalmente investidas, pela falta consciente, eventual ou transitoria, de caracteristicos profissionais."

Expresso, nos ligeiros commentarios que se seguem, calorosos applausos á these defendida por Arruda Camara.

Materia nova, não discutida e por isso mesmo de interesse especial, merece, sem

duvida, o exame e a critica dos competentes. Na ausencia de uma voz de prestigio, que secunde realce a proposição, permitto-me, como obscuro observador das questões ligadas á actividade rural, tecer rapidos commentarios, visando trazel-a ao amplo debate.

Exame da These — As associações culturais de agricultura estão para a collectividade social do Paiz, como cada agricultor está para sua classe.

Este, contando exclusivamente com a acção e os recursos isolados, jamais lograria alcançar vantagens materiaes e prerogativas moraes que, com inteira justiça, pôde gozar. São conquistas legitimas, porem que requerem cooperação e esforço em conjuncto, por isso que excede á capacidade individual.

Exemplo: a obtenção de machinismos de beneficiar productos agricolas, seja pelo custo elevado e fóra do alcance de um só productor, seja por excederem ás necessidades de uma unica exploração e, portanto, contraindicados, torna-se perfeitamente accessivel e aconselhada a varios interessados, desde que acordem em fazer aquisição de taes aparelhos para uso em commum. Acham-se nesta hypothese as machinas para beneficio de algodão, de extracção de oleos vegetaes, tractores para lavrar o solo, etc.

Outro exemplo seria a installação de uma casa commercial para a venda das safras de um agricultor, afim de evitar a ganancia de intermediarios, que lhe usurpa justa remuneração de seu labor. A idéia, posto que justificavel theoreticamente, não é viavel, em regra geral. Primeiro, se exigiriam do agricultor qualidades de commerciantes; segundo, teria elle que deixar pondo-a a fracasso, que arrastará a empreza commercial.

Tal desideratum pôde, entretanto, ser alcançado, com relativa facilidade, mediante entendimento entre varios productos interessados, e confiando-se o estabelecimento a preposto idoneo. Essa a origem das cooperativas de compra e venda; esse o motivo preclpuo que justifica o cooperativismo agrario.

Noutro terreno, poderiamos referir a direitos da classe, que não são respeitadas

a falta de órgãos representativos dessa mesma classe, que compillam a sua observancia e assegurem o seu gozo.

Na vida rural, a cooperativa supre deficiências pessoais; auxilia, completa e amplia os recursos dos productores; elimina intermediarios dispensaveis, pondo em contacto a produção e o consumo; ampara e defende os legitimos interesses do homem do campo, que, no seu isolamento, está exposto a expoliações de toda sorte, ao mesmo que favorece o consumidor, proporcionando-lhe generos a preços modicos; desperta sentimentos de solidariedade e auxilio mutuo, tão necessarios á sociedade e á humanidade.

Mas, como associação de classe, com caracter eminentemente economico, a cooperativa tem horizontes restrictos, limitando o raio de acção.

A visão unilateral e exclusivista, com que naturalmente age em defesa de interesses materiaes de seus consocios, pôde conduzi-la a xageros e erros, mais ou menos nocivos á collectividade.

Subindo na escala da precaria perfeição humana, chegar-se-ha a um altiplano, onde é possivel divisar perspectivas mais amplas e illuminadas. São as associações culturais, que, tendo seu campo de actividade na esphera social, acham-se de graus acima de suas irmãs — as organizações de caracter puramente economico. A'quellas cabem, pois, a ultima palavra, a palavra da intelligencia e da cultura.

No Brasil, como alhures, exercem ellas papel de notavel relevo.

Em São Paulo, destaca-se a Sociedade Paulista de Agricultura, de preponderante actuação nas questões de maior projecção para a lavoura e a pecuaria do opulento Estado.

As associações rurales do Rio Grande do Sul, hoje confederadas numa organização central, desempenham marcantes funções no ambito de suas attribuições.

A Sociedade Cearense de Agricultura, já prestou assignalados serviços á causa agraria do Ceará. E a citação poderia proma, temos a Sociedade Nacional de Agricultura. Daqui tem sahido suggestões de grande valia para a administração publica do paiz. Todos os assumptos de maior alcance para a vida rural tem tido neste cenaculo o seu nascedouro, ou aqui são ventilados com serinidade e elevação. Appellos frequentes e ardorosos partem deste recinto, visando unicamente o bem-estar collectivo. O credito rural e a padronização dos productos agricolas, para citar apenas duas questões em evidencia, no te debatidos. Servir á Patria é o sacerdocio

momento, foram aqui primeira e largamente Casa. Sem apparatus exhibicionistas ou encenações insenceras, vêm, atravez annos, cumprindo fielmente o programma a que se traçou.

Os assumptos aqui tratados já não possuem a sua feição material, de immediato proveito, mas pairam no nivel social, de relativa neutralidade, sem duvida mais elevado do que o ponto de vista exclusivamente utilitarista. E' a intelligencia que falla, collocando-se acima de simples objectivos economicos. Embora se defendam principalmente interesses de uma classe, não ha excessos, não ha paixões, não ha ambições inconfessaveis, a ponto de se desvirtuarem nobilitantes finalidades. Dentro da associação cultural, vê-se a classe agricola não como entidade de existencia isolada, mas como membro de maior collectividade social, como organ de um corpo uno, a quem cumpre prestar solidariedade e cooperação — a Nação Brasileira.

No ambito da cooperativa o individuo já não encherge somente o seu proveito pessoal e immediato, mas, desdobrando-se, vê, tambem, o da comunidade a que pertence, e está disposto a abdicar desejos menos legitimos, si estes se chocam com reaes interesses de seus consocios. O individuo, como que e despersonalizando, sente-se parcella de um todo, a que está integrado e de que pende. Suas opiniões soffrem o controle dos plenarios, passando pelo crivo da discussão, onde se refinam e apuram os conceitos.

Cousa semelhante se passa nas associações culturais. Os interesses profissionais, em particular os de ordem economica, são vistos atravez de prisma superior, expurgados do que for menos razoavel e equanime. Sublimam-se, a bem dizer, os objectivos materiaes, retirando-lhes excrecencias, integrando-os e harmonizando-os aos factores de prosperidade collectiva.

Nas associações culturais, as discussões não se restringem aos limites de pontos de vista de grupos. São ellas, por isso mesmo, o elo de legação, entre a classe rural e o poder publico. O Estado, personificado no poder temporal, e a sã politica, como a arte de bem governar, seriam a derradeira etapa, o ultimo degrau de uma escala ascendente e luminosa. Acima das associações culturais somente o Estado controlador e gestor da coisa publica, depositario da vontade suprema do povo.

Por taes e tão ponderaveis razões, Ar-ruda Camara pleiteia para as associações dessa natureza equal tratamento dispensado ás puramente profissionais.

A conclusão a que chega o conferencista — a necessidade do reconhecimento das associações de agricultura com funções culturais, é verdadeira e faz iús a decidido apoio.

No seio generoso e amplo dessas agremiações veem encontrar abrigo as cooperativas de varias modalidades; debatem-se, ahi, problemas os mais diversos, attinentes á profissão agraria; discutem-se theses, elaboram-se ante-projectos de legislação agricola, tudo num ambiente de desprendimento pessoal, tendo por escopo o progresso do Paiz e o bem estar do povo brasileiro.

Tem o poder publico nestas associações expontaneos collaboradores. Justiça é, portanto, que, em retribuição, lhes outor-se prerogativas funcçionaes, lhes assegure, de mais a mais, realçada actuação no campo de suas actividades.

Esse reconhecimento official não só representa interesse para as organizações

propriamente profissionaes communs, como constitui uma vantagem para o proprio Estado, que estimula e assiste a preciosa fonte onde bebe ensinamentos para a solução dos problemas ruraes.

A these, como se vê, possui facetas brilhantes e desafia a largos debates, para que se firme o alcance de seus propositos, para que se gerem e se radiquem convicções.

E consagrada que seja ella, caberá a esta Sociedade promover os meios de obtenção da prerogativa pleiteada. Não é admissivel que taes assumptos fiquem, ir-definidamente, no terreno platonico de estudos e discussões. E ninguem mais autorizado que esta Sociedade, para pugnar junto aos poderes publicos pela concretização da medida em apreço.

Será mais um galardão a accrescer ás suas benemerencias.

Hymno á Natureza Amazonica

Uma Pagina Litteraria de Von Martius

O Sr. Prof. Luiz de Oliveira Mendes offereceu á Sociedade Nacional de Agricultura, para ser publicada na revista "A Lavoura", seu organ, a seguinte admiravel pagina litteraria, escripta por Von Martius, quando, durante a sua estada no Brasil, em 1819, conheceu e se deteve na Amazonia. Este trabalho foi traduzido por Capistrano de Abreu.

UM HYMNO AO BRASIL — A pagina mais bella que já inspirou a natureza brasileira é de Von Martius, descoberta e traduzida por Capistrano de Abreu. São notas de um diario do naturalista germanico, que o sabio brasileiro pôz em linguagem e publicou, em 1908, no "Jornal do Commercio", de onde as recolheu Arrojado Lisboa, para a "Revista do Brasil", em 1902.

"Pará, 16 de Agosto de 1819.

Quão feliz me sinto aqui, com que profundeza e intimidade me penetra agora a intelligencia tanta coisa antes inacessivel! A santidade deste logar, onde todas as forças se reúnem harmonicamente e,

unisonas, entoam um hymno triumphal, amadurece os sentimentos e as idéas. Julgo comprehender melhor o que é ser naturalista. Mergulho quotidianamente na grandiosa e indizivel tranquillidade da natureza, e se ainda não posso apanha-la em sua pragmatica divina, já o presentimento de sua magnificencia me impregna de um alvoroço delicioso, nunca antes experimentado.

São tres horas da madrugada; levanto-me da rêde, pois o somno foge de minha excitação; abro as janellas e miro a noite sombria e augusta. Solemnes, fulgem os astros, e o rio brilha ao reflexo da lua que vae desaparecer. Como tudo está mysterioso e tranquillo em roda de mim! Ando com a lanterna surda pela fresca varanda e considero meus caros amigos, as arvores e os arbustos, que cercam a vivenda. Muitos dormem com as folhas conchegadas, outros, os que dormiram de dia, expandem-se tranquillamente á noite mansa; poucas flôres estão desabrochadas, só vós, odoriferas sebes de Paullinias, acolheis com o mais fino aroma o peregrino, e tu, excelsa, frondosa mangueira, cuja copa

densa me resguarda do orvalho da noite. Como fantasmas, esvoaçam as borboletas nocturnas á volta da luz enganosa da minha lanterna. O orvalho embebe cada vez mais os campos frescos e o ar da noite pouca humido sobre os membros aquecidos. Uma cigarra que mora na casa, chama-me outra vez para fóra com seu estribilho discreto e dá companhia ao meio sonhador feliz que aguarda o dia, conservando-o acordado ao zumbido dos mosquitos, aos golpes de um sapo-boi, que semelham timbales, ou ao grito queixoso de caprimulgo.

Pelas cinco horas vejo a manhã, que surge em roda; um pardo fino e igual fundido com o vermelho matutino que alegra e inunda o céu; apenas o zenith fica mais escuro. As formas do arvoredo aproximam-se cada vez mais; o terral levanta-se ao Oriente e move-se lento; brilham já luzes e reflexos de um vermelho roseo nos zimbórios do piqui, do castanheiro, da seringueira. Os ramos, as folhas movem-se; os sonhadores acordam e banham-se no ar fresco da manhã; voam cascudos, zunem mosquitos, gritam aves; papeando, macacos voltam a trepar nas brenhas; as borboletas nocturnas, ariscas á luz, recolhem-se titubeantes ao seu ninho florestal; nota-se agitação pelos caminhos; os roedores tornam aos esconderijos, e as martas astutas fogem de vagas das gallinhas, que um gallo espectacular convoca.

O ar vai se tornando cada vez mais claro; o dia rebenta; a natureza reveste-se de pompa indescritivel; a terra aguarda seu noivo. Vêde! Lá vem elle, como raio vermelho fulge a fimbria do sol! Agora ergue-se o sol; em um momento domina inteiro o horizonte, e emergindo de vagas de gofo, atira candentes raios sobre a terra. Cede o diluculo mago, grandes reflexos fogem, acossados de escuridão em escuridão; de subito o contemplador arroubado desfronta a terra, no luzimento fresco do orvalho, festiva, juvenilmente alegre, a mais formosa das noivas. Nem uma nuvenzinha no céu que, immaculado, cobre a terra. E' tudo vida; plantas, animaes gozam, luctam.

Pelas sete horas começa a desaparecer o orvalho, o terral cede um pouco; nota-se já o calor crescente. O sol ascende rapidamente e a prumo o céu azul, claro e translucido, em que todos os vapores se dissolveram por igual, até que mais tarde, no horizonte occidental, se formam flocozinhos brancos, que apontam contra o astro e paulatinamente avultam pelo firmamento afóra. Pelas nove horas, o campo fica secco de todo; a matta queda-se ao brilho de

suas lauraceas, umas flôres desabrocham, consumiu já outras o gozo rapido do amor. Mais uma hora, e as nuvens acastellam-se lá em cima, afeiçoam-se em massas largas e espessas e transitam obscurecendo, e ás vezes refragerando o sol, que avassalou a paisagem em toda a sua plenitude luminosa.

Palpitam as plantas sob os raios solares chamuscantes e perdidas entregam-se á excitação potente. Cascudos de azas douradas e beija-flores chilream alegremente; varieçadas borboletas e libelulas divertem-se na praia em animado jogo de cores; pullulam pelas veredas formigas que em correições extensas acarretam folhas para seus edificios. Tambem os animaes preguiçosos sentem a excitação solar; o jacaré levanta-se do tijuco da margem inferior e installa-se na areia quente; tartarugas e lagartos são atraídos de seus recessos humidos; cobras de cores cambiantes umas, outras de cores mortas, serpeiam pelas quentes e luminosas picadas. As nuvens vão baixando, esgarçam-se em camadas, cada vez mais profundas, mais espessas, mais desbotadas, envolvem o horizonte azul pardacento; para o zenith adaptam-se em massas claras, ampliderramadas, copias de montanhas gigantescas no ar. De chofre, cobre-se todo o céu; apenas num ponto ou outro espica o azul profundo; esconde-se o sol, mas tanto mais quente reverbera o ar na paisagem.

* * *

Passou meio-dia; torva, pesada, melancolica, pesa esta hora sobre a natureza, e cada vez mais alastra a pressão e sobrevem o mormaço que a luz do dia gerou. A fome e a sede debandam os animaes; só os animaes tranquillos, preguiçosos, refugiados na sombra das mattas, nada suspeitam da crise da natureza.

Mas não tardará; inelutavel, a passo acelerado, vai rebentar; já vai resfriando o ar; furiosos ventos arremettem uns contra os outros, escarvam a matta e depois o mar, que agita, cada vez mais negro e os rios que escuros parecem escorrer silenciosos, abafados em seu murmuro pela ventania.

Ahi vem a tempestade! Duas vezes, tres vezes um raio pallido traspassa as nuvens; o trovão rugo lento, tranquillo, tremulante; caem gotas. As plantas respiram novamente do seu torpor; outro trovão, e não chuva, cordas d'agua despede agora o céu combalido. A matta arqueja; o ciccio das folhas postas em movimento passa a sussurro, a rufo surdo que atrôa longe. Oscillam flores, despenham-se galhos que

brados, troncos apodrecidos; com violência o furacão arrebatava o ultimo encanto da virgindade das plantas prosternadas. E por que não. Já não floresceram e amaram? o ingá não enrugou seu estame exausto? a banisteria não deixou cair as folhinhas douradas do calice fecundo? a espiga do árum não entreçou ao temporal o capulho murcho prenhe do grãos?

Tambem o mundo animal sente o sobro dessa hora tremenda. Mudo, horro-rizado, o aviario da matta adeja pelo sólo; as especies sem conto de insectos procuram guarida debaixo das folhas, nos troncos; dissuadido de guerra e morticinio, o mamífero suspende a caçada; só os amphibios, de sangue frio, folgam com o diluvio que desaba, e, em milhares de vezes, atroam os côros das rãs e pererecas, nas vargens humidas. Nos regatos murmura a agua turva, atraves das picadas para o rio, ou perde-se nas gretas do sólo. Cada vez vai baixando mais a temperatura do ar, as nuvens esvaziam-se gradualmente, mas apenas por curto espaço, e a temperatura ainda está pesada. Rejuvenescido de esplendor, resurge o sol de extensas camadas de nuvens que cada vez vão se apartando mais, mergulhando para o sul e para o norte e, como pela manhã, emolduram em figuras tenues e leves o campo azul do firmamento. Ceruleo já sorri o céu para a terra, que em pouco esqueceu o seu terror. Uma hora mais tarde já não ha mais vestigio de temporal; em novo frescor, enxutas pelo raio quente do sol, apparecem as plantas o animal de novo move-se seguindo seu velho costume, obedecendo aos instinctos hereditarios.

Assim aproxima a tarde, as novas nuvens apparecem entre flócos brancos no horizonte, empresando um aspecto roxo ou amarello sujo á paisagem, que liga harmonicamente os altos arvoredos do fundo o céu e mar. Baixa o sol e, cercado das côres masi variadas, desce pela porta occidental o firmamento, deixando descanso e amor ás criaturas. Com a escuridão vespertina, novos anhelos se apoderam do animal e da planta, o cochicho e o gorgoio confidenciaes aviventam as sombras da matta; uma aspiração renovada de amor respira nos affluvios voluptuosos que se desprendem das folhas novamente abertas; a natureza entrega-se á forma poderosa de sexualidade. Remancham ainda clarões avulsos no crepusculo do sol poente á volta dos cabeços e já na frescura silenciosa marcha tranquilla, meiga e fantastica, vai caminhando a lua argentea sobre a matta escura e as figuras fundem-se em formas novas, mais suaves. Sobrevem a

noite, e a natureza mergulha no somno e no sonho e o ether, encurvando-se, imensuravel, sobre a terra, brilhando como testemunhas innumeradas, de magnificencia longinqua, instilla bondade e confiança no coração do homem, os mais divinos dons, apos um dia de contemplação e de gozo.

Na mesma sequencia notada neste quadro, igual, apparecem, dia a dia, aqui no Pará, pelo menos durante parte do anno os mesmos phenomenos naturaes. Com magnificencia regular, traz cada hora as mesmas tensões, as mesmas distensões das forças naturaes, e cada creatura apparece no momento prescripto sobre o grande palco, representa e perde-se em seguida na multiplicidade dos figurantes. Cada uma obedece ao instincto proprio de sua existencia, e, comtudo, não passa de servo das leis geraes; cada uma parece só ter em vista a si propria, e, comtudo está inteiramente subordinada á comunidade; mas o homem, alhures acostumado a marcar a hora das épocas universaes só por sua consciencia, reconhece naquellas pulsações valentes os ponteiros que marcam as horas da natureza. E esta successão regular e de antemão determinada dos phenomenos deve se revelar com maior nitidez exactamente aqui, sob o Equador.

Por toda a parte nossa terra está subjugada e, por assim, dizer, sujeita ao serviço do astro supremo; mas só aqui, onde o sol, á distancia sempre igual prescreve sempre as mesmas leis, os actos da vida terrestre postos por elle apparecem quaes movimentos livres e a terra dir-se-ia antes allada, não serva do astro que manda no céu. Como são diversas as coisas ao norte e ao sul, onde a terra, não por apego pacifico, mas sob captivo hostil, tem de sujeitar-se ás condições violentas e procellosas de uma para outras!

O contraste violento das estações apparece-se nestas latitudes felizes, apenas perceptivel, em differenças fracas de extensão dos dias. A estação humida e a estação secca, o inverno e o verão mal se distinguem, pois quasi cada dia alterna a chuva e o sol; até certo ponto a primavera e o outomno só se denunciam por periodos de vegetação. Esta, favorecida aqui por seus verdadeiros elementos vitaes, calor e humidade, insurge-se na plenitude da magestade, e o partir da borda d'agua cobre a terra com o exuberar forte da folhagem sempre verde.

Muitas plantas, quiçá exactamente cuja existencia cabe nos limites mais es-

treitos das regiões equatoriais, com frequência cobrem-se de flores mais de uma vez cada anno; muitas representam a época da primavera, outras ao mesmo tempo a do outomno; entretanto, na maioria desabrocham as flores nos mezes de novembro a março, e os fructos amadurecem de julho a setembro. Aquella pausa, porém, que durante o outomno e o inverno septentrionaes desguarnecem a matia de sua folhagem aqui nunca se observa, se alguma arvore perde o ornato das folhas que vão ficando velhas, nem por isso fica escalvada, pois novos rebentos substituem logo os que se perdem.

A esta força vital, infinita, corresponde também a abundancia de fructos e só de nome conhece a má colheita ou falta de colheita. Sob a inspiração de tal natureza, deve fortalecer-se o sentimento com vigor novo. A harmonia grandiosa de todas as forças do universo, que aqui defrontamos por toda a parte, parecendo por assim dizer symbolizar os destinos moraes do homem, enchia-nos de nova coraem para a vida, das esperanças mais agradaveis e daquella alegria da alma que em lutas constantes, descommodas contrariedades já tínhamos quasi perdido.

O DESENVOLVIMENTO DO TRIGO NO BRASIL

Plantações Experimentaes em Santa Maria Magdalena

A Sociedade Nacional de Agricultura recebeu do Sr. William Wilson Coelho de Souza, Director Geral do Departamento de Agricultura do Estado do Rio de Janeiro, o seguinte officio:

"Exmo. Sr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura. Tendo V. Exa. enviado a este Departamento sementes de trigo para serem experimentadas em uma das suas dependencias, tenho o prazer de enviar, por copia, o relatório do Administrador do Horto Florestal e Fructicola de Magdalena, Sr. Joaquim dos Santos Lima, por cujo documento V. Exa. verá as suas observações a respeito da materia, com o respectivo graphico apresentado pelo citado funcionario, que estima em 150 kilos a produção de trigo no Horto, com o plantio que foi feito de 5 kilos, produzindo, pois, cada kilo a quantidade de 30 kilos.

Ainda como documentação da adaptabilidade da cultura do trigo no Estado, junto amostras do producto colhido nesta Capital, em quintaes de duas casas e sem maiores cuidados.

Sem outro motivo, aproveito para apresentar a V. Exa. os meus protestos de estima e alta consideração. (a) "William Wilson Coelho de Souza", Director Geral."

Horto Florestal e Fructicola de Magdalena — Trigo Barbado — Cultura e Observações — Plantio em 25 de junho de 1937. Germinação em 2 de julho de 1937. Factores meteorologicos: Calôr 25,4. Precipitação: 0,002mm. Floração em 18 de Setembro e terminou em 5 de Outubro de 1937. Fa-

ctores meteorologicos: Calôr 23,5. Precipitação: 0,004mm. — Maturação em 15 de Novembro. Factores meteorologicos entre 5|10|37 e 15|11|37; Calôr 21,2; Precipitação: 62mm,9 — Cyclo vegetativo: 142 dias. Ara: 1.244m². Produção: Dependente da secca para o desgranamento. Crescimento do Trigo: Em 20 de Agosto de 1937, 0,45cm.; com 55 dias; Em 7 de Setembro de 1937, 0,70cm., com 73 dias. Em 18 de Setembro de 1937, 1,10ms. Em 5 de Outubro e 15 de Novembro de 1937: 1,50ms. As espigas deram, em média, com a barba, 0,24 cm. e sem a barba 0m,14.

Quantidade Média de Grãos: Em 20 de Outubro de 1937, contei grãos de 10 espigas obtendo a média de 64 grãos, para cada espiga.

Outras observações — Recebemos do Departamento de Agricultura 25 kilos de trigo, devido a escassez de terreno plantamos 5 kilos e cedemos 20 kilos ao Sr. José Bechara Raphael, para ser plantado em sua propriedade Moribéca, desse senhor temos informações que o trigo vae bem. O trigo foi plantado em covas largas e razas, na distancia de 0m,50 por 0m,50, em terreno proprio para arroz, porém, secco.

O terreno do plantio de trigo ha 2 annos foi drenado e levou uma calagem leve, cremos que devido a isso o trigo desenvolveu-se bem, causando admiração aos estrangeiros que o viram.

Não notamos praga no trigo e nem em alguns pés de aveia que nasceram de entremio com o trigo, o mesmo não aconteceu

com o centeio que foi atacado pelo "carvão".

Em 17 de Outubro começou o trigo a ser atacado pelos passarinhos, quer dizer, que com 113 dias de plantação já estava granado.

Tivemos de dar combate aos passarinhos por todos os meios e modos, mesmo assim calculamos que elles destruíram 1/6 da produção.

O unico passarinho que ataca o trugal é o "coleiro", ou "papa-arroz".

Desde 15 de Novembro completou o trigo a maturação e só a 26 pudemos dar inicio á colheita, devido ás grandes chuvas; a humidade é tanta que em alguns cachos notamos o trigo germinado.

Devido ao máu tempo resolvemos colher o trigo e pendural-o em baixo do barracão para seccagem.

Depois de batedura remetteremos a ultima parte do presente relatorio, referente á produção.

Considerações — Por este relatorio ficou demonstrado que a epoca do plantio do trigo deve ser Abril e Maio, fazendo-se as colheitas em Agosto e Setembro, com sol.

Pela média de grãos em espigas, podemos julgar a produção, que será compensadora; cultivadores de trigo no Velho Mundo, que têm visitado o Horto calculam a colheita em 40 vezes a planta.

Magdalena, 27 de Novembro de 1937.

(a) Joaquim dos Santos Lima, Administrador contractado".

Juntamos um graphico da quéda de chuva e da temperatura em Magdalena, no periodo de 25 de Junho a 15 de Novembro de 1937".

Horto Florestal e Fruticola de Magdalena — Magdalena, 3 de Dezembro de 1937. — Off. n. 97. — Do Administrador do Horto. Ao Exmo. Sr. Dr. Director da Produção Vegetal. — Assumpto: Complemento do serviço do trigo.

Remetto-vos annexo dados completando as observações do plantio do trigo.

Dados e ultimas observações.

Altitude de Magdalena, 620 metros acima do nivel do mar.

Preparo de terreno, plantio e uma capina, 12 serviços; corte e desgranamento 8 serviços. Total 20 serviços a 4\$000 igual a 80\$000. Produção do trigo 75 kilos.

Com grande trabalho conseguimos salvar 75 kilos de trigo devido ao ultimo periodo de chuvas e humidades excessiva, cuja media entre 15 de Novembro e 26, época em que podemos cortar o trigo, elevou-se a precipitação a 13mm,2 e a humidade a 88mm5, provocando a germinação do trigo no cacho, prejudicando a colheita em media de 40 0/0; o damno causado pelo passarinho pôde ser calculado em media em 20 0/0.

Podemos affirmar, baseados no relatorio do trigo, que essa cultura pode ser feita com resultado na zona alta do Estado.

Em resumo vemos: Primeiro — Trigo plantado fóra da época; Segundo, tempo mui secco na primeira phase do plantio; Terceiro: — Chuvas excessivas e humidade na ultima etapa; Quarto — Estragos causados pelo "Papa arroz", tambem conhecido com o nome de "Coleiro"; com esses danos todos ainda colhemos 15 vezes a planta, o que demonstra que o plantio em época propria deve, no minimo, dobrar a produção.

Devido ao não conhecimento do trigo e a não ter encontrado monographia que elucidasse quanto ao espaço de cova a cova, o plantio feito de 0m,50 por 0m,50 é demais, bastando 0m,30 por 0m,30, o que vem diminuir a área.

Conseguimos seleccionar umas 50 espigas de uma variedade de trigo de espigas de cor escura, que melhor se portou entre todos sendo suas vantagens as seguintes: Primeiro— mais peso; Segundo — granação da espiga toda. Terceiro — Pouco atacado pelo passarinho. Quarto — Não acama. Quinto — Não germinou no cacho.

Julgamos ser uma variedade optima para o nosso Estado, vamos multiplicar o colhido para estudos.

Sr. Chefe, no meu relatorio e nesse complemento reuni tudo o que pudemos observar na cultura do trigo. Saudações." (Assignado): Joaquim dos Santos Lima — Administrador."

Inscreva-se como socio da

Sociedade Nacional de Agricultura

PELA PECUARIA GOYANA

CAMARA FILHO, Director do Departamento de Propaganda e Expansão Economica do Estado de Goyaz.

A situação geographica do Estado de Goyaz, está a indicar, naturalmente, ser esta unidade federada, pastoril por excellencia, ademais se considerarmos, a vastidão de seus campos, distendidos no immenso Planalto Central Brasileiro, os quaes se destacam, sobretudo, pelas suas pastagens naturaes de elevada capacidade nutritiva.

E" na industria pastoril que o Estado mediterraneo vem encontrando até o presente o melhor e o mais seguro factor do impulsionamento de sua economia collectiva. Este facto está exuberantemente provado pela estatística da nossa exportação bovina, de productos pecuarios, que já apresenta apesar de todos os pezares, uma cifra digna de particular realce.

O gado curraleiro, que caracteriza a degenerencia de uma raça, desaparece, entre nós, de anno para anno, em acentuada progressão. O zebú vae dominando os nossos campos, isso porque se impoz aos nossos criadores, pela sua resistencia organica, facilidade de adaptação e vantagens economicas. E' elle que fez se descortinarem á industria pastoril do Estado as mais animadoras perspectivas de successo.

Realizado o conflicto, o curraleiro, franco decadente, não resistiu, cedendo o logar ao zebú, que no caso, é o mais forte e que já começa povoar, em larga escala, os nossos campos, constituindo dest'arte, um dos indices mais expressivos do levantamento economico da terra goyana.

São os boiadeiros procedentes de Minas, S. Paulo, etc., que annualmente, canalizam para o nosso Estado, com a compra do nosso gado para os açougues e xarqueadas de S. Paulo e Rio, uma somma de contos de réis que já peza sobretudo em nossa balança commercial.

Se Goyaz tem na pecuaria o mais auspicioso elemento da vitalidade de sua riqueza economica, é preciso, portanto, que o Governo do Estado volte as suas atenções para a nossa industria pastoril, proporcionando-lhe os meios de protecção e incentivo que ella, até bem pouco desamparada, está a pedir. Esta é, como se sabe, a intenção do Governador Pedro Ludovico.

Terminada a construção de Goyania, E. Excía. o Sr. Governador, passará, dentro das possibilidades do nosso orçamento,

a beneficiar a nossa pecuaria, a nossa lavoura e a nossa industria, de resto, todos esses elementos ligados ao progresso e ao patrimonio economico do Estado, entregando a execução do plano, que estruturou para esse fim, a tecnicos que se recomendem, antes de tudo pelo conhecimento das nossas realidades e pelo coeeficiente de seu trabalho, efficaz e racionalizado.

Goyaz já está no tempo de preocupar-se, mais preocupar-se seriamente com o problema de sua producção agricola, pecuaria, extrativa e industrial, porque só deste modo, teremos o bem estar do nosso povo e a elevação rapida da receita estadual que até esta parte, digamos, é diminuta, embora duplicada neste ultimo lustro. A actual administração, como se percebe, não podia nada fazer sem primeiro mudar a Capital do Estado para um local que esteja, tal qual Goyania, em contacto rapido, facil e directo com toda a população do Estado, ora estimada em um milhão de habitantes.

A transferencia da séde do Governo para a cidade de Goyania, foi, como se conclue o primeiro passo para a realização do grande plano administrativo de construcção economica financeira que o Governador Pedro Ludovico, traçou com bases seguras, ao seu Governo, que nos tem sido, á evidencia dos factos, rico de iniciativas e fertil de notaveis melhoramentos.

O rebanho bovino de Goyaz, vae augmentando de anno para anno, constatando-se tambem a sua melhoria, pelos processos zotechnicos, de selecção, de cruzamento, etc., mercê do interesse dos nossos criadores, que intelligentes e praticos como são, tem introduzido reproductores de raça pura, em suas fazendas os quaes se adaptam, perfeitamente, ás nossas condições de mesologia.

O rebanho nacional é de noventa e cinco milhões de cabeças de gado, de varias especies. E o seu valor pode ser calculado approximadamente de quinze a quinze e meio milhões de contos de réis.

O rebanho pastoril de Goyaz que era em 1912 de 3.168.170, em 1916 de 3.679.630, em 1920, de 3.889.331, passou a ser em 1936 a 6.040.400 cabeças, observando-se mais que o nosso gado offerece hoje, na quasi generalidade, um aspecto bom, tendo

por isso cotação excelente nos grandes mercados de consumo. A sua carne apresenta qualidades superiores, um sabor especial, o que attribuímos á excellencia de nossas pastagens.

A industria salateril, como tambem a de laticínios, vem tomando ultimamente, no Sul do Estado, que é cortado pela Estrada de Ferro, grande incremento.

Já possuímos varias fabricas de manteiga, até mesmo de queijos, confeccionados pelos methodos modernos, como ha uma fabrica, em Goyania.

As xarqueadas são muitas, algumas dellas de movimento consideravel. Não obstante parte do nosso xarque chegar ás grandes praças consumidoras como sendo procedentes de Minas, Matto Grosso e S. Paulo, as estatisticas accusam para o nosso Estado, e m1936, uma exportação de 48.854 fardos.

Com a execução do plano que o Governo tem em vista, a pecuaria goyana, passará a ser notoriamente beneficiada.

Ainda ha pouco, o Deputado Gomes da Fróta, lider da maioria da Assembléia Legislativa Estadual, um grande e intelligente conhecedor do problema pastoril de Goyaz, falava-nos com entusiasmo, das possibilidades, sob todos os pontos de vista que o Estado mediterraneo offerece á pecuaria, notadamente, de um anno e pouco para cá, que o Governo já vem tomando a respeito, medidas acauteladoras, em favor dos nossos rebanhos.

A classe de criadores goyanos, que é uma das mais numerosas do Estado tem no Deputado Gomes da Fróta, um legitimo e vigilante defensor dos seus altos interesses. A essa conclusão chegamos ante á exposição que nos fez aquelle parlamentar, em palestra que teve comnosco, da actualidade pastoril goyana, na qual resaltou as providencias a serem tomadas afim de que a pecuaria, em nosso territorio, tenha dias mais certos e de maior prosperidade.

Discurso pronunciado pelo Sr. Hilario Leitão, na reunião da Sociedade Nacional de Agricultura de 30 de Dezembro de 1937

Meus senhores.

A honra insigne de ocupar esta tribuna proporciona emoções bem avaliadas pelos que sabem da responsabilidades que assumem os debates trazidos ao conhecimento da Sociedade Nacional de Agricultura.

Os altos interesses do Paiz são aqui estudados com civismo e, sobretudo, com a indiscutivel competencia dos mestres, que orientam superiormente as directrizes desta casa. Recorrendo ao patriotico acervo das medidas que aqui têm sido examinadas, chega-se á conclusão de que jamais, arrefeceu no animo dos que propulsionam a marcha dos seus trabalhos, o entusiasmo e a confiança sempre grande nos destinos do nosso caro Brasil.

Os problemas mais complexos, o exame dos factos economicos, o estudo perfeito das nossas possibilidades foram sempre o objectivo elevado, patriotico e inalteravel de um grupo de abnegados que, nesta casa, tem pugnado numa admiravel continuidade, pelo progresso do nosso Paiz.

Como espectador desse magnifico scenario, que eu observo ha uma vintena de annos, não poderia de ser attrahido e procurar, mais de perto, sentir o calor das discussões e aprender a melhor servir á causa commum.

Animado, portanto, por um principio que a todos anima e que é o de collaborar pelo engrandecimento do paiz, eu, embora modesto obreiro, mas disposto a seguir os exemplos de tão nobre escola, aqui estou, senão para ajudar, mas, ao menos, para applaudir.

Collaborador de uma secção agricola de um dos principaes matutinos desta Capital, venho mantendo ha mais de dez annos o noticiário de referencia aos assumptos que directamente se prendem ao desenvolvimento economico-financeiro, buscando na licção dos mestres os ensinamentos que mais possam interessar áquelles que, como unico recurso, á mingua de outras divulgações, encontram na imprensa os informes precisos para se conduzirem no afanoso mister de lavrar a terra e desenvolver a pecuaria.

Meus senhores:

O Brasil com a sua enorme extensão de oito e meio milhões de kilometros quadrados, não muito inferior á da Europa inteira, offerece campo para que medrem todas as culturas. As observações de quatro seculos autoriçam e corroboram as palavras de Vaz Caminha na carta que dirigiu ao Rei D. Manuel, communicando o faustoso

achado dos portugueses: "e em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nella tudo".

Não devemos, pois, nós que a fatalidade historica nos investiu na posse deste magnifico legado, desmerecer da inestimavel ddiva com que a sorte nos beneficiou. De verá ser o Brasil, alguém já o disse — Para os seus filhos e ainda para quantos o adoptassem, a mansão ideal, onde o sentimento se apurasse, a intelligencia se expandisse e o trabalho, melhorando a natureza e dignificando o homem, cada vez mais o prendesse á terra liberal e dadivosa.

Tal desideratum só poderá, entretanto, ser conseguido atravez a instrucção como ponto principal a ser encarado e resolvido. Não se contesta que a producção e a riqueza são um resultado do trabalho guiado pela intelligencia esclarecida, que desvenda as leis da natureza e adapta as forças naturaes ás necessidades humanas. A instrucção é o mais poderoso instrumento de que o homem pode lançar mão para conseguir o seu bem e, portanto, a sua felicidade.

O anseio desesperado de todos os povos é a producção da riqueza, e para isso será indispensavel recorrer ás luzes da sciencia, porque o operario moderno tem que trabalhar não só com as mãos, mas, sobretudo, com o cerebro, porque só assim elle corresponderá ás exigências complexas da vida contemporanea. E' a licção aconselhada por Leibnitz, que dizia que mudaria a face do mundo se lhe entregassem a educação das gerações novas.

Foi assim que a Sociedade Nacional de Agricultura, compenetrada da verdade de taes conceitos e empenhada na diffusão de conhecimentos do que se relaciona com o que a terra nos poderá fornecer, num gesto altruistico e sem esmorecimentos, instituiu o ensino Agricola no Horto Fructicola da Penha desde 1899. Dahi para cá os que acompanham de perto a acção de um punhado de benemeritos e dedicados servidores, num ininterrupto e fatigante trabalho, no afan de conseguir a realização de um ideal, visando a transformação do estabelecimento em um centro de agricultura moderno, só tem motivos para confiar, cada vez mais, na acção e na eficiencia que esta Sociedade vem exercendo e exercerá no scenario agricola do Paiz.

A fundação da Escola de Horticultura Wencesláu Bello, representa um marco glorioso na vida da Sociedade. O antigo Horto foi transformado num estabelecimento modelo de ensino da horticultura na sua alta accepção, compreendendo a horticultura, a fructicultura em cursos de varias naturezas e especialidades.

A diffusão do ensino agricola occupará, sem duvida, o lugar que lhe assignalou o saudoso e eminente estadista João Pinheiro, quando affirmou que a realização do lemma que se inscreve no pavilhão nacional, pela perfeita conciliação da "Ordem e Progresso", dependia da abertura de escolas que illuminam a intelligencia das creanças, ensinam o trabalho aos adultos, guiam e aconselham, nas duvidas aos productores e cuidam das questões materiaes.

Meus senhores:

Devemos caminhar sem temores para a vida do Paiz, o desejo ponderado e perseverante, tenaz e firme da grandesa e progresso para a conquista do lugar que nos compete no concerto geral das nações. A consciencia de um povo precisa ser estimulada para crer na sua superioridade e só esta crença é um poderoso factor do triumpho. O destino nos deixa antever que a situação privilegiada do Brasil lhe assegura um porvir radioso.

Agora, meus senhores, uma pequena digressão pelo que em consequencia da observação dos factos que a vida de imprensa me tem despertado, eu devo submeter ao conhecimento desta illustre assistencia. Animado pelos generosos applausos de bons amigos iniciei a publicidade de um Dictionario Agricola na secção de que sou encarregado, no "Correio da Manhã". E' claro que não cometteria tal tarefa se não contasse com o valiosissimo auxilio do competente e abalisado technico Dr. Carlos de Sousa Duarte, digno director geral do Departamento da Producção Vegetal do Ministerio da Agricultura, o qual, graciosamente se promptificou a fazer a revisão do trabalho e a nelle introduzir as modificações que julgasse necessarias. A accepção de semelhante publicação foi tão lisongeira que resolvi divulgar-a em fasciculos, tornando assim a sua leitura ao alcance dos que nem sempre podem obter o jornal.

Pois bem, na impossibilidade de contribuir com a minha collaboração technica na grande obra empreendida pela Sociedade Nacional de Agricultura com a installação da Escola de Horticultura Wencesláu Bello, entendi reservar mensalmente a quota de dez por cento da renda liquida que possa provir da venda do trabalho a que me refiro e que será entregue á Sociedade para ser applicada no custeio daquella Escola.

Terei, deste modo, a satisfação de ligar o meu trabalho ao daquelles que directamente cooperam para o engrandecimento da instituição, cuja existencia deve ser para nós objecto dos mais desvelados cuidados.

O Levantamento Economico da Amazonia e o seu sentido Agronomico

Conferencia do Engenheiro Agronomo Enéas Calandrini Pinheiro Realizada na Sociedade Nacional de Agricultura

Tarefa das mais gratas ao espirito do paraense, é, de certo, aquella que me conduz para, num meio onde se reúnem as elites economicas do Brasil, dizer alguma coisa, fallar da terra distante, com o interesse do meu bem querer e com os traços predominantemente de minha grande saudade, elementos humanos que suprem, com a bondade dos ouvintes, a desvalia de minhas rudes palavras.

O problema do Norte afastado, dessa Amazonia admirada e repellida, já eu dissera antes, tem trazido a intellectualidade patricia num alvoroço sempre continuo de conjecturas e de planos, de opiniões e de palpites, uns elevados, outros exóticos, arvultando, entre tantos, o da impropriedade dessas longinquas terras a qualquer esforço progressista, pelo seu clima ardente de zona torrida... Entretanto, o clima da Amazonia nada tem de alarmante. E, se a alguns cientistas que percorreram a extraordinaria extensão da vasta planicie, da Pindorama mysteriosa e paradisiaca, aprouve malsinar as suas condições de vida social, levando, como Agassis á difamação cruel e injusta e, como aqui entre nós mesmos, o festejado Euclides da Cunha declarar que o homem allí é um "intruso impertinente", apparecem, comtudo sabios como Humboldt a prophetizal-a como o celleiro futuro do mundo, culminancias individuais como de Martius e Huber, Goeldi e Hart, e outros eminentes glorificadores da natureza, a eleva-a cultural-a e estudal-a, sem os preconceitos estreitos do derrotismo, nem as phantasias volumosas e ridiculas de Orellana na lendaria prosapia do Eldorado cubigado e imaginario.

A se acreditar na impropriedade do clima amazonico á habitação humana, afastando os projectos de colonização — base primordial do seu soerguimento — retrocederíamos á concepção hellenica, destruida pelo destemor dos navegadores lusitanos, dobrando o Cabo das Tormentas, de que havia na terra, ao sul das suas herdades, uma zona impropria para a vida e, ainda hoje classificada, nos compendios de geographia de "zona torrida"... Dada a ascendencia antiga da mentalidade grega sobre os outros povos, a alusão correu mundo, foi da idade antiga á media media e desta á moderna, com fóros de realidade indestructivel. E, ainda hoje, no Brasil sul e aqui no Rio, metropole luminosa das nossas sciencias, ninho soberano da nossa cultura, se pensa que viver na Amazonia é um milagre e um castigo e se torna, entre militares, funcionarios e doutores, como uma immerecida penalidade a transferencia áquellas plagas espantosas, gehena de alarmantes tristezas e perigos, a que, já um escriptor de renome cognominou, em expressivo livro, com o suggestionante engaste de **Inferno Verde**. Ahi só vivem os degenerados. Entretanto, o Sr. João Henrique, uma das mais consagradas actividades intellectuales de Minas Geraes, afirma, com Le Dantec, "que a vida é uma adaptação. Viver é habituar-se. Um organismo não muda de meio sem modificação na sua estrutura. A nova ambiencia exerce sobre elle um consirangimento, no sentido de modificá-lo, adaptando-o. Mas, a acclimação ou adaptação não é, de maneira nenhuma, degeneração. Os antigos não souberam distinguir esses dois phenomenos differentes. Acreditaram que era um

Não posso, meus senhores, terminar esta ligeira exposição sem deixar de agradecer o attencioso telegramma que recebi da Directoria da Sociedade por occasião do meu afastamento da vida publica. As palavras consoladoras e altamente lisongeiras para quem, tão modestamente tem procurado servir a uma causa tão nobre e tão patriótica

servirão para que eu, cada vez mais, me convença de que um ideal elevado, animado por uma crença, arrastará todas as forças vivas do Paiz, impregnando cada ser com a sua potencia, qualquer que seja a esphera de sua actividade publica ou particular".

único. Dahi suas lamentáveis theorias climatológicas, á sombra das quaes a imatutativa popular architectava as mais fantasticas crendices."

Mas eu não venho dissertar sobre taes assumptos abertos como introdução ao que vos digo adiante, exprimindo, realidade, a situação amazonica e, principalmente a paraense em presença do momento economico que atravessamos, olhos fitos nessa terra abençoada que é o meu justo encanto de brasileiro que idealisa, embora já na tarde da vida, a elevação do nosso Paiz, na suprema vanguarda dos povos do Universo.

Agraz-me, depois deste prefacio, apresentar aos assistentes, a figura sympathica do honrado chefe do Governo paraense, o eminente dr. José da Gama Malcher, administrador prudente, esclarecido, amigo do Pará, dedicado ao seu progresso, com a indumentaria moral de um prestigio pessoal de homem limpo e de rara expressão intellectual, e que, apreciado e visto de perto pelos grandes brasileiros Getulio Vargas, Oswaldo Aranha, Odilon Braga, Arthur Costa, Marques dos Reis, Mendonça Lima, etc., é um padrão de orgulho da terra paraense.

Senhores. Quem alguma vez contemplou as impressionantes vagas verdes dos immensos e formosos cafesaes paulistas, não se poudé furtar, por certo, ao intimo estuar de ufania patriótica, recordando que aquellas infindas e maravilhosas plantações, foram obra de energia intelligente e insopitavel da alma brasileira, alli palpitante de ambiciosos e nobres ideaes, desde as alvoradas affirmadoras da nossa predestinada nacionalidade.

Planta exótica, de estranha origem, com que o Pará contribuiu outr'ora para architectar a grandeza do Brasil, o café encontrou na Paulicéa o ambiente physico e social que lhe convinha, para crescer e imperar, nos destinos do mundo.

Homens de visão profunda e intemerata, os paulistas de então, como ainda os de agora, cêdo lobrigaram toda a grandeza que a estimada rubiacea representava para os interesses daquelle rincão brasileiro.

Afeitos ás grandes ousadias da epopéa bandeirante, creatam alli uma cultura nova e uma prosperidade singular, fazendo-a finalidade suprema regional, em sua organização collectiva, fosse a politica, a financeira, a industrial, ou a commercial e a educativa.

E assim vem succedendo, até agora, sem esmorecimentos, com a mesma fé, a coberto de todo deslumbramento fakiriza-

dor, sempre avante, a crear e a renovar, a completar e a progredir.

O que fez com o café, tambem veiu realizando com outros productos, que, por sua vez, não eram nativos de seu solo: assim foi com o eucalypto, com as fructas europeas, com as bananas, com as preciosas auranceaceas, com os cereaes, com o algodão, com a canna de assucar e todos os vegetaes cultivados. Dahi a grande victoria que este Estado tem alcançado no campo da polycultura, guiado pelo esclarecimento profundo de seus agronomos, do eminente Gustavo d'Utra ao illustre Fernando Costa, de Theodoreto de Camargo ao competente Adalberto de Queiroz e destes valorosos e completos profissionaes sahidos da consagrada Escola de Piracicaba, templo do saber, que é honra suprema do Brasil, exemplificados em Torres Filho, o nosso provector orientador, nesta grande cruzada á que todos nos dedicamos.

São Paulo, creando a sua hegemonia economica, naturalmente se fez o eixo da gravitação nacional, a illuminar e a mover o espirito coordenador das diversas unidades patrias de orbitas praticas mais remotas, de menor scintillação e evolução mais lenta.

Não é, portanto, extranhavel que tome o Estado leader da agricultura, como um pharol dos nossos anhelos, nesse mare magnum de tantas e taes possibilidades, que a espiritualidade desinteressada de nordesta reduz, por emquanto, a um simples desdoiro da sua actuação constructora e renovadora.

Quem como nós da Amazonia, que possui tantos vegetaes preciosos, verdadeiros privilegios, estaria por certo, em condições de architectar tambem o mais solido e gigantesco monumento de prosperidade material, se quizesse ou soubesse pôr mão em obra tão necessaria, imperiosa e vital?

O nordesta que outr'ora já soube, com desassombro e tenacidade, desvendar os mysterios do viridente e immenso valle do Rio-Mar, transmittiu, por certo, aos seus descendentes de agora, esse rico legado, generoso e varonil, da decisão intelligente, nobremente realizadora e progressista. Apenas essa herança de energias affez-se e affeioou-se á seducção das actividades de exploração rudimentar das riquezas nativas, na illusão de que as nossas conveniencias permaneciam sempre as mesmas do tempo da descoberta e da colozação e não soffreriam a compressão dinamica dessa progressiva interdependencia da economia universal.

Ora, o progresso realizado, em materia de agricultura tropical, após a guerra de 1914, pelas maiores nações colonizadoras do velho e do novo mundo, em suas colonias equatoriais, são de ordem a desassocegar o espirito patriota de regiões como a nossa, ricas de recursos vegetaes cubigados e de clima e sólos sem grandes contrastes com os de suas possessões.

Taes nações colonizadoras, de meio seculo para cá, utilizando as condições propicias de climas, sólo e população das suas colonias, enveredaram pela politica ostensiva de emancipação económica em relação aos productos naturaes preciosos, de outros paizes e regiões, de quem eram dependentes e tributarias.

Sua evoluida visão reconheceu que, o facto de existirem taes fontes maravilhosas de producção natural, em poder de outros povos, não implicava, necessariamente, na possibilidade infinita dos methodos de exploração extractiva, facil e lucrativa de taes riquezas; e que nada impedia tambem creassem, para si, com as especies e variedades vegetaes em mira, uma riqueza nova, de efeitos economicos superiores, e de resistencia e vitalidade irrestingiveis.

Embora, agricolamente, taes realizações não fossem, escoimadas de defeitos sérios, nem por isso, allí, se deixou de agir, de corrigir, de progredir, a perfeição e a infallibilidade para elles, sendo apenas, privilegios muito relativos da nossa fraca e esforçada humanidade.

A simples fé nos efeitos salutaes do trabalho methodico, esclarecido pela previsão scientifica e robustecida pela maleabilidade infinita, dos recursos technicos realizadores, bastou para assegurar-lhe a hegemonia singular dessas producções agricultadas, subvertendo a economia mundial.

Nossas riquezas vegetaes nativas de facil aquisição e transferencia para fóra daqui, de vegetação relativamente rapida e fructificação precoce, ahí estão no alcance do interesse das missões scientificas, de feição utilitarista que amiudamente nos visitam e estudam, ao nuto de governos, corporações, ou empresas, de além mar.

O intensivo aparelhamento cultural, technico, das possessões equatorias daquellas referidas nações, visando o aumento e maior perfeição da sua agricultura tropical, com intuitos de enriquecimento proprio e de emancipação legitima, levará, pois, a desprendimento, o desinteresse, ou, o desanimo dos povos afortunados e imprevidentes, á dura contingencia de successivamente riscarem de suas pautas de

exportação, os artigos de producção cultural, a lhes barrarem o acesso dos mercados mundiaes. Dia o dia, nossa borracha silvestre, em fugidias alternativas de restabelecimento, agonisa, com tendencias provaveis a desaparecer, como expressão economica, do commercio mundial.

Ora, taes transformações e realizações, ameaçadoras para nós, no scenario da politica das nações possuindo territorios de colonização na zona equatorial, em desfavor nosso, se succedem, com a presteza, a organização e a segurança duma acção estrategica, bem delineada e sobretudo favorecida, pela superioridade pratica e civica dos nossos antagonistas.

A unica defesa capaz de nos assegurar maior vitalidade e resistencia nas luctas inevitaveis de competição commercial e agricola — a cultura systematizada dos nossos vegetaes de riqueza — infelizmente, na Amazonia, não mereceu ainda os fóros de necessidade palpitante e inadiavel!

Nossos mais apreciaveis plumitivos da economia politica indigena, por emquanto, outra solução mais propria não tem vislumbrado em nosso interesse, que a descoberta de novos productos naturaes de exportação, intensificar a colheita depreciativa do patrimonio de riqueza regional e deixar ao alienigena, ou á Natureza, a solicitude das conveniencias da civilização moderna, que são nossa parte de attributos progressistas.

Pelas disposições arraigadas aos preconceitos da nossa população activa, a deixal-a entregue ao seu deslumbrado e transbordante fetichismo pelo formidavel patrimonio possuido, seria primeiro preciso, que se exgottassem totalmente, as possibilidades remunerativas de usar os recursos naturaes de seu fabuloso thesouro, inerte para que as energias civicas, então se concentrassem na realização desse problema palpitante — problema de hontem, problema de agora, problema de sempre: a aacultar tantas riquezas vegetaes que, na distancia do soturno e remoto **hinterland** são o nosso engodo e a nossa miragem, a nossa decepção e a nossa ruina.

Agricultar, concentrar, consorciar esses nossos vegetaes preciosos, dispersos na immensidade da floresta amazonica; fixar as energias nomades da nossa população rural; standardizar as culturas e as colheitas produzidas, pela selecção, pela technica especializada; constitue a essencia dessa remodelação necessaria, da nossa economia e a que, certamente, nos decidiremos afinal conscientes das nossas conveniencias e responsabilidades.

Esses problemas actuaes da Amazonia estão apenas dependendo de sã visão sociologica e de coordenação technica; isto é conhecimento do homem e da Natureza, amazonicos, e senso normal da agricultura nos seus variados aspectos locais e universaes.

E é justo salientar que o habitante da Amazonia não é o que muita gente assevera, um indolente por habito e que, não é verdade que quem uma vez foi seringueiro jamais saberá trabalhar em outro mistér. Principalmente no Pará, com a sua pequena população rural, temos visto, pela produção da zona agricola, que o homem do campo não é, não pôde ser um inutil.

Essas para nós já elevadas cifras de exportação e de produção com uma população rural, veja-se bem, que não alcança 300.000 homens validos para as labutas do campo, dão uma demonstração clarissima de alguma coisa superior e nobre.

Na estimativa das culturas do Pará, rigorosamente computadas, assim mesmo, com a ridicula expressão da nossa pequena densidade de gente aproveitavel, vemos uma apresentação notavel de cerca de 30.000 toneladas de farinha de mandioca, 15.000 de arroz, 3.000 de algodão em pluma, 3.500 de feijão, além do cacáo, do fumo, dos fructos cultivados, das industrias extractivas, do gado, sem fallar da nossa já apreciavel industria manufactureira de calçados, doces, bebidas e outros productos.

E' certo que muito temos soffrido com as crises continuadas da borracha e de outros productos, mas se soffremos as consequencias de um facto inevitavel, procuramos, experimentados pela dôr, conquistar, sem resentimentos, as alegres canções de uma victoria diaria, verdadeira ressurreição mandada por Deus, como premio de nossa resignação.

Obra exclusiva do nosso povo que bem tem comprehendido, na sua silenciosa abnegação patriottica, que a depressão que sentimos estava assignalada pela propria feição dos factores organicos, naturaes e sociaes que se observam em toda a parte.

De que o nosso trabalhador necessita é de assistencia publica, pela instrução e pelos recursos hygienicos e de orientação ao seu trabalho. Tem elle grandes qualidades, que o collocam na primeira linha, entre os operarios agricolas de outras nações, sem invejar os requisitos dos outros povos. E' intelligente e de uma ductilidade assombrosa para assimilar; é resistente como o leão e mdrugador como os passaros, e, sobretudo, tem incontestavel ape-

go á terra e um grande affecto á sua familia. Proposições estas que eu aqui digo, poderei provar em qualquer tempo, com a copiosa experiencia que tenho alcançado, no convivio contínuo, no meio da simplicidade dessa gente explorada, desse povo menosprezado e abandonado de minha terra.

E' preciso ter comprehendido a feição moral e pratica do nosso homem rural, o valor effectivo da sua sabedoria e das suas aptidões technicas, o seu feito civico, dentro do seu proprio empirismo, para poder tirar partido de seu prestativo concurso na realização das conveniencias visadas.

Não nos basta o simples proselitismo verbal; nem estabelecermos a distribuição gratuita e copiosa de plantas melhoradas, ainda; ou, confiar, tambem, das suas relativas habilidades praticas, o exito dos melhores conselhos technicos. Sem o concurso de tudo isso e, mais, da cooperação dos profissionais da agronomia, para escolha da melhor ecologia, dos dispositivos da distribuição e consorciação mais propria e do devido trato cultural, o exito agricola, só excepcionalmente não será um fracasso.

O principal e mais directo productor da nossa agricultura, permanecendo num estagio pratico, tão rudimentar, alheio além disso, por illetrado, aos problemas sociaes e regionaes, é das outras classes praticas, mais influentes e esclarecidas, civicamente, que devem emanar as medidas de previsão, fomento, iniciativa e coordenação do trabalho agricola, especial, como esse, de reconstrução systematica da nossa riqueza regional; a começar pelas administrações publicas, geraes e locais, até o commerciante do interior sob constante solicitude, previdencia e providencia dos serviços agronomicos officiaes, tal como o praticam as grandes nações colonizadoras, em suas possessões equatoriaes, de vida rural technica precaria e de progresso tarde.

São problemas, esses, de feição collectiva; pois que, para normalidade do seu dynamismo, dependem do consenso, da solidariedade e do concurso effectivos das classes praticas mais proeminentes e preponderantes, socialmente, em relação ao productor rural, e cujos interesses materiaes e civicos, particulares ou geraes, são de absoluta interdependencia.

A remodelação agricola e economica da Amazonia, feita naturalmente e com acerto, com proficuidade civica e vivo patriotismo, não deve depender tanto e só, de capitaes, nem de emprezas exoticas, ou, apenas de alienigenas; porém, necessariamente, da organização cooperadora das administrações publicas com as classes

productoras em taes serviços civicos, delinçados, porém, e conduzidos por technicos de especialização agricola, para que o nosso homem rural possa evoluir, socialmente, por aquisição da nova technica, de maiores aptidões praticas que lhe falcem, agora e que resultariam na inflação irrestringivel do engrandecimento nacional.

A reimplantação da cultura algodoeira e da industria do assucar no Pará, realizou-se na verdade, sem dinheiro estranho, sem colonização exotica e numa phase de rudes premencias, em que o capital moeda, além de escasso, era esquivo e difficil; apenas lhes faltou, para terem sido normalmente reconstituídas, que o fossem, mais assistidas, porém, pelos poderes publicos, então, e inspiradas num senso mais positivo das necessidades, em vez dessa compromettedora superstição, que tem a technica agricola e agronomica e a solidariedade de objectivos superiores, por inutilidade ou estorvo.

Se os agronomos naquella época e ainda hoje, fossem ouvidos e attendidos pela desdenhosa e intratavel sabedoria dos praticos, muitos prejuizos teriam sido evitados, muitos erros não teriam preponderado e, mais tempo e proveitos seriam poupados...

Graves inconveniencias, suscitando profundas perturbações ao melhoramento da nossa producção rural, correm por conta dos cooperadores do roceiro, no interior; a injusta equiparação venal do bom e do mau producto, causa do desinteresse e da deslealdade do roceiro; a mistura das castas, a falta de conservação da limpeza natural das colheitas e de defeza contra as pragas, são, ainda, parte integrante da technica usual dos nossos praticos de negocios; tanto em producção agricola e em economia rural e civica.

Ao proselytismo dos agronomos, suggerindo meios e modos accessiveis de reformar os defeitos compromettedores do maior valor da nossa producção agricola o roceiro contrapõe a lastimosa objecção de que não vale a pena, porque o "patrão" não paga mais por isso".

O que se confia á terra, ella nos devolve com prodigalidade, seja o bom, seja o máo e só na medida das forças productivas que ella tem realmente, ou dos influos ambientes, biologicos, e sociaes que a governam. Confiar-lhe má semente ou viciosa planta, deixal-a entregue ás influencias desfavoraveis dos seres inferiores e da insciencia ou desinteresse dos homens, é technica inexperiente, aventureira e propria dos tratamentos inicias agricolas da epo-

cha da pedra polida e dos primeiros vagidos da astrolatria.

E' incontestavel a politica das nações leaders em se passarem da producção estranha de utilidades em que se podem tambem tornar productoras e dahi, a imperiosa e fundamental necessidade de nos organizarmos, para produzir melhor e mais barato, na eventualidade de sobrepujar factas competições.

A evidencia disto ahi está, em verdade, no aparelhamento tecnico social e economico, das colonias equatoriaes, nossas incontestaveis concorrentes; e no esmorecimento da nossa producção especial extractiva, desde que as cotações respectivas desçam a niveis em que a mesma producção cultural, alli vive folgada e prospera.

No caso em fóco, alli mesmo no Pará, nossos pequenos productores de borracha — plantação, durante os rigores da crise do producto, já puderam vender borracha fina a 500 réis o kilo, cotação funesta para os seringaes silvestres.

E' que o agricultor de seringal tem outras possibilidades praticas e economicas, de que não podem dispôr os outros productores, nos esparcos e trabalhosos seringaes silvestres.

Outro aspecto do problema cultural dos vegetaes perennes é a superioridade da plantação pequena, do obscuro roceiro, sobre a plantação industrializada. As lições do Extremo Oriente, mais recentes, nos estão mostrando a importancia deste aspecto e a sabia previdencia dos governos coloniaes indo — neerlandezes, favorecendo o surto systematizado das pequenas culturas perennes; as grandes, prestando-se particularmente á producção de materia prima para as manufacturas proprietarias dellas.

Não teve echo, infelizmente, a organização cultural selvicola e mais economica, para os interesses amazonicos, que o extincto Campo Experimental Paraense, creou, como typo normal de plantações equatoriaes, perennes; e que, realizada como programma administrativo regional, sem duvida poria o Norte, á coberto dessas permanentes ameaças de competição e proeminencia, verdadeiramente perigosas.

O problema amazonico resume-se nisto: Colonizar, Agricultar, Cooperar tecnicamente, por amor aos sagrados interesses da nossa Patria.

Tivemos o cacau, tivemos o café, a canna de assucar, o cravo, a salsaparrilha, o cumarú, e, enfim, a opulencia da borracha; pois bem, tudo isso, tornou-se fonte de riqueza valiosissima e verificavel, fóra do

Pará, enquanto aqui, taes productos, um a um, foram caindo de proeminencia, deixando-nos tão sómente a insegurança, o temor do futuro e o desapontamento.

A defesa da borracha, entre nós, não passou da questão commercial e financeira dessa produção, desinteressando-se das soluções mais fundamentaes, portanto, imprescindiveis, que o problema agrícola significa.

Abandonada, assim, toda esperança de viver e lutar pela industria sylvestre da borracha, tida pelos pessimistas de sempre, como o nosso azar, de qualquer modo, os paladinos do seringalismo regional nada resolveram, nada mais suggerem que possa modificar o impasse.

Reconsideremos, pois e desde logo os maus efeitos constantes, do insulamento pratico, do empirismo e do espirito dileitante ou derrotista, para os interesses vitaes desta magnifica região brasileira.

A vida, social é, sempre foi e cada vez mais será, cooperação, solidariedade, divisão de attributos; e na solução dos nossos problemas praticos, só o espirito de conjuncto, o bom senso civico, a subordinação ao saber pragmatico, nos conduzirão a bom termo e em tempo.

Fóra disso, estaremos sempre tão longe, no ocaso do progresso, quantos graus de longitude nos separam, geographicamente, da Africa Occidental Franca, da Costa do Ouro ou da Malasia!

Queiram, pois, os poderes publicos encarar a feição economica da Amazonia desta maneira, cooperando com os agronomos no verdadeiro programma de Rumo ao Campo! mas rumo ao campo com a orientação classica e moderna dos povos educados.

As forças naturaes creadoras impellem a corrente, da fragil nascente longinqua, por quebradas e ribanceiras, augmentando-lhe o volume até que as suas aguas se confundam e se abracem ás do Oceano bravo e magnifico. Assim, tenho fé, ainda será para os meus dias, contemplar o formoso alvorecer das nossas glorias economicas, impulsionadas pelo calor patriotico da immortal sciencia agricola, que será a força creadora de nossa prosperidade futura.

A seringueira, essa grande e querida euphorbiacea, tem a sua historia, na Amazonia contemporanea, com a propria historia do seu movimento social e economico, num periodo de quasi um seculo. Base de uma prosperidade desapparecida, poderia, houvesse da parte dos brasileiros a previdencia elementar de quem não vive só para o presente, ser hoje, neste seculo de

emprehndimentos e das victorias da concurrencia esclarecida, um dos fortes, talvez o mais forte alicerce da grandeza do Brasil. Estudar essas causas, trazer, com vantagem, ao ensinamento das longinquas regiões onde ella tem o seu *habitat*, é missão que compete ao poder publico, que deve encarar a questão, como disse a principio, em um triplice aspecto: agronomico, industrial e economico. Por isso, não se faz mister organizar um aparelhamento custosissimo, como foi a extincta Superintendencia da borracha, nem um instituto de largas proporções burocraticas e pequena ascendencia technica, comb soe acontecer a certos serviços já criados ou em projectos.

Como ponto inicial desses estudos, propria a criação de uma secção de plantas lactiferas e oleaginosas nativas, anexa á Directoria do Fomento de Produções Vegetaes, do Departamento Nacional da Produção Vegetal, do Ministerio da Agricultura, cujo pessoal seria constituido por technicos do proprio Ministerio, com diminuto augmento de despeza, sómente para a verba material e para a organização de campos de demonstração nos Estados interessados, com a cooperação dos Governos locais, dos technicos federaes e estaduais. Esses campos teriam a mesma organização dos demais campos do Fomento da Produção Vegetal, com o pessoal identico e consignação material relativamente pequena, devendo o Governo installar, um no Pará, um no Amazonas e um no Acre. Seria tambem conveniente, de futuro, installar em um dos Estados Amazonicos, em regiões que interessasse a todos, uma Estação Experimental, com todos os requisitos indispensaveis aos esclarecimentos e estudos e ensinamentos projectos, da cultura á colheita, desta á bonificação dos productos, dahi á refinação, á vulcanização e manufactura dos principaes derivados, que fazem da borracha e das oleaginosas o grande manancial de utilidade, cada vez mais valiosa e mais palpitante.

Essa Secção, que estudará as importantes questões lembradas pelo Dr. Carlos Duarte, em collaboração com os differentes serviços dos Ministerios da Agricultura e do Trabalho, traçará as bases de uma organização complexa e modelar, agindo como órgão orientador, preenchendo uma lacuna imperdoavel que é aquella que se nota na regulamentação do Serviço de Fomento Agrícola, onde todas as principaes culturas e plantas de valor, no Paiz, têm a sua secção de estudos e sómente a seringueira, e as plantas oleaginosas nativas e o timbó, as riquezas naturaes da sólo da Amazonia, ficaram abandonadas, sem ou-

iros cuidados e atenções que não os que a Natureza lhe proporciona, sem regatear.

A limitação que faço da Amazonia (Pará, Amazonas, Acre e norte de Matto Grosso), como zona de systematização dos encargos referentes ao thema que aqui se aborda, é motivada pela experiencia amarga que tivemos de se querer, na Superintendencia extincta da Defesa da Borracha, enfrentar o seu programma por toda a extensão do territorio brasileiro, o que, disvirtuando a essencia dos intuitos de legislador, estabeleceu uma Babel de attribuições, cuja amplitude, deu em resultado o completo fracasso que todos lamentam.

A região amazonica, notadamente o Estado do Pará, possui além do timbó e uma variedade tão grande de plantas lactíferas, oleaginosas e outras de valores industriaes que, deixal-as ao abandono, não constitue sómente um descaso passageiro e sim um verdadeiro crime de lesa patria. Hoje que temos á frente do Ministerio da Agricultura um agronomo dos mais competentes do Brasil, culto e dynamico, de que já tem dado provas evidentes na alta administração do Estado de São Paulo, onde geriu, com rara competencia a pasta da Agricultura, Industria e Commercio, não é admissivel esperar para o amanhã pleonastico dos economistas de fancaria o interesse dos poderes publicos, para solução de problemas tão valiosos, para o incremento da producção nacional.

O estudo e multiplicação do timbó, hoje reconhecido como planta de valor inestimavel, para a economia nacional, já está por nós iniciado no Pará, devido á persistentes elevações da iniciativa particular e desse operoso auxiliar de meus actuaes serviços, o agronomo Numa Pinto, doublé de chimico e biologista, em quem conito as maiores esperanças de exito, no problema que vou enfrentar.

Já eu, em trabalho apresentado, em fôrma de inquerito, sobre as essencias florestaes do Pará, e sobre as nossas oleaginosas nativas, escrevia o seguinte, em 1930:

No que diz respeito a este Estado, estes empenhos se tornariam especialissimos, pela excepcional distribuição das suas florestas; pois, como escreve o Dr. Gonzaga de Campos (Mappa Florestal): "E' a matta por excellencia do valle do Amazonas, esse mar de água doce extendido ao longo ou nas vizinhanças da faixa das calmas equatoriales, da cinta das nuvens e das chuvas constantes. Allí todas as circunstancias se conjugam, para o mais vasto supprimento de calor e de humidade, que possa nutrir a uma variedade quasi infi-

nita de vegetaes de alto porte, que apenas têm necessidade de disputar pelo crescimento a conquista da região da luz".

Plantas vasculares já conhecidas na Amazonia, computam-se ahí em mais de 10.000, quantidade que pôde perfeitamente ser duplicada ou triplicada, como pensa Spruce. (Notes of a Botanist on the Amazon).

Possuimos ainda em toda a região amazonica 2.000 a 2.500 plantas arborescentes, das quaes estão arrolados cerca de 500 nomes vulgares de arvores paraenses, catalogadas scientificamente por celebres botanicos, inclusive pelo querido amigo do Pará que fôra esse saudoso Jacques Huber, a personificação classica da bondade, da modestia e da erudição.

No horto botanico do Museu Goeldi foram feitos ensaios de culturas de algumas essencias, como o cedro, a marupahuba, o piquiá, o acapú, o pau-amarello, o pausanto, a muirapinima, o louro (diversas variedades), a itauba, o pau-roxo, etc.

Alóra esses pequenos ensaios e uma ponderada organização florestal, iniciada pelo illustre agronomo paraense dr. Leopoldo Penna Teixeira, quando director do extincta Campo Experimental do Estado, nada mais se tem feito e as proprias reservas da antiga Estação Augusto Montenegro, hoje projectada Estação Experimental de Algodão em Igarapé-Assú, não existem mais. Os seus terrenos foram divididos em lotes e distribuidos gratuitamente a colonos do nordeste, que já os estão abandonando como de costume, extinctas as mattas, pelas derribadas e pelas queimas continuadas, de verão a verão.

Existem, é facto, as leis numeros 900, de 5 de novembro de 1903, 1197, de 3 de novembro de 1911, 1567, de 31 de outubro de 1915 e 2.434, de 14 de novembro de 1924, importantes decretos que estabelecem bases e condições para os serviços de exploração de madeiras, reservas florestaes, etc., mas que, até o presente, não foram regulamentadas.

Entretanto, apesar do Pará se poder considerar uma região predominante de florestas, pois tres quartos de sua superficie estão occupados pela mais exuberante e variada formação vegetal arborescente, não obstante o elevado numero de essencias preciosas variadas, — a exploração de uma tal riqueza não poude attingir, siquer, a feição industrial que era de prever nem a importancia economica das explorações congeneres de outras partes do mundo.

Mais: o alto custo da extracção das madeiras, devido á carestia e difficuldade

dos transportes, por terra e por água, dispersão de um numero diminuto de individuos de certas especies valiosas em áreas immensas, afastadas quasi sempre das vias de comunicação mais proprias, tem sido um estorvo ao desenvolvimento maior dessa industria regional, para alimentar com regularidade um commercio tão importante quando os nossos recursos naturaes fariam suppor.

O povoamento e consequentemente as actividades applicadas ao desbravamento para os plantios de roças ou extracção de materia prima vegetal espontanea, tem feito raras, nos trechos mais facilmente accessiveis do nosso territorio, as formações arborescentes preciosas, de modo alarmante, para as mais graves conveniencias do Estado e da propria Nação.

Não se cuidou, entretanto, de systematizar os replantas, estudando-se os meios coherentes da realização dessa grande conveniencia social.

Muitos problemas, além deste, ainda estão pendentes duma organização tecnica official, permittindo realizar observações de outro modo incertas, precarias, desconhecidas ou inexistentes, e interessando a coordenação de informações praticas necessarias á commercialização das actividades applicadas á industria florestal, á agricultura, a engenharia, etc.

Assim, a revisão das indicações empiricas tradicionaes dos nossos melhores padrões vegetaes, para o estabelecimento de culturas, pelo exame completo — physico-químico-biologico — dos sólos respectivos; o estudo das vegetações symbioticas e dos escretas rediculares e o da composição mineral das cinzas das diversas essencias caracteristicas; o conhecimento dos melhores processos de extincção da vitalidade vegetativa e da destruição economica normal dos vegetaes e dos destroços existentes e superfluos, — são temas que visivelmente desafiam a attenção dos nossos profissionaes.

Igualmente, o estudo do valor calorifico das diversas essencias; dos caracteres physicos, químicos e micrographicos differenciaes das principaes madeiras; da physiologia inicial e ulterior das plantas respectivas; das melhores consociações e successões culturais arboreas; do cyclo vegetativo normal; das circumstancias biologicas dependentes da intensidade, duração intermitente e variação de fontes luminosas naturaes e artificiaes; das modificações agrológicas optimas na cultura dessas essencias, além do parasitismo que as affecte e dos meios prophylaticos para o seu combate; dos rendimentos uteis por

unidade de superficie; das observações phenológicas das essencias florestaes na sua actividade propria e como hospedadores de outros seres com predilecção especial por ellas; da riqueza e reconstituição de substancias extractivas de valor economico; das utilizações para arborização ornamental, etc. — constituem elementos que estão esperando oportunidade para serem resolvidos, permittindo applicações praticas proveitosas, mais amplas e precisas.

Sobretudo, a exploração cultural dos mais expostos á iniciativa cobiçosa dos outros povos, com hegenomia politica e tenossos vegetaes oleaginosos ricos, por dechnica nas regiões analogas ás nossas, precisam da intervenção official, a fim de orientar, fomentar e urgentemente defender a economia nortista e nacional com a adoção de um problema salvador.

São as seguintes as principaes oleaginosas nativas do Pará; **Palmeiras:** 1 — Assahy (2 variedades; Euterpe precatoria e Euterpe oleracea); 2 — Bacaba (2 variedades; Oenocarpus distichus e Oenocarpus bacaba); 3 — Gaiaué ou dendê do Pará (Elaeis melanococa Gaerin.); 4 — Curuá (2 variedades do genero Attalea; Attalea maritima e Attalea spetabilis); 5 — Inajá (Maximiliana regia); 6 — Inajá-y (Cocos inajá-y); 7 — Jauary — (Astrocaryum jauary); 8 — Jupaty (Raphia taedigera); 9 — Marajá-assú (Bactris marajá); 10 — Mirity (Mauritia Flexuosa); 11 — Mucajá, ou côco de catarrho, ou Macaúba (Acromia sclerocarpa); 12 — Mumbaca (Astrocaryum mumbaca); 13 — Murúmurú (Astrocaryum murumurú); 14 — Patauá (Oenocarpus patauá); 15 — Piririma, ou "Jatá", (Cocos syagrus); 16 — Pupunha (Guilielma speciosa); 17 — Tucumá (2 variedades; Astrocaryum tucumá e Astrocaryum vulgare); 18 — Tucuma-uassú (Astrocaryum macrocarpum e Astrocaryum princeps — 2 variedades); 19 — Uáuassú ou "Babassú" (Orbigania speciosa); 20 Urucury (attalea excelsa).

Oleaginosas diversas: — 21 Andiroba (Carapá guyanensis); 22 — Assacú (Hura crepitans); 23 — Andorinha (Amanoa); 24 — Bacury (Platonia insignis); 25 — Baratinha (Caraipea Lacerdaei Barb.); 26 — Cacáo (Theobroma Cacáo); 27 — Castanha de Arára (Joannisia heveoides); 28 — Castanha de Macaco ou Andiroba falsa (Salacia); 29 — Castanha do Pará (Bertholletia excelsa); 30 — Castanha sapucaia (Lecythis paraensis — principal); 31 — Cayaté ou Comadre de azeite (Omphalea diandra); 32 — Compadre de azeite (Elaeophora abutaefolia); 33 — Cumacá-y (Lophostoma ca-

lophyloides); 34 — Cumarú (Comarcuna odorata); 35 — Cumarú-rana, ou Castanha de anta, ou Castanha de macaco, ou Côco de cotia ou Coquillo (Genero Couepia); 36 — Cumarú-rana das ilhas (Taralia oppositifolia); 37 — Capuassú (Theobroma grandiflora); 38 — Cupú-assú-rana ou Cupú-rana (Matisia Paraensis); 39 — Curupira; 40 — Fava de Arara (Hippocratea); 41 — Jaboty (Erismia calcaratum); 42 — Jorrojorro (Thevetia Nereifolia); 43 — Mahuba (Acroclidium Mahuba); 44 — Mamorana (Pachira Aquatica e Pachira Insignis); 45 — Marfinzeiro ou páu marfim (Agonandra Brasiliensis); 46 — Mungubeira — (Bombax, munguba); 47 — Pacapiá ou Nhandiroba, ou Jabotá ou Guapeva ou Fava de Santo Ignacio Falsa (Fevillea Trilobata); 48 — Pajurá (parinari Montanum); 49 — Piquiá ou Pêkeá (Caryocar Villosum); 50 — Piquiá-rana (Caryocar Globum); 51 — Pente de Macaco (Apeiba Tibourbou); 52 — Pracachy ou Paró-caxy (Pentaclethra filamentosa); 53 — Guaruba de flores roxas (Erismia Uncinatum); 54 — Quinquió ou Sapucainha, ou Castanha de cotia (Aptandra spruceana); 55 — Saboneira (Sapindus Saponaria); — 56 — Sumahueira (Ceiba Pentandra); 57 — Serigueira (diversas variedades — genero herea); 58 — Tacazeiro, ou Envireira, ou Capote (Sterculia pruriens); 59 — Tamaquaré (Carapla); 60 — Taquary (Mabea); 61 — Uchy Pucú (Sacroslottis Uchi); 62 — Ucuhuba (2 variedades); (Branca — Virola Surinamensis e a vermelha — Virola Sebifera); 63 — Ucuhubarana (Iriathera); 64 — Umary (Poraqueiba Paraensis).

OLEOS VOLATEIS, BALSAMOS E RESINAS

— São os seguintes: 1 — Oleo ou balsamo de Copahyba (diversos; copahybeira marimary — Copaifera reticulata e Copaifera multijuga — a "Copaifera Martii" — dá pouco balsamos); 2 — Oleo-resina de Jacaré-copahyba (Eperva oleifera); 3 — Oleo-resina de Tamaquaré (Caraipas); 4 — Balsamo-resina de Umiry (2 variedades; Humiria floribunda — e Humiria ballophyllum brasiliensis); 6 — Oleo de Nhamiferia; 5 — Balsamo de Jacareúba (Camahy (Eleophora); 7 — Oleo essencial de Pau rosa (Aniba roseodora); 8 — Oleo de Loura camphora (Ocotea costulata); 9 — Resina de Jutahy ou Jutahycica (Hymenaea courbaril e Hymenaea parvifolia); 10 — Resina de Breu (Protium hyptaphyllum); 11 Resina de Uanani (Symphonia globulifera); 12 — Resina de lacre (Vismia guyanensis); 13 — Resina de Sorveira (Couma utilis); Gomma de Cajú (Anacardium occidentale e Anacardium giganteum e A. Cpruceanum); 15 — Gomma de Visgueiro (Parkia

pendura); 16 — Gomma de Angico (Piptadenia peregrina); 17 — Resina de Ituá (Gnetum urens gnetaceos); 18 — Resina de Tamanqueira de leite (Zsochokkéa lactescens); 19 — Latex de Muiratinga (Pebeba mollis Poepp.).

BORRACHA, GUTTA e BALATA — São estas as variedades principaes: 1.º Genero Hevea (Borracha Verdadeira); Hevea brasiliensis; Hevea guyanensis; Hevea collina; Hevea benthamiana; Hevea lutea; Hevea viridis. 2.º Genero Castiloea (Gaúcho); Castiloea elastica; 3.º Genero Sapium NURUPITA (Sapium bislandulosum). 4.º Genero: Hancornia MANGABA; Hancornia speciosa. 5.º Genero: Micandra (Micandra siphonioides).

BALATAS: 6.º Genero Mimusops (Sapotaceas); 7.º Genero Ecclinusia. 8.º Genero: Siderowylon resiniferum e Sideroxylon cyrtobotryum).

GUTTA: 9.º Genero — Lucuna (Sapotaceas).

Eu disse que tinha fé no impulsionamento das forças naturaes criadoras, com o calor patriótico da profunda actuação da sciencia agricola. E repito. E esta fé, guiado o Ministerio da Agricultura, hoje, pela grande oportunidade social de Fernando Costa e, no norte, o verdadeiro programma de Rumo ao Campo. E' preciso agir, é preciso produzir, e preciso orientar as populações rurais, indicando-lhes a estrada ampla, a illuminada via-lactea das suas aspirações, pelo trabalho e pelo methodo, na virente prosperidade das nossas conquistas agricolas.

E é programma primordial do nobre Ministro da Agricultura: rumo ao campo! rumo ao campo! não como fórmula abstracta de certas promessas encaixadas em plataformas esquecidas... rumo ao campo! como a maior homenagem á terra da Amazonia, ás suas riquezas, á poesia das suas paisagens felizes, ás aguas invenciveis do Amazonas e ás limpidas aguas azuladas de outros rios seus tributarios, ao éco longinquo das suas cascatas, ao mysterio das suas florestas, ao encanto, emfim da sua portentosa Natureza, dilecta filha de Deus, florida e perfumada "noiva do Sol"...



ASPETOS REAIS DA QUESTÃO DO LEITE



Entre os muitos e tão debatidos problemas, relativos à questão do leite, destaca-se, indiscutivelmente, o do abastecimento de leite da Capital Federal o qual requer uma solução razoável, atendendo aos justos interesses do produtor, do consumidor e dos demais interessados. Varias tem sido as piniões que tem surgido à esse respeito, inspiradas, sem duvida, por elevado patriotismo. Sente-se, contudo, a falta do conhecimento global do problema o que, fatalmente, poderá induzir à soluções erroneas em relação aos verdadeiros interesses do Brasil.

O fundo economico da Nação Brasileira é positivamente a Agricultura. E' e será por longo tempo, como nos Estados Unidos onde apesar da imensa riqueza de combustiveis, ainda "the greatest business in the countri is agriculture" (o maior negocio no paiz é a agricultura).

E. P. Prentice e Robert Machroy, por ele citado, atribuem a crise economica de 1929 nos Estados Unidos à taxação da agricultura "que relapidou a riqueza nacional" e promoveu o exodo dos campos para as cidades para crear uma industria desmesurada que acabou não encontrando mercado para os seus produtos.

Quando o Sr. Ministro da Agricultura declarou a necessidade da educação agricola da Mulher Brasileira, como meio de fixar o homem aos campos, sentimos que espera da Agricultura o resurgimento da Economia Nacional. Não poderão, pois, seduzir à S. Ex. e aos que conhecem os problemas agricolas as soluções simplistas dos que pretendem aumentar o consumo da produção do campo, sem estudar sua capacidade, seus custos e as solicitações naturais dos mercados consumido-cede nos Estados Unidos, o proprio Paiz. res. O grande mercado brasileiro é, como su-Num momento em que as Nações se fecham com impostos elevados aos produtos estrangeiros, felizes são os paises que possuem mercados internos, pois a falta deles e das Colônias tem levado à situação conhecida a Alemanha, a Italia e o Japão.

O valor do leite no mercado é realizado por varias solicitações: do produto em especie, do queijo, da manteiga e caseina, e dos produtos conservados (leite em pó, condensado, etc.). Este sistema de forças promove a resultante geral. Ilusão seria alterar qualquer delas num materialismo mecanico ou matematico e supor manter o equilibrio do sistema, compensando as demais. Realmente, si os poderes publicos forcarem por uma medida que não seja rasoavel um dos mercados, do leite ou do queijo ou da manteiga, etc., o va-

lor do leite cairá de um modo geral, pois nenhum dos outros mercados terá capacidade para absorver naturalmente as ofertas dos produtos que se destinavam ao mercado atingido.

Seria justo, por acaso, intervirem os poderes oficiais para desvalorisar o leite em proveito dos consumidores das Capitais? Um grande erro seria, acreditar. População superior a do Distrito Federal é aquela do Estado do Rio e de Minas que se dedica aos trabalhos rurais, donde provem o leite para essa Capital. Qual o indice de riqueza desses fazendeiros e de seus colonos? Positivamente muito inferior ao da população das cidades. Porque pois se atingir mais ainda os que vive m no campo construindo a verdadeira Nação, em proveito das concentrações urbanas?

Se "o consumo do leite é simplesmente ridiculo no Brasil", é sobretudo porque é quasi nulo no campo, de onde ele provem, visto não sobrarem recursos com a sua exploração para que possa ser utilizado. E o camponês é um novo Tantalos por cujas mãos passa o abastecimento das Cidades, permanecendo no conhecido estado de deficiencia de nutrição.

Se o atual sistema de vendagem é defeituoso, porque sujeito a grande numero de intermediarios e deixa proveitos a cada um deles, estudemos uma formula mais perfeita que não desvie dos produtores lucros que lhes poderiam advir. Examinemos porem com isenção de animo se a maquina, atualmente montada, poderá ser substituida por outra que realise o seu objetivo com vantagens economicas.

Evidentemente merecem apreço as medidas pelas respectivas autoridades em pról dos laticinios brasileiros. Mesmo as dificuldades atuais do transporte ferro-viario são parcialmente compreensíveis, considerando os aumentos verificados na produção e no consumo. Não convem, entretanto, esquecer os consideraveis aumentos nos fretes ferro-viarios nos ultimos tempos os quais em muito influíram no correspondente aumento dos custos.

Apreciando todos estes aspectos devidamente, não se pode negar o quanto é necessario o ensino profissional, tecnico e higienico, especialmente do ponto de vista da pratica pelo qual ha tantos anos nos vimos batendo.

O elemento vital da organização da industria de beneficiamento de leite para o consumo direto é o Entreposto. O leite é sabiamente um alimento de extrema delicadesa, pois uma organização responsavel e aparelhada que regule o seu comercio, pelas impor-

tações necessárias, a conservação precária do produto deixará os industriais a mercê dos distribuidores que os levarão a fazer um verdadeiro leilão do leite. Cenas tais já foram comuns no Rio, antes da existencia dos Entrepósitos, agravadas pelo não pagamento das proprias contas a preços infimos, situação esta de tais imprevistos e insucessos para os industriais, que o leite costumava ser pago até a 80 réis aos fazendeiros. A Capital Federal é abastecida de leite pelos Estados do Rio e Minas em partes praticamente iguais, sendo interessante observar que o primeiro Estado vai ganhando terreno dia a dia, graças a sua proximidade do centro consumidor.

Já vimos que o comercio livre é desastroso para os fazendeiros. Vejamos se aos mesmos convem a baixa do produto na epoca de abundancia. Ora, as baixas no preço do leite só se podem fazer de 100 e m100 réis por falta de moeda divisionaria. O Usineiro que está longe de ganhar 100 réis por litro de de leite exportado, só aumentará o seu prejuizo mantendo o preço do fazendeiro e exportando maior quantidade de leite. Precisar-se-á pois baixar o preço ao fazendeiro para se reajustar á nova tabela e ao novo volume de exportação.

Examinemos o que sucederia aos produtores de leite, si fosse creado um Entrepósito Livre em concorrência aos já existentes.

Durante a escassez maxima do produto todo o leite acessível ao Rio sendo requisitado pelo consumo, os Entrepósitos atuais e os industriais comreiciando livremente poderão talvez realizar em ordem as suas transações. Logo porem que a produção de leite aumentar, os distribuidores o comprarão em leilão nos Entrepósitos e os industriais livres terão que se submeter a esse processo, pois o leite não é mercadoria armazenavel, como carne e cereais. Os Entrepósitos que possuem grandes responsabilidades de colocar o leite de industriais, mediante contratos de consignação e comissão, em defesa dos seus interesses terão que seguir o referido leilão e se estabelecerá uma verdadeira corrida para o zero em beneficio exclusivo dos distribuidores. Baixará pois o preço para os industriais e estes por sua vez atingirão os fazendeiros. Será a ruina da produção, do industrial, e talvez o paraíso do distribuidor, sem proveito para o publico.

A industria de laticinios, "a mais brasileira de todas as industrias" beneficia uma anuais. Não poderá pois ficar sujeita a uma produção que orça por um milhão de contos experiencia ou transformação empirica, desvalorizando produtos e capitais, quando precisamos crear, valorisar o que possuímos e não aniquilar os saldos do trabalho da Nação. Paiz pobre de capitais, o Brasil, a maneira da Alemanha, não pode suportar in-

versões destruindo capitais já applicados com o seu apoio, sem proveito para a sua Economia.

Podemos afirmar que é o Distrito Federal uma das cidades brasileiras que mais barato paga pelo leite que consome e não conhecemos cidades outras, sobretudo não construidas e zonas de pecuaria, que o obtenham por preço inferior. É flagrante ver-se a Argentina, onde a população bovina é tres vezes superior á população humana, vender leite e mBuenos Aires por preço igual ao que gosamos no Rio de Janeiro. Atenda-se alem disso á facilidade de produção de leite na Argentina, possuidora de pastagens das mais ricas do mundo onde a "alfafa" e outras leguminosas se cultivam com a facilidade que se planta o capim gordura entre nós, e os animais importados se adaptam a ponto de superarem os produtos de origem. Já as nossas terras dos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, provenientes de rochas graniticas, pobres portanto em calcio, são destinadas a cultura de gramineas e a produção de leite no campo nunca poderá atingir a certos limites, o que aliás a teoria explica e a experiencia sobejamente demonstra. É portanto um prodigio vender-se leite no Rio de Janeiro ao mesmo preço que em Buenos Aires, possivel sómente aliás pelo indice inferior de vida a que se habituaram as nossas populações da sua Raça e da sua capacidade de consumo. O que a população brasileira precisa é conhecer o que vale o leite como alimento porque a nutrição do pobre se resolve com economia que "não é saber o preço dos alimentos e sim o seu valor" conforme observa Sherman. Sem insistir no incomparavel conteúdo de calcio, acido fosforico e vitaminas do leite, queremos chamar atenção para o padrão do leite brasileiro exigido pelas nossas autoridades que LHE assegura um valor energetico 10% em media superior aos das Cidades da Europa e dos Estados Unidos.

Meus senhores! Pelo que acabo de vos expor, não posso deixar de reiterar o meu apelo em nossa sessão anterior o qual com evidente satisfação vi apoiado e secundado pelos meus eminentes amigos Srs. Drs. Alberto de Paula Rodrigues, Humberto de Andrade e Luiz Gonçalves Vieira. Este apelo solícita e encarece a imprescindivel necessidade da criação de um órgão que superintenda, oriente, guie e incentive tudo quanto se tornar necessario para a racionalização dos laticinios brasileiros.

(Lida na sessão de Directoria de 10-3-1939).

Da Lã e sua Produção

Fernando C. Riet

These apresentada á II Conferencia Nacional de Pecuaria

Não existe liberdade possível sem instrução e abastança, afirmando-se ainda, e com toda a razão, que a felicidade dos povos depende da sua capacidade na produção de pão e de camisa. O progresso e felicidade dos povos gira antes de mais nada em redor do seu eixo economico. Não haverá nunca progresso e alegria onde existe a fome e o frio. Nenhum labor humano mais em concordancia para alcançar esta finalidade que o dirigido a criação de ovelhas, pois elle encerra a virtude magnifica de produzir ao mesmo tempo carne para o alimento restaurador das energias gastas lã para o abrigo da humanidade nos longos periodos invernaes.

O valor comercial da lã, constitue um dos esteios basicos da economia daquelles paizes que scientes da sua grande importancia, dedicam preferente atenção a criação de ovelhas. Australia, Nova Zelandia, Argentina e Uruguay, são exemplos disso, pois que seus bem cuidados rebanhos, defendidos por sabias leis sanitarias, contribuem com sua lã numa elevada porcentagem na economia daquelles paizes.

No Uruguay, paiz eminentemente produtor, é tão grande a importancia que tem a ovelha em sua economia, que uma bôa ou má safra de lãs, tem influencia, modificando suas finanças. Se a denomina alli o ouro branco, e a acção official dedica-lhe sua preferente attenção, estimulando para sua bôa produção, e combatendo seu principal inimigo, que é o flagelo da sarna, mediante sabias leis que obrigam os fazendeiros a banhar e manter livre de sarna seus rebanhos.

O Uruguay com 186 mil kilometros quadrados de extensão territorial, tem uma população ovina de 23 milhões de cabeças, que produzem annualmente paiz, 45 vezes mais extenso que o Uruguay a criação de ovelhas está reduzida quasi exclusivamente ao Rio Grande do Sul, que possui mais ou menos 9 milhões de cabeças, as quaes, entregues ao esforço particular, sem defezas sanitarias que as amparem do seu principal inimigo, a sarna, e sem uma orientação definida, produzem apenas ao

redor de 15 milhões de kilos de lã, em sua grande parte fortemente depreciadas pela sarna.

As qualidades e condições de nossos campos, não afirmo que se adaptem mais ou menos, em geral, sequer para uma criação approximada aos dos com a densidade do Uruguay, que representam 124 cabeças por km. quadrado, mas certamente comportam o duplo da criação uruguaya, podendo approximar-se e até mesmo sobrepassar da criação Argentina, que é de 60 a 70 milhões de cabeças.

Possivelmente um dos factores que impedem um maior desenvolvimento da criação de ovelhas no Brasil, é devido ao desconhecimento por parte de grande numero dos nossos fazendeiros, de que a criação de *bôas ovelhas, devidamente cuidadas*, representam o emprego de capital que maior renda produz. Uma ovelha de bôa classe, cujo preço de compra é mais ou menos de 40\$000, produz tres kilos de lã fina, que ao preço actual de 8\$000 o kilo, representam 24\$000. Produz ainda um cordeiro cujo valor alcança com excesso para pagar os juros, arrendamento de campo, gastos de banhos sarnicidas, etc. etc. Assim é que 40\$000 empregados na compra de ovelhas, produzem *quando bem cuidadas*, um beneficio liquido de 24\$000 ou seja um emprego de capital com o bonito juro de 60% annual.

Apesar da industria nobre que representa a criação de ovelhas, que desta forma recompensa o esforço empregado em sua racional exploração, não despertou o interesse que logicamente era de supor-se por parte de grande numero de fazendeiros, e principalmente por aquelles que criam ao Deus dará, pelo conhecido e infelizmente justificado ditado de que "a ovelha produz muita renda mas exige que se lhe atenda". Realmente, para criar ovelhas, é necessario cuidá-las, é preciso prestar-lhes uma attenção dedicada e constante; mas, toda actividade humana requer um maior ou menor esforço para alcançar o fim almejado. A idiosincrasia da maioria dos nossos criadores, e a riqueza natural da nossa campanha, não permittiram aos nossos fazendeiros uma maior preocupação pela util e rendosa industria da lã, pois, apesar de lhe reconhecerem todo o lucro que lhes proporcionarã, capitularam ante o trabalho que uma criação dessa natureza exige dos seus favorecidos.

Mas este trabalho se reduz quasi que exclusivamente a cuidados e medidas protectoras e defensivas do bom estado sanitario dos rebanhos.

A SARNA OVINA

O maior inimigo da criação de ovelhas, não ha duvida nenhuma, é a sarna ovina, seguindo-lhe em importancia as verminoses. Sendo a sarna ovina o inimigo por excellencia da ovelha, dada sua enorme influencia prejudicial no desenvolvimento de sua criação, assim como a grande desvalorisadora da nossa producção de lãs, obriga-me digredir demoradamente sobre a sarna ovina.

Antes, quero mencionar por ter referencia com este ponto, a benemérita "União Ovina do Rio Grande do Sul", que para o bem da criação de ovelhas naquellê Estado Gaucho, fundou-se a pouco tempo, e cuja alta finalidade condensa no artigo 2.^o dos seus estatutos estabelecendo que: "os fins da União Ovina, são congregar todos os criadores de ovinos do Rio Grande do Sul, procurando promover a mais perfeita solidariedade e cooperação entre todos os órgãos representativos desse ramo grandioso da fecunda arvore economica nacional".

Esta importante e recente organização, mantem a publicação de uma interessante revista mensal sob o titulo "União Ovina do Rio Grande do Sul".

Mais adeante voltarei a referir-me aos relevantes serviços que presta á criação de ovelhas a União Ovina do Rio Grande do Sul. Agora só quero mencionar o que differentes autores dizem sobre a sarna ovina, em artigos publicados no primeiro numero da revista "União Ovina do Rio Grande do Sul".

O Dr. José Antunes de Mattos Vieira, dinâmico Delegado Geral, administrador, e alma mater da União Ovina do Rio Grande do Sul, publica sensato artigo de apresentação e programma da revista sob o titulo "Uma idéia em macha", e entre outras cousas diz: "A sarna ovina, por exemplo, disseminada por toda a parte, está ali aguardando medidas serias de erradicação que partam de espheras officiaes, amparadas em uma lei de extructura rija, para de uma vez ser exterminada do seio de nossas campinas libertando nossos rebanhos de suas maleficas damnificações".

O Dr. Dario Brossard, illustrado engenheiro agronomo e digno Vice-Presidente da Federação das Associações Rurales do Rio Grande do Sul, em interessante artigo titulado "A criação de ovelhas", referindo-se a sarna manifesta-se da seguinte forma: "Pode-se dizer mesmo que o maior problema se apresenta para os criadores de ovelhas, é o combate a sarna. As ovelhas sarnosas vivem inquietas, não se alimentam bem, dão pouco

leite, e criam mal os cordeiros. E mais ainda a sarna não só faz a lã perder as suas boas qualidades de resistencia, elasticidade, brilho, etc., diminuindo-lhe o valor (todos sabem que a lã sarnosa vale menos) como ainda rouba muitos kilos ao criador. E" a sarna o maior flagello dos rebanhos ovinos. Será pois interessante e grandemente util uma pequena digressão sobre este ponto etc."

O Dr. Desiderio Finamor, competente e dedicado medico veterinario ao serviço do Estado do Rio Grande do Sul, publica importante trabalho sob o titulo "Erradicação da sarna ovina", dizendo: "Mas devemos levar em conta que os animaes parasitados (sarnosos) não só representam fontes de extraordinario contagio, mas soffrem o cortejo funesto do parasitismo, com enfraquecimento accentuado, terminando com a morte, diminuição da producção, assim como vultuosa perda e desvalorização da lã".

Tambem neste mesmo numero da revista União Ovina do Rio Grande do Sul, foi publicada a these "Combate a sarna ovina" por mim apresentada ao Congresso Rural realizado em Porto Alegre, por occasião da Grande Exposição Farroupilha, e que transcrevo na íntegra — despretençioso trabalho, modesta colaboração minha, cooperando para a erradicação da sarna ovina, pois que, sendo dos maiores criadores de ovelhas do Rio Grande do Sul conheço praticamente a magnitude do prejuizo que occasiona e a forma efficaz de combate-la. Minha these denominada "Erradicação da sarna ovina, diz o seguinte: "O augmento que nestes ultimos annos tem experimentado a criação de ovelhas em nosso Estado, representando milhões de kilos de lãs produzidas em cada safra, e a entrada de milhares de contos de reis para a economia particular e do Estado, e, como até agora esta industria encontra-se completamente desamparada, não só por parte dos Governo, como tambem por muitos dos proprios interessados, faz-se necessaria a intervenção dos Governos, para numa acção official bem orientada, defender esta importante industria Rio Grandense. A sarna ovina é o maior inimigo e que maiores prejuizos occasiona á nossa criação de ovelhas, provocando elevadas mortandades nos rebanhos contaminados e causando diminuições sensiveis no rendimento, e a propria desvalorização das nossas producções de lãs.

Não existe em todo o nosso Estado uma só pessoa, que tendo qualquer vinculação com as nossas actividades rurales, ignore os grandes prejuizos que soffre a economia do nosso Estado, em consequencia da sarna ovina.

Apezar da preocupação da maioria dos nossos fazendeiros, no combate ao flagello da sarna, se encontram inutilizados seus esforços, pela acção negligente de seus visinhos, rotineiros e apathicos, que não se preocupam em

defender seus proprios interesses, e que olham com indiferença o avanço destruidor e malefico da sarna em seus rebanhos, provocando o exterminio das ovelhas e reduzindo e desvalorizando a producção das lãs.

E, o mais grave é que estes fazendeiros apathicos e negligentes que tão mal defendem seus proprios interesses, conspiram não só contra os interesses do Estado, senão contra seus proprios visinhos fazendeiros, pois que esses rebanhos contaminados constituem um grave e constante fôco de infecção, e uma ameaça perene para os rebanhos de toda sua zona.

O direito de cada um, termina onde começa a incomodar a seus visinhos, pois de accordo com um conhecido postulado de direito, ninguem pode agir prejudicando a terceiros; e tambem conforme estabelece a Economia Politica, nenhum Estado pode descuidar de suas riquezas.

E isto precisamente o que se passa entre nós! Não se respeita o direito de terceiros, nem o Estado se interessa por uma de suas basicas riquezas com a devida attenção.

Considerando que, assim como o Estado tem a obrigação de amparar a industria pecuaria, buscando a colocação de seus productos nos mercados estrangeiros, e defendendo-a com medidas alfandegarias, justo é reconhecer-lhe tambem o direito de impor medidas e orientações que contribuam para uma maior valorização e rendimento destes productos que se traduzem em maior entrada de fundos para a economia do Estado.

E' portanto necessaria uma Legislação no sentido da ERRADICAÇÃO da SARNA OVINA, que é um verdadeiro flagello dos rebanhos, e que tantos e avultados prejuizos causa á economia geral.

A sarna é um mal facil de combater e extirpar. Basta para isso, uma acção ordenada e colectiva a qual só poderá conseguir-se mediante uma legislação official que obrigue ao combate simultaneo em todas as zonas do nosso Estado.

Uma acção official auxiliada pela grande maioria dos nossos fazendeiros progressistas congregados ao redor da União Ovina do Rio Grande do Sul, e auxiliados pela Federação Rural, trará como consequencia salutar a extirpação completa da sarna ovina num prazo relativamente curto, o que traduzirá um augmento extraordinario em nossos rebanhos e uma maior e melhor qualidade em nossa producção de LÃS, que representam maior riqueza particular e maior fonte de recursos para a economia do Estado.

Eis aqui a these apresentada, e cujas conclusões transcrevo:

Conclusão 3.^o — O Governo do Estado nomeará assim um tecnico para em conjunto com os representantes da União Ovina do Rio Grande do Sul elaborarem um projecto de Lei capaz de resolver o caso da erradicação da sarna ovina neste Estado.

4.^o — Este projecto de Lei deverá constar de dois periodos: Um, preparativo de dois annos, e o seguinte definitivo.

5.^o — Uma vez redigido o projecto de lei sobre a erradicação da sarna ovina, será o mesmo enviado a todas as filiaes da União Ovina nos municipios para que seja estudado, e retorne com a sancção dos interessados e com as suggestões dos mesmos.

6.^o — Uma vez de posse das consultas aos municipios, a União Ovina redigirá o trabalho final, e conjuntamente com a Federação Rural, levarão esse projecto de Lei ao Governo pedindo o estudo do mesmo e sua execução.

7.^o — Tambem a União Ovina, como federada da Federação das Associações Rurales do Rio Grande do Sul, solicitará por intermedio desta ao Governo Federal, a libertação das taxas de importação por tres annos e demais direitos para a materia prima necessaria á fabricação dos sarnicidas como sejam: enxofre em pó — arsenico — soda caustica e soda cristal.

8.^o — Pleiteará ainda a União Ovina do Rio Grande do Sul tarifas especiaes para o transporte de materia prima destinada ao combate da sarna ovina.

10.^o — A União Ovina por intermedio dos seus socios nas bases nucleares municipaes fiscalizará o emprego dessa materia prima em suas finalidades estabelecidas. etc. etc.

Devo ainda aggregar que o parecer da commissão B encarregada de seu estudo foi francamente favoravel.

A intervenção official obrigando os fazendeiros a combaterem a sarna de seus rebanhos não representa uma modalidade sem precedentes, pois em diversos paizes em que se cuida com dedicacão a producção de lãs, é adoptada com excellent resultado. No Uruguay, como manifestei ao principio está em vigencia uma sabia e severa Lei, que obriga, os fazendeiros a banhar e manter livre de sarna seus rebanhos, sob severas penalidades, e que estão sendo cumpridas com todo rigor, e com a complacencia dos fazendeiros progressistas, os quaes se constituem em commissões regionaes e auxiliam a acção official no cumprimento da lei. No artigo 1.^o da lei uruguaya de combate á sarna, já condensa toda sua severidade, pois está redigida da seguinte forma que constitue uma explicita e pe-

remptoria ordem : "Todo proprietario de ovejania tiene la obligaci6n de mantenerla libre de sarna".

Estados Unidos da America do Norte, cuja lei de eradicac6o da sarna ovina data de poucos annos, e apesar da grande extens6o do seu territorio, j6 est6 com sua campanha quasi livre de sarna. Em Australia e Nova Zelandia, desde o anno 1890, que foi quando se legislou sobre sarna ovina, n6o existe mais este flagello. E interessante fazer notar que em Australia, apesar da sua extens6o territorial, e da densidade de sua popula6o ovina, os fazendeiros compenetraram-se t6o a fundo da importancia que para seus interesses lhes representava o combate 6 sarna, prestaram toda sua efficaz coopera6o a ac6o official conseguindo no breve prazo de dois annos livrar aquelle paiz desse grave mal. Com todo o exposto relacionado com a sarna ovina, penso ter levado ao conhecimento de todos o convencimento do grave prejuizo que representa para a economia particular e Nacional a SARNA OVINA, e que se n6o tomarmos medidas para sua eradicac6o seremos culplices scientes e concientes, pois que a sarna ovina, como j6 manifestei, 6 facil de combater e extirpar. Confiamos e aspiramos que as autoridades Nacionaes da Policia Sanitaria Animal, compenetrados dos grandes prejuizos que acarretam 6 economia nacional, e concordes com o que estabelece a Economia Politica, de que "nenhum Estado pode descuidar de suas riquezas", dedicar6 a este assumpto sua preferente atenc6o, estudando a melhor e mais rapida forma de solucionar a ERRADICAC6O DA SARNA OVINA, podendo contar para esta patri6tica finalidade com o apoio e collabora6o ampla dos fazendeiros progressistas do Rio Grande do Sul.

AS VERMINOSES

Outro inimigo da cria6o de ovelhas, e que segue em importancia a sarna ovina, s6o as *verminoses ou lombrigas* dos ovinos.

Esta praga tambem occasiona grave transtorno no augmento da cria6o de ovelhas, pois que, provoca grandes mortandades, principalmente nas cordeiradas, e em annos chuvosos, propicio 6 sua propaga6o, 6 capaz de malograr toda uma produ6o e dizimar as ovelhas adultas.

Mas a n6o ser em annos excepcionaes, em que o tempo muito chuvoso e quente favorece extraordinariamente ao desenvolvimento e propaga6o da lombriga, seu combate 6 perfeitamente possivel, e depende do cuidado, previs6o e constancia privativa de cada fazendeiro.

A defeza contra os ataques da lombriga, 6 mais efficaz e conveniente fazer prevenindo e evitando sua propaga6o, o que 6 possivel,

atacando-a durante os mezes de inverno. Nesta 6poca depois de cahirem varias geadas que s6o as desinfectantes naturaes dos campos, acabam-se pela sua ac6o benefica as lombrigas que possam existir entre os pastos, ficam como sementes propagadoras do mal para a proxima esta6o estival, unicamente as lombrigas que se conservam alojadas no organismo das ovelhas. Este 6 o momento propicio para combater-las, medicando a todas as ovelhas assim como aos cordeiros com um bom lombricida. Esta medica6o consiste em dosificar por tres vezes, e com um intervallo de 15 dias, a todas as ovelhas quer dizer, tres dozes no periodo de um mez. Existem no commercio varios lombricidas mais ou menos efficazes, mais deve se dar preferencia aos que 6s suas propriedades vermicias possuam propriedades tonicas. Desnecessaria ser6 manifestar que estas medica66es dever6o ser feitas com todo o cuidado e sob o controle directo da pessoa interessada, afim de que cada animal tome integralmente a dose, pois, como em geral, estas s6o em pequenas quantidades e n6o se tendo o sufficiente cuidado parte do medicamento pode ser jogado f6ra prejudicando a sua efficacia.

NOSSA PRODU6O DE L6S E SUAS DIRECTRIZES

Em primeiro logar faz-se necessario um estudo sobre a classificac6o das l6s e para isto tiro de interessante publica6o uruguaya, uma an6lise das principaes condi66es que se devem ter em conta para apreciar com acerto a qualidade de l6, fazendo notar que a maior procura dessas condi66es em um lote, s6o as que determinam sua qualidade. Em consequencia, consideram-se l6s SUPRAS as que reúnem todas as condi66es em maior gr6u; SUPERIORES, as que demonstram alguma falha em algumas destas condi66es, e assim successivamente, REGULARES e INFERIORES segundo o gr6u de propriedades que se lhes note.

As propriedades determinantes da qualidade s6o: FINURA, RI6O ou ONDULA6O, COR, ELASTICIDADE, RESISTENCIA, FLEXIBILIDADE, SUAVIDADE e HIGROSCOPICIDADE.

No commercio faz-se referencia frequentemente do rendimento da l6, que 6 o que indica o seu valor no mercado. O rendimento est6 ligado intimamente 6 sua procedencia, e indica a mesma que soffre a l6 depois de submettida a lavagem, manipula6o e passagem pelas machinas. Uma l6 que tem um rendimento de 48% quer dizer que em cada 100 kilos, perde 52 kilos ao ser submettida aos trabalhos previos da sua industrializa6o. FINURA 6 a condi6o determinante para sua classificac6o em: MERINO, PRIMA, CRUZAFINA, CRUZA-MEDIANA e CRUZA-

GROSSA, porem como estas classificações não determinam em todos os casos uma exacta classificação, dado a grande variedade de finuras das lãs do Rio da Prata, costuma-se empregar a denominação em outros paizes. E' o seguinte o quadro das equivalencias das diversas denominações usuas entre os paizes mais importante da industria textil:

A classificação inglesa procede das mesmas fabricas de tecidos e com ella determina-se a capacidade de se poder fiar a liã de uma expressa finura. Por exemplo: 60's, significa que de uma libra (459 grammas) dessa lã, podem ser fiados 60 vezes 560 jardas de fio e da mesma maneira as demais denominações.

RIÇO ou ONDULAÇÃO. — Ao riço normal e superior correspondem as lãs finas e é um caracteristico da lã merino, e vae augmentando a medida que cresce a finura. Quanto mais inferior é a lã, sua ondulação é mais extendida.

COR — A côr, é uma das condições mais exigidas para merecer a classificação de Supras. A côr preferida pelos compradores é o branco mate leitoso, porque permite obter-se no tingir, os matizes mais claros e delicados. Quanto mais escura, amarellenta, rosada ou colorada, o valor da lã declina em proporção e magnitude do defeito.

ELASTICIDADE — E' a propriedade que tem a lã de retomar seu volume primitivo quando cessa a pressão a que tenha sido submettida. A lã de qualidade recupera rapidamente seu volume, sendo que a lã que não é bôa, carece da força necessaria para recuperar totalmente seu volume.

RESISTENCIA — Chama-se assim a força posta pela lã a acção da rotura. A resistencia esta intimamente relacionada com o diametro da fibra, assim como com a suarda, sustancia saponifera que cobre a fibra protegendo-a das variações atmsphericas. A suarda, como veremos mais adiante, contribue na flexibilidade e suavidade, que são tambem, condições muito recommendaceis. Finalmente, nada finura é indice de melhor qualidade.

FLEXIBILIDADE — A propriedade de uma maior resistencia dentro de uma determinar a lã tomar uma determinada direcção, demina-se flexibilidade. Quanto mais nobre a qualidade da lã, apresenta-se mais marcada esta propriedade.

SUAVIDADE — Quanto maior finura tem a lã, maior é sua suavidade. Os entendidos apreciam esta qualidade ao simples tacto ou passando as fibras de lã entre os dedos de um extremo a outro. E' factor preponderante para esta qualidade, a quantidade e consistencia da suarda que impregna a lã.

HIGROSCOPICIDADE. — Designa-se assim a propriedade da lã em carrégar-se de

humidade que está em relação directa da sua finura. Quanto maior é o grosso da fibra, maior é sua capacidade de absorção. A lã em bruto absorve maior quantidade de humidade que a lavada. O calor humido amolece e indíreita a fibra augmentando sua ductibilidade, facilitando a transformação da lã em fios penteados.

Eis as condições que concorrem para a bôa qualidade das lãs, e que convem seu conhecimento pelos productores, para estarem capacitados na orientação consciente das suas criações.

LÃS DEFEITUOSAS

Alem da qualidade da lã, tem grande influencia em seu valor, as condições em que é apresentada no mercado. Existem varios factores que determinam sua desvalorização, todos elles directamente relacionados com o maior ou menor cuidado dispensado pelo criador. Os principaes factores desta desvalorização, que lhes dá o qualificativo de lãs defeituosas, são em primeiro lugar a sarna, que com suas crostas e apelonamentos, inutiliza por completo a lã para sua industrialização. LÃS SUJAS OU MANCHADAS, originado pelo emprego de sarnicidas deficientes ou banhos com remedios sujos e proximos a epoca da tosquia. Tambem o emprego de sarnicidas deficientes e e mcondições desfavoraveis de trabalho no momento do banho, pode occasionar as chamadas LÃS QUEIMADAS, que se caracterizam pela pouca ou nenhuma resistencia, assim como ausencia completa de suarda.

CUIDADOS DURANTE A COLHEITA

Outro factor importantissimo na valorização das lãs, é a limpeza e classificação convenientes que se deverão fazer no momento da sua colheita, ou seja durante o trabalho de tosquia. E' necessario o maior cuidado e atenção possiveis durante todos os processos deste trabalho. Ao entrarem as ovelhas no curral e trabalhando com ellas assim encerrada, é conveniente fazel-o em forma vagarosa, evitando apressuramentos que occasionam a poiera e quedas das ovelhas, prejudicando a limpeza da lã.

A tosquia deverá ser feita sobre um piso de taboas, aniagem ou qualquer outro que reuna boas condições de limpeza, evitando o contacto da lã com a terra.

A lã do véo de cada ovelha deverá ser devidamente atado, cuidando que as partes de lã sujas pelas dejeccões, sejam devidamente separadas.

Prestar-se-á muita atenção na separação da lã da barriga e das patas, que serão acondicionadas em sacco aparte. A presença de lã de barriga ou de patas junto a lã de véo, desvaloriza muito o producto.

Desnecessario será manifestar a grande conveniência no emprego das tesouras mecânicas para a tosquia; pois além de ser o trabalho mais rápido, é mais fácil o corte e maior o aproveitamento da lã. Evitar-se-á no possível os recortes de lã originados pelos tosquiadores faltos de cuidado ou poucos praticos. O processo de "envelhonada" ou atada da lã, deve ser feito sobre uma mesa, por pessoa pratica e caprichosa, que tirará qualquer sujeira ou corpo estranho que pôde ser levantado da cancha de toza junto.

CLASSIFICAÇÃO DAS LÃS

No momento em que se trata a lã, é que se faz pelo proprio envelhador ou por pessoa deve fazer a necessaria classificação. Será fei-competente que trabalhará junto á mesa de envelhonar, e sua função será a de separar e mlotes distintos os diversos typos de lãs que houver, como também as lãs defeituosas.

Salvando honrosas excepções, geralmente nossos productores de lãs, pouca ou nenhuma importância prestam a classificação de suas lãs, pois não se dão conta da depreciação que occasiona ma uma partida de lã, quando não é devidamente classificada. Causa má impressão ao comprador quando ao abrir o msacco encontra com distintos typos de lã, assi mcomo com lãs defeituosas, com sarna, manchadas, etc. etc. e sendo impossivel reconhecer as percentagens dos distintos typos de lã que entram no lote oferecido, o comprador, para evitar possiveis prejuizos na venda desse mesmo lote devidamente classificado, para as fabricas ou para a exportação, offerece um preço muito inferior ao preço medio que poderia pagar se conhecesse aquellas percentagens. E' pois de summa conveniência a melhor classificação possível.

NOSSO MODO DE PENSAR

Na actualidade as preferencias do mercado mundial, são pelas lãs finas obtendo-se lãs mais grossas os preços declinam sensivelmente.

Devemos, pois, orientar nossas criações de ovelhas, para a producção de lãs finas, mas sem ir a extremos, pois que, as preferencias no mercado mundial dependem dos caprichos da moda, que dado sua origem feminina é propensa a mudar.

A única raça que produz lã fina por excellencia e de alta qualidade, é a de merino e suas cruzas. As raças inglezas ou raças para carne, apesar de se rsua lã mais grossa que a da merino, tem sobre esta a vantagem de seu maior tamanho, e consequentemente, maior valor como productora de carne. No entanto,

apesar desta qualidade de produzir lã e carne, não têm para nós vantagem commercial sobre a merina, pois que o maior valor da lã fina da merina sobre a lã grossa da ingleza, é muito mais apreciavel que a diferença de peso da carne da ingleza sobre a merina. Além disto, não temos infelizmente mercados para capões, nem para cordeiros nem para capões, pois que, as compras que effectuam os frigorificos, são de pequena importancia, geralmente a preços baixos. A procura das caponadas fica reduzida ao consumo das fazendas e das cidades fronteiriças unicamente do Rio Grande do Sul sendo que mesmo Porto Alegre consome muito pouca carne de capões.

E' pois necessario, propender para um maior consumo de carne de capões no nosso mercado interno, incentivando assim, para um maior interesse pela criação de ovelhas. Durante os mezes de inverno, em que a carne gorda de vacca mescasseia originando uma subida em seu preço, seria conveniente a utilização da carne de capões que se obteria ao mesmo preço da carne de vacca e e muito melhores condições de gordura. O Governo muito podia auxiliar este objectivo, autorizando os fornecedores das unidades militares, o fornecimento aos corpos indistinctamente preços fossem equivalentes. Um augmento de de carne de capões ou de vacca, desde que os consumo de carne de capões seria um incentivo para os criadores de ovelhas, traduzindo um maior interesse pela sua criação. Apesar desta possibilidade commercial de melhor preço pela carne, devemos orientar nossa criação de ovelhas visando principalmente a producção de lã, em especial a producção de lã fina, e como dissera anteriormente a unica raça que a produz é a merino e suas cruzas.

Dada a debilidade dos cascos da ovelha merina, suceptiveis quando o tempo é propicio para padecerem do mal de vasos, é conveniente uma infusão de sangue das raças inglezas, que possui muma cascadura resistente a esta molestia. Das raças inglezas a mais diffundida e criada em maior escala no Brasil, é a Romney March, que se presta perfeitamente para a cruzas com a merino, tanto para corrigir a debilidade dos cascos daquella, como para obter o typo de lã de muita procura actualmente para o qual devemos orientar nossa producção que está entre as finuras PRIMA e UM.

Apesar das lãs mais finas serem as mais preferidas, não devemos chegar a extremos pois, como dissemos anteriormente, a volubidade das modas é que marcam essas preferencias no mercado mundial. As finuras entre PRIMA e UM, são as que devemos procurar manter, ou seja a cruzas Prima.

A UNIÃO OVINA DO RIO GRANDE DO SUL

Anteriormente mencionei esta benemerita congregação de fazendeiros criadores de ovelhas no Rio Grande do Sul que, no dizer do dr. Antunes de Mattos, seu Delegado Geral, "É um centro de energias novas cristalizadas num ideal grandioso e votada a solução de um problema de cooperação colectiva pelo desenvolvimento economico das nossas actividades e pelo engrandecimento dos Guardadores de Rebanhos das nossas cochilhas".

Tambem mencionei anteriormente a "Comision Nacional de Mejoramiento Ovino" do Uruguay, com dependencia do seu Ministerio de Ganaderia e Agricultura.

Esta comissão está integrada por technicos officiaes e destacados estancieros daquelle paiz, e sua finalidade conforme indica seu nome é desenvolver uma intensa campanha no sentido de augmentar a quantidade e melhorar a qualidade das lãs Uruguayas. Conta esta comissão com valiosos elementos de propaganda e diffusão de conhecimentos relacionados com a criação de ovinos. As revistas da Asociacion Rural del Uruguay, Federacion Rural e Camara Mercantil de Productos del Paiz, estão a sua disposição, contando ainda com a valiosa cooperação da Estação de radio DCX 4, da Direcção de Agronomia, para a transmissão de conferencias, informações, etc. etc.

Como já manifestamos anteriormente, esta Comisión Nacional de Mejoramiento Ovino, encarregar-se-á da selecção de planteis que se destinam a producção de reproductores, a classificação destes, inutilizando os que reúnem as boas qualidades exigidas.

Como a sua congénere uruguaya, a União Ovina do Rio Grande do Sul, de recente fundação, está fadada a prestar em nosso meio a mesma finalidade patriótica e utilissima da Comissão Nacional do Uruguay, unicamente com a differença que a União Ovina do Rio Grande do Sul, dado seu character de entidade particular e de recente formação, tem que limitar sua acção de accordo com suas possibilidades financeiras, o que difficulta o cumprimento amplo de seu programma que segundo seus estatutos é o seguinte:

Art. 10 — Promover a standartysação dos productos ovinos sob uma technica racional.

Art. 11 — Patrocinar a collocação dos productos ovinos nos mercados do paiz e do estrangeiro, incrementando o intercambio mercantil:

a) assim a União Ovina manterá na séde amplos mostruarios de lãs classificadas, a disposição dos interessados.

b) remetterá sempre que forem solicitados pequenos mostruarios para o paiz ou ex-

trangeiro, com detalhados informes estatisticos mercantis.

c) manterá na capital do Paiz sob o patrocínio de uma sociedade Rural ou onde melhores vantagens obtiver.

d) manterá correspondencia com o corpo diplomatico brasileiro, procurando crear novos mercados consumidores para os productos ovinos e fornecerá material informativo a essas autoridades com os esclarecimentos precisos.

e) procurará organizar no Estado e nas principaes localidades do paiz açougues adequados para a venda em retalho das carnes ovinas.

f) fomentará o consumo de carne ovina.

Art. 12 — Prestigiará e defenderá o registro genealogico das raças ovinas, procurando por meio de uma propaganda racional demonstrar suas vantagens e suas altas finalidades para o engrandecimento da producção ovina.

Art. 13 — Promoverá a fundação de cooperativas ovinas de producção.

Art. 14 — Promoverá conferencias rurales sobre a criação ovina, difundindo conhecimentos technicos necesarios ao bom desenvolvimento dos rebanhos, etc. etc. etc.

Dado a grande importancia reservada a UNIÃO OVINA DO RIO GRANDE DO SUL, no incremento e melhora da criação de ovelhas, não só no Estado senão em geral, e considerando que sua acção estará restringida a suas possibilidades financeiras, difficultando uma propaganda ampla em prol do engrandecimento da criação de ovinos no Brasil, é um dever de justiça e patriotismo do Governo, prestar seu auxilio com uma equitativa subvenção, para assim poder cumprir amplamente a grande missão programmada pela benemerita UNIÃO OVINA DO RIO GRANDE DO SUL.

CONCLUSÕES

1.º — Necessidade de intervenção official no sentido da erradicação da sarna ovina, tornando obrigatorio o seu combate.

2.º — Libertação por tempo determinado das taxas de importação e de mais direitos para a materia prima destinada á fabricação dos sarnicidas, como sejam: enxofre em pó, arsenico, soda caustica, e soda cristalizada, digo cristal.

3.º — Orientar a criação de ovelhas para a producção de lãs typo CRUZA PRIMA.

4.º — Propugnar pelo maior capricho nas tosquias, visando melhor classificação e apresentação da lã.

5.º — Fomentar o consumo de carne de capões.

A Necessidade do augmento do nosso Rebanho Bovino

Uma interessante circular do Sindicato dos Invernistas e Criadores de Barretos

Por proposta do Sr. Antonio de Arruda Camara, em uma das ultimas sessões da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, foi approvada a transcripção do seguinte artigo, pela justeza e oportunidade dos respectivos conceitos.

O augmento consideravel e constante da população humana do Brasil, está exigindo de todos nós, pecuaristas, uma acção bem orientada para o crescimento do nosso rebanho bovino.

A Pecuaria, que em nossa terra encontra vastissimo campo adequado ao seu desenvolvimento, só se firmará em bases solidas e estaveis com o crescimento do seu rebanho em proporção tal que baste e sobre das necessidades do concurso interno e remessas para o estrangeiro.

Precisamos estar attentos a que as nossas necessidades se tornam cada vez maiores com o surto de progresso e civilisação não podendo estarem á mercê de imprevistos e mesmo de bruscos oscillações no mercado bovino. Urge, para nossa segurança, que se faça crescer a população bovina, orçada hoje em 42 milhões de cabeças ou seja a fraquissima densidade de 5,5 por kilometro quadrado. Elevála para 60 milhões será tarefa patriótica para a qual contamos com todos os factores, além de ser o seu crescimento base de estabilidade e confiança. Não poderemos nunca, sem gado em abundancia, ter firmeza, mesmo no commercio interno.

A alta do gado hoje presenciada, deve servir de estímulo ao criador para augmento do seu rebanho e organização de novas fazendas de criação, para que tornemos o nosso paiz um dos maiores depositarios de carnes do mundo.

Desenvolvamos nossa industria pastoril pelos quatro cantos dos nossos sertões desoccupados — disse Cincinato Braga — porque nenhuma riqueza nacional poderemos explorar com mais vantagens e me-

nor sacrificio pecuniario em mais curto espaço de tempo. Rebanho de 40 milhões para enxerto ahi está; o Brasil não terá de o comprar. Cumpre dotal-o de bons reproductores, o que custa relativamente pouco”.

O augmento de consumo interno que, de anno para anno, exige o sacrificio de mais de 50 mil bois, deve servir de base para nossas meditações e incentivo para maior dedicacão aos problemas que intimamente nos dizem respeito.

Segundo as estatisticas do S. I. P. O. A., só nos estabelecimentos frigorificos, a produccão de carnes bovinas em 1936 superou á de 1935, em 26.600 toneladas. Descontando-se desse total o que se exportou em 1936, mais do que em 1935 (12.2334 toneladas), chegaremos á conclusão de que o consumo interno, exigiu no citado anno de 1936, mais 14.422 toneladas de carnes, sem nos refirmos ao augmento de matança que deve ter havido nos matadouros municipaes.

A nossa opinião, tantas vezes aqui expendida, favoravel á livre matança de vacas, não implica de modo algum na presente, em que encaramos como necessidade inadiavel numa campanha patriótica em pról do crescimento da nossa população bovina. A matança deve ser livre, porém, o criterio do criador sempre sujeito aos imperativos de nossas necessidades; feita sem o devido criterio, poderá, devemos proclamar bem alto, empobrecer o nosso rebanho de maneira tal que tenhamos, nós mesmos, de pedir aos nossos governantes medidas que amporem do sacrificio destregado as vaccas aptas para procriação.

Manda a previsão que tenhamos sempre gado de sobra para que não sejamos colhidos de surpresa, principalmente em momentos de inquietações como o que campela no mundo, e, principalmente, para que não sejamos nós os pri-

6.º — Prestigiar e subvencionar a UNIÃO OVINA DO RIO GRANDE DO SUL, para fazer no Brasil o que a COMISSÃO NACIONAL DE MEJORAMIENTO OVINO faz no Uruguay no sentido de incre-

mentar a criação ovina, melhorando assim a qualidade das lãs brasileiras.

meiros a reclamar dos poderes competentes medidas que ponham termo ao nocivo abuso que constitue o sacrificio de vaccas em condições de concorrerem grandemente para que nos tornemos grandes depositarios das reservas de carnes do continente sul-americano.

Esperar ou pedir ao governo adopção de medidas que dirijam nossa economia, será attestado vivo da nossa incapacidade.

A relação entre a matança e a população bovina do nosso paiz, comparada com a dos demais do continente, é natural e razoavel, porém, o crescimento da população humana e, portanto exigencia de maior quantidade de carne, é de tal modo surpreendente que somos forçados a tirar conclusões dos dados estatísticos, principalmente aqui, em Barretos, onde os phenomenos decorrentes da escassez ou abundancia de gado se apresenta com grande nitidez.

Movimento geral de matança em 1935 nos estabelecimentos fiscalizados pelo S. I. P. O. A.:

| | |
|------------------------|------------------|
| Bois | 1.496.118 |
| Vaccas | 507.356 |
| Vitellos | 104.698 |
| Total | 1.108.172 |

Idem em 1936:

| | |
|------------------------|------------------|
| Bois | 1.569.528 |
| Vaccas | 479.627 |
| Vitellos | 123.255 |
| Total | 2.172.410 |

Diferença para mois em 1936, 64.238 cabeças.

Quadro do movimento de exportação internacional em 1935 e 1936, em kilos, com os accrescimos:

| | |
|-----------------------------|------------|
| 1935 | |
| Carne de bovinos | 42.671.674 |
| Carnes congeladas | 6.005.428 |
| Xarque | 734.764 |

| | |
|----------------------------|------------|
| 1936 | |
| Carne de bovinos | 54.905.740 |
| Carnes enlatadas | 13.297.722 |
| Xarque | 997.721 |

| | |
|----------------------------|------------|
| Accrescimos | |
| Carne de bovinos | 12.234.066 |
| Carnes enlatadas | 7.292.294 |
| Xarque | 262.957 |

| <i>Uruguay e Argentina</i> | <i>Inglaterra</i> | <i>Norte America</i> | <i>Belgica e Alemanha e</i> | <i>França Austria</i> |
|--------------------------------|-------------------------|--|-----------------------------|-----------------------|
| <i>Merino</i> | 70's 64's 6ú 64,s | Fine Fine medium id id | 125 130 120 110 | AAA AA A |
| <i>Cruza-fina</i> | 60''s 58's 56's | Good half blood Half blood 3 8 blood | Prime I II | A B B C I |
| <i>Cruza mediana</i> | 50''s 46's | Hig 1 4 blood 1 4 blood | III IV | CII DI |
| <i>Cruza grossa</i> | 44's 40's 36's | Low 1 4 blood Lincoln Low Lincoln | IV V V VI | DII E EE |

CREDITO AGRICOLA

Para orientação da classe agricola, publicamos a legislação em vigor referente ao credito agricola, bem como o Regulamento da **Carteira** em funcionamento no Banco do Brasil.

LEI N.º 454 DE 9 DE JULHO DE 1937

Autoriza o Tesouro Nacional a subscrever novas ações do Banco do Brasil, até a importância de 100.000:000\$000, e a emitir "BONUS" para financiamento da agricultura, criação e outras industrias

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil:

Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º — O Tesouro Nacional subscreverá com o máximo de cem mil contos de réis as ações do Banco do Brasil a que, pela elevação do capital do mesmo Banco, tenha direito preferencialmente ou lhe venham a ser oferecidas.

§ Unico — O Tesouro Nacional aplicará, a esse fim, o fundo especial de cem mil contos de réis, creado pelo decreto n.º 24.457 de 26 de Julho de 1934, em seu artigo 1.º, n.º 1.

Art. 2.º — O Poder Executivo concederá ao Banco do Brasil autorização para prestar assistência financeira, nas condições e pela forma prescrita na presente lei, á agricultura, á criação, ás industrias de transformação ou outras que possam ser consideradas genuinamente nacionais, pela utilização de materias primas do paiz e aproveitamento de recursos naturais dêste, ou que interessem á defesa nacional.

Art. 3.º — A assistência financeira á agricultura e criação e ás industrias de transformação ou outras consistirá em proporcionar-lhes, por operações de crédito, recursos para:

I — Na Agricultura e Criação:

- 1) — adquirir sementes e adubos
- 2) — adquirir gado para criação e melhoramento de rebanhos; reprodutores e animais de serviço para os trabalhos rurais;
- 3) — custêio de entre safra.

II — Nas Indústrias de Transformação:

- 1) — adquirir materia prima;
- 2) — custêio de entre safra;
- 3) — reformar ou aperfeiçoar maquinaria.

III — Nas outras indústrias:

- 1) — adquirir materia prima;
- 2) — reformar, aperfeiçoar ou adquirir maquinaria.

Art. 4.º — Os recursos necessarios ao financiamento da agricultura, criação e outras indústrias serão obtidos com o producto de "BONUS" que o Banco do Brasil fica autorizado a emitir até a importância máxima do montante das operações de financiamento em vigor.

§ Unico — O valor dos "BONUS" em circulação não poderá ultrapassar o montante dos créditos concedidos, devendo ser imediatamente resgatados os que excederem desses créditos.

Art. 5.º — Para a tomada de "BONUS" a que se refere o artigo anterior, o Instituto Nacional de Previdência e as Caixas e Institutos de Aposentadorias e Pensões concorrerão com uma percentagem de seus depósitos ou fundos, que será fixada pelo Governo da União, com a anuência das respectivas Juntas e Conselhos Administrativos.

Art. 6.º — Os empréstimos para custêio de entre safra, aquisição de sementes e adubos, aquisição de materia prima, deverão ser liquidados no prazo de um ano. Para os créditos concedidos para aquisição de gado para criação e melhoramento de rebanhos, de reprodutores; maquinas agricolas e animais de serviço para os trabalhos rurais, os créditos destinados á reforma e aperfeiçoamento de maquinaria nas indústrias o prazo será de dois anos no máximo. Para de transformação conceder-se-á o prazo máximo de tres anos. Para os créditos destinados ás demais indústrias, applicaveis á reforma, aperfeiçoamento ou aquisição de maquinaria, o prazo máximo será de cinco anos.

Art. 7.º — As condições dos empréstimos, as exigencias de suas garantias e liquidação, assim como a forma de emissão de "BONUS", os valores destes e os juros que vencerão serão regulados pelas disposições que adotar o Banco do Brasil em seus estatutos ou no regulamento que expedir para as operações de crédito agricola e in-

dustrial, o qual deverá ser submetido previamente á aprovação do Ministro da Fazenda.

§ Unico — Os juros de todo e qualquer financiamento á agricultura e á criação não poderão exceder de oito (8) por cento ao ano.

Art. 8.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 9 de Julho de 1937, 116, da Independencia e 49 da República.

Getulio Vargas
Orlando Bandeira Villela

DECRETO-LEI N.º 182 DE 5 DE JANEIRO DE 1938

Revoga as disposições contidas no decreto n.º 22.626, de 1933, e nas leis ns. 454 e 492, de 1937

O Presidente da República, usando da faculdade que lhe confere o artigo 180 da Constituição Federal, e, considerando a necessidade de se atender ás operações de financiamento á agricultura, decreta:

Art. unico — Ficam revogadas as disposições contidas nos paragrafos 1.º e 2.º do art. 1.º do decreto n.º 22.626, de 7 de Abril de 1933, bem como as constantes do paragrafo unico do art. 7.º da lei n.º 454, de 9 de Julho de 1937, e do art. 32 da lei n.º 492, de 30 de Agosto de 1937.

Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1938, 117, da Independencia e 50 da República.

Arthur de Souza Costa
Getulio Vargas

REGULAMENTO DA CARTEIRA DE CREDITO AGRICOLA E INDUSTRIAL

CAPITULO I

De fialidade

Art. 1.º — A Carteira de Credito Agricola e Industrial, instituida com o objetivo de fomentar o incremento da riqueza nacional, prestará assistencia financeira direta á agricultura, á pecuaria e ás indústrias.

Art. 2.º — Essa assistencia será prestada com os seguintes fins:

a) — aquisição de adubos, semente, gado destinado á criação e melhora de re-

banho e animais de serviço para os trabalhos rurais;

b) — aquisição de materias primas;

c) — custeio de entr-safra;

d) — aquisição de reprodutores e maquinas agricolas;

e) — reforma ou aperfeiçoamento de maquinaria das indústrias de transformação;

f) — reforma, aperfeiçoamento ou aquisição de maquinaria para outras indústrias que possam ser consideradas genuinamente nacionais, pela utilização de materias primas do País e aproveitamento de recursos naturais deste, ou que interessem á defesa nacional.

§ Unico — Não são permitidos emprestimos para aquisição de imoveis ou instalação inicial de aparelhagem industrial.

CAPITULO II

Das operações

Art. 3.º — Só poderão operar com a Carteira os agricultores, criadores, ou cooperativas agricolas ou pecuarias legalmente constituídos, e os industriais.

§ Unico — Para efeito de transigir com a Carteira, são também considerados agricultores aqueles que se dedicarem á extração, colheita ou preparo de produtos espontaneos da flora nacional.

Art. 4.º — As operações serão sempre realizadas por meio de contratos mediante garantia especial: penhor rural, mercantil, fiança idonea ou hipoteca, esta ultima sómente nos casos de que trata a letra f do art. 2.º.

Art. 5.º — Independentemente da garantia especial exigida, deve ser considerada a idoneidade moral e financeira do proponente, bem como, as condições de ordem geral que influam nos resultados da operação proposta.

Art. 6.º — O montante de qualquer adiantamento rural não poderá exceder o equivalente a um terço do valor em que fôr estimada a safra imediatamente seguinte á realização da operação.

§ 1.º — Entende-se por safra um ciclo completo de produção vegetal ou animal.

§ 2.º — O financiamento para aquisição de gado destinado á criação ou melhora de rebanho, reprodutores, animais de serviço para os trabalhos rurais e maquinas agricolas, não deverá exceder o equivalente a 40 por cento de seu custo real, salvo quando outras garantias especiais forem oferecidas, respettata, em qualquer dos casos, a limitação estabelecida neste artigo.

Art. 7.º — O montante dos empréstimos cento do valor das aquisições a que se destine.

§ Unico — Nos casos de que trata a industria não poderá ultrapassar 40 por letra f do artigo 2.º, os empréstimos poderão elevar-se até 50 por cento do valor dos

Art. 8.º — Os prazos para os empréstimos, previstos no artigo 2.º, não deverão imoveis e aparelhagem dados em garantia. exceder:

1.º — de um ano, nos casos das letras a, b e c;

2.º — de dois, nos da letra d;

3.º — de três, nos da letra e;

4.º — de cinco, nos da letra f.

Art. 9.º — A Diretoria fixará, por periodos, as taxas de juros cobráveis pela Carteira.

§ 1.º — Os juros dos financiamentos à agricultura e à criação, desde que sejam preenchidas as condições previstas no artigo 32 da Lei n.º 492, de 30-8-37, não poderão exceder de 8 por cento ao ano.

§ 2.º — Os juros sobre os empréstimos de que trata a letra f do artigo 2.º serão pagáveis em 30 de Junho e 31 de Dezembro.

CAPITULO III

Das Contratos e garantias

Art. 10. — Nos contratos de empréstimos, além das clausulas peculiares à natureza da operação, deverão vir declarados:

- a) — o valor do empréstimo;
- b) — o vencimento;
- c) — os fins a que se destina;
- d) — a data ou datas da sua aplicação;
- e) — a obrigação para o mutuário de:
 - aplicar o empréstimo exclusivamente aos fins declarados;
 - fornecer com presteza as informações que lhe forem solicitadas;
 - escriturar ou anotar, com clareza e em ordem cronologica, a aplicação dos adiantamentos, arquivando os documentos comprobatórios;
- f) — o direito do Banco de fiscalizar a aplicação dos fornecimentos, fazendo exame da escrita e outras verificações que julgar necessarias;
- g) — os juros compensatórios e moratórios;
- h) — a exigibilidade antecipada da divida em caso de inadimplemento de qualquer das clausulas estipuladas;
- i) — a pena convencional;
- j) — as garantias;

k) — o compromisso para o mutuário de:

— bem administrar a propriedade agricola ou industrial, de modo a não paralisar ou diminuir a produção;

— segurar em companhia idonea, todos os bens dados em garantia, no que possam ser objeto de seguro;

— não gravar ou alienar ditos bens na vigencia do contrato, nem vender seus produtos, sem prévia autorização;

l) — O direito para o Banco de exigir reforço de garantia, quando necessario;

m) — o lugar do pagamento e o fóro do contrato.

Art. 11. — Podem ser recebidos em penhor agricola, de acordo com o artigo 6.º da Lei n.º 492, de 30-8-37:

a) — maquinas e instrumentos agricolas;

b) — colheitas pendentes ou em via de formação no ano do contrato, quer resultem de prévia cultura, quer de produção espontanea do solo;

c) — frutos armazenados, em ser, ou beneficiados e acondicionados para a venda.

Art. 12. — Podem ser recebidos em penhor pecuario, de acordo com o artigo 10. da Lei n.º 492, de 30-8-37: os animais que se criam pascendo para a industria pastoril, agricola ou de laticinios, em qualquer de suas modalidades, ou de que sejam eles simples accessorios ou pertences de sua exploração.

Art. 13. — Podem ser recebidos em penhor mercantil:

a) — mercadorias não deterioraveis facilmente e de franca aceitação, conferidas e seguradas, com a redução minima de 30 por cento sobre seu valor real;

b) — titulos da Divida Pública Federal, com a redução minima de 20 por cento sobre sua cotação oficial;

c) — letras de cambio, promissórias e duplicatas de faturas que contenham a responsabilidade de duas formas, pelo menos, de comerciantes, industriais ou agricultores de reconhecido credito e solvencia, com a redução minima de 20 por cento sobre seu valor nominal.

d) — "warrants", conhecimentos de deposito e de estradas de ferro, relativos a mercadorias nas condições da alinea a, com a redução nela prevista.

§ Unico — O penhor mercantil dependerá sempre da tradição efetiva da coisa apenhada.

Art. 14. — Outros bens só poderão ser recebidos mediante autorização prévia da Diretoria.

Art. 15. — Quando conveniente, poderão ser conjugadas, num mesmo contrato de empréstimo, as diferentes espécies de garantias previstas no artigo 4.º, respeitadas as margens de adiantamento e de garantia estipuladas nos artigos 6.º, 7.º e 13.

Art. 16. — Nos empréstimos industriais até o prazo de cinco anos a que se refere a letra f do artigo 2.º e o n.º 4 do artigo 8.º a garantia será constituída por primeira hipoteca ou penhor mercantil, isolada ou conjuntamente.

§ 1.º — A hipoteca abrangerá o imóvel, a maquinaria e as instalações.

§ 2.º — O penhor mercantil obedecerá ao disposto do artigo 13.

Art. 17. — Os bens oferecidos em garantia serão avaliados por pessoa de confiança do Banco, correndo as despesas respectivas por conta do proponente.

CAPITULO IV

Dos recursos

Art. 18. — Para o financiamento rural e industrial, o Banco emitirá bonus ao portador, negociáveis em bolsa, assinados pelo Presidente e pelo Diretor da Carteira.

§ Unico — Esses bonus serão dos valores de Rs. 500\$000, Rs. 1:000\$000, Rs. 10:000\$000, Rs. 50:000\$000 e Rs. 100:000\$000, aos prazos de um (1), dois (2), três (3) e cinco (5) anos e vencerão juros convencionados, pagáveis por meio de coupons, de seis em seis meses.

Art. 19. — Os bonus serão emitidos no não podendo o seu montante ultrapassar o total das operações.

§ Unico — Toda a vez que a liquidação do empréstimo der lugar a excesso, o Banco resgatará imediatamente o "quantum" necessario para ficar o seu total dentro do limite, podendo, para tal fim, adquirir bonus em bolsa.

Art. 20. — O produto da colocação dos bonus de prazo até três (3) anos será aplicado exclusivamente nos empréstimos com as finalidades previstas nas letras a, b, c, d, e e do artigo 2.º.

§ Unico — Entre o prazo desses bonus e o dos empréstimos não haverá correlação obrigatória.

Art. 21. — O produto dos bonus emitidos a prazo de cinco (5) anos financiará preferencialmente os empréstimos de igual prazo, de que tratam a letra f do artigo 2.º e a n.º 4 do artigo 8.º.

Art. 22. — A venda e o resgate de bonus, bem como o pagamento de coupons, efetuar-se-ão na praça da Séde do Banco e naquelas sm que mantiver filiais.

§ Unico — Os bonus ou coupons resgatados serão enviados à Carteira, deviamete inutilizados.

Art. 23. — Os bonus só vencerão juros até a data de seu vencimento.

Art. 24. — Em liquidação de operações realizadas pela Carteira, o Banco poderá receber bonus pelo seu valor nominal.

CAPITULO V

Da Administração

Art. 25. — A administração da Carteira será exercida por um ou mais Diretores designados pelo Presidente do Banco.

Art. 26. — Compete à Diretoria da Carteira:

a) — assinar com o Chefe do departamento a que fôr atribuída a execução dos serviços, a correspondencia de maior relevancia;

b) — proceder ao estudo necessario à fixação da taxa dos juros cobráveis pela Carteira;

c) — examinar as garantias oferecidos;

d) — apresentar anualmente, ao Presidente do Banco, relatório minucioso das operações da Carteira, separando os financiamentos rurais dos industriais.

Art. 27. — Incumbe-lhe ainda superintender:

a) — a fiscalização das operações da Carteira;

b) — o controle da emissão e resgate dos bonus e coupons;

c) — a organização do cadastro rural e industrial do País;

d) — a confecção da estatística mais completa possível da produção nacional;

e) — os serviços de avaliação de safras, com a maior aproximação possível.

CAPITULO V

Disposição Geral

Art. 28. — Este regulamento, bem como qualquer modificação julgada necessaria pela Diretoria, só entrará em vigor após aprovação pelo Ministerio da Fazenda.

Aprovado por despacho de 2-10-37, publicado no Diario Oficial de 21-11-37.

O COOPERATIVISMO EM FACE DO CREDITO RURAL E DA PADRONIZAÇÃO DOS PRODUCTOS AGRICOLAS

O Sr. Humberto de Andrade em sessão da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura fez a conferencia que abaixo publicamos, acerca do cooperativismo em face do credito rural.

"O cooperativismo como factor indispensavel á organização da agricultura nacional é thema antigo, largamente debatido no seio desta benemerita Sociedade.

E' que os problemas vitaes do Brasil permanecem no cariz indefinidamente, num constante desafio á capacidade dos responsaveis pela prosperidade collectiva.

Thema velho, mas de interesse novo e opportuno para nós que mal estamos no limiar da civilização... a repetição sempre foi recurso educativo, mormente em face dos estigmas e das cores gritantes do nosso panorama agricola". (Aspectos Agro-economicos do Rio Grande do Sul — Fabio Luz Filho).

Já não se discute a utilidade da classe agricola reunir-se em nucleos cooperativos, para tratar de seus legitimos interesses. Abalisados economistas e publicistas de assumptos agrarios tem demonstrado essa necessidade.

A vida isolada do agricultor crea-lhe dificuldades de toda sorte no desempenho do seu trabalho, que assume variados e complexos assumptos, segundo a phase de sua evolução. Por isso todo agricultor deve ser filiado a uma associação cooperativa. Neste seculo de lutas e de ambições desmedidas, já não se concebe que o productor rural possa, por si só, satisfazer as exigencias do consumidor, cuidando do conjuncto de operações, que vae da etapa inicial da produção, ao preparo do producto e entrega aos mercados. O seu trabalho para ser eficiente, tem que ser dividido e sub-dividido, cabendo a entidades diversas encargos diversos. E' neste ponto que exercem papel importante as cooperativas, amparando, defendendo e completando a tarefa do productor. Constituem verdadeiro desdobramento do agricultor. São órgãos de acção collectiva, zelando interesses particulares, continuando e concluindo a obra individual. A collocação dos productos nos mercados, o beneficiamento das colheitas, a defesa dos direitos da classe junto ás autoridades e tantas outras de que o productor não pôde cuidar devidamente constituem função da cooperativa.

Escusado seria me alongar em considerações desta ordem neste recinto, onde taes assumptos são familiares.

Meu proposito neste momento é focalizar o cooperativismo como factor preponderante no bom encaminhamento de duas questões da maxima relevancia para a eclosão da formidavel riqueza latente no seio fecundo da terra, unica capaz de, neste passo de nossa evolução social, nos proporcionar logar condigno no concerto dos paizes cultos.

Toda a medida que visar a melhoria dos processos agrarios está tadada a tracasso, desde que não conte com o concurso das associações de classe, que a receba e ponha em directo contacto com o camponez. Serviços publicos de fomento á agricultura se reduzem a quasi inutilidade, exactamente porque não se articulam com nucleos cooperativos. Quasi nullo se torna o esforço do tecnico official que, em perigrinação por sitios e fazendas, prega a applicação de boas praticas agricolas. O agricultor é em regra, surdo ou indifferente aos conselhos ministrados. Falta-lhe o exemplo contagiante do visinho; o agronomo, mais ou menos estranho ao meio, que não lhe desperta confiança absoluta; a rotina acorrenta-o a nocivas praxes de antanho, levando a repellir innovações.

E si o espirito progressista de um ou outro lavrador ou criador leva a aceitar as instrucções do tecnico, pouca significação terá isso, por representar um exito entre centenas de casos negativos. Effectivamente, pouco adianta que um melhore a sua produção, si essa colheita cuidada vai se misturar a innumeradas outras mal cuidadas. Cumpre buscar meios dentro do proprio ambiente para, com taes elementos, promover o melhoramento preconizado, fazendo de cada qual um interessado pela pratica da medida aconselhada. Para isso, nunca faltam, em qualquer localidade do centro interior, por modestos que sejam agricultores intelligentes e com qualidades que inspiram confiança aos demais. Conquista-las para as cooperativas representa vantagem de montia, com elos de ligação entre os propagandistas e a população rural.

Fixemos, agora, as nossas idéas sobre o papel do cooperativismo em face de duas medidas officiaes de capital importancia para a riqueza do Paiz, o credito rural e a padronização dos productos agricolas.

CREDITO RURAL — Antiga e justa aspiração da classe rural, vae, por fim, o credito rural entrar em realização, por meio da Carteira de Credito Agricola e Industrial, do Banco do Brasil.

A execução desse credito, que será feita por uma organização bancaria commercial, terá de defrontar-se, fácil é avaliar-se, com grandes difficuldades, para prestar real assistencia financeira aos productores, como é de sua finalidade. Sem possuímos cadastro agricola, num paiz vasto e de fraca densidade de população, onde o homem do campo, em rincões distantes, vive segregado da civilização, a pratica do credito agricola representa tarefa penosa, para que produza os efeitos desejados, em vez de desastre. Neste desideratum de fazer chegar ao camponez que amanha o solo e apascenta os rebanhos o inestimavel auxilio do credito, livrando-o de onerosas transações, deve caber ás cooperativas um papel saliente. Mas, não nos causará surpresa que não seja isso tomado em consideração. Ha um precedente que nos permite avançar semelhante juizo sobre os que teem aos hombros a execução da providencia secularmente esperada. A direcção da Carteira já se recusa a aceitar a collaboração do agronomo, embora que, para tanto, tivesse que desrespeitar a lei que regula o exercicio da profissão agricola, e pela qual se torna a esta avaliação de moveis e immoveis rurales, para fins de credito, conforme asseguram os artigos, 6.º, alíneas X e Z e 9.º, do decreto n.º 23.196, de 12 de Outubro de 1933. O Banco do Brasil avocou a si conhecimentos especializados de agricultura, comprometendo o exito de uma iniciativa patriótica. Si desastre houver lhe caberá integralmente a culpa.

Sabe-se que não basta que o dinheiro seja emprestado ao agricultor, para que se haja realizado uma operação de credito agricola. O que caracteriza essa modalidade de credito é a sua applicação na agricultura. Um lavrador ou criador que recebeu um emprestimo num estabelecimento de credito rural e o inverteu numa construcção urbana fugiu a sua finalidade — a agricultura. — E não houve, em verdade, credito rural. Ao passo que o commerciante que levanta adiantamente num banco e o emprega na lavoura ou na pecuaria praticou o credito rural.

Não é, pois, a pessoa que justifica o credito, mas, sim, a sua applicação. Por isso ao estabelecimento não cabe somente conhecer a profissão do individuo que requer emprestimo, porém, compete-lhe, sobretudo, indagar e fiscalisar o seu emprego..

Facil é, portanto, calcular-se a somma de responsabilidade que pesa sobre a Carteira ora creada sobre a direcção suprema e absoluta de um banco meramente commercial, numa época de accentuado urba-

nismo, em tempo em que as cidades atrahem e fascinam os habitantes dos campos.

Nós, que nos dedicamos pelo espirito e pelo coração, á causa rural de nossa Patria, trememos ao pensar num possível fracasso da tentativa que ora se inicia.

Na execução do credito agricola podem as associações de classe prestar relevante serviço. São ellas o natural intermediario entre banco e productores.

"O problema principal da organização do credito agricola consiste em coordenar de maneira conveniente e racional duas necessidades fundamentais: o perfeito conhecimento dos agricultores individualmente e do ambiente em que operam e a massa de capital indispensavel. Sob o primeiro aspecto, dada a importancia do elemento pessoal, habilidade, actividade, honestidade do devedor, o conhecimento directo desses requisitos é indispensavel a uma boa administração de credito.

"Assim surge a necessidade de organismos locais de forma cooperativa ou mutualista, vantajosa por estabelecer um controle reciproco entre todos aquelles que recorrem ao credito e uma especie de garantia reciproca entre si." (Dragni, citado em Aspectos Agro-economicos do Rio Grande Sul, de Fabio Luz Filho).

Conhecendo o Banco o cadastro das associações rurales com que transaccione, fará adiantamentos proporcionaes ao capital realizado. Estas, por sua vez, distribuirão emprestimos aos seus associados, attendendo á capacidade de cada um, a qual conhece de perto. Ao Banco ficará a fiscalisação das associações, no que diz respeito ás transações com que com as mesmas mantiver, assim como a estas competirá fiscalisar a boa applicação dos emprestimos.

Teremos dest'arte, praticado o credito agricola, reduzindo-se a probabilidade dos fracassos, evitando-se o desvirtuamento do systema, o qual reflectirá beneficemente, sobre a prosperidade dos campos; teremos dest'arte concorrido efficazmente para o revingoramento da producção rural, esteio maximo da economia nacional.

O que se vê presentemente, é o produtor entregue á propria sorte: para obter o numerario indispensavel ao custeio da herdade tem que recorrer a estabelecimentos bancarios communs, com endosso de commerciantes, mediante juros pesados e prazos exiguos, ou appellar para o proprio commercio local, que lhe faz adiantamentos em condições onerosissimas, ficando sempre comprometida a venda da safra

vindoura. Outras vezes o empréstimo é feito em mercadorias [...]

O agricultor financiado pelo commercio torna-se, em regra, seu devedor permanente.

Em tal situação não pôde o productor prosperar financeiramente. E agricultor que não auferir lucro de seu trabalho ficará eternamente chumbado á rotina, inadaptable ao progresso.

Consequentemente soffrerá a Nação, cuja riqueza básica é a producção agricola.

O homem do campo, de sol a sol, sob o rigor da canícula ou enfrentando os aguaceiros, passa, juntamente com a esposa e filhos menores, a mourejar a vida inteira, curtindo pobreza, que chega, ás vezes, á miseria, sem acalantar, siquer, a doce esperança de uma velhice tranquilla. Semelhante actividade é, em verdade, posto de sacrificio, a que todos procuram escapar.

Proporcionar, pois, o credito aos que dedicam o seu labor no arduo amanhã do solo, constitue a mais efficiente medida de fomento á producção.

PADRONIZAÇÃO DOS PRODUCTOS AGRICOLAS — A classificação official dos nossos productos agricolas só é comparavel, debaixo do ponto de vista de importancia economica, ao credito rural.

Tão necessario quão difficil é conceber-se que somente agora haja o poder publico cogitado disso. Effectivamente, uma serie de entraves se apresenta á collocação nos mercados estrangeiros de qualquer producto que não traz typo definido, padrão determinado. A falta da classificação equiva- le ao negocio no escuro, submettendo-se o comprador a imprevisto de toda sorte.

De quanto vale a classificação, temos os exemplos entre nós, do café, do algodão e da laranja, unicos productos que soffrem exame antes de deixarem os portos nacionais. Foi, sem duvida, a classificação desses generos que lhes permittiram mercado. Ao passo que os demais, permanecendo nesse "pele-méle" desmoralizador, não logram acceitação no exterior, ou são alli recebidos como escorias. O milho, o feijão, a mamona, a cêra, os oleos, as pelles, os couros são exportados livremente, sem o controle da classificação, pela qual possa o comprador aferir de sua qualidade.

Felizmente, estamos em vespéras da execução do serviço de classificação dos productos agricolas. E é com regosijo que registramos a parte saliente que teve o Dr. Torres Filho, seja como Presidente desta prestigiosa Sociedade, seja como membro do Conselho Federal do Commercio Exte-

rior, na organização e criação da lei sobre a materia.

O credito rural e a padronização dos productos agricolas são dois passos gigantes do nosso progresso agrario. A ambos as cooperativas poderão prestar serviço inestimavel, collaboração de incontrastavel valor.

São as associações rurales órgãos de articulação entre os poderes publicos e os productores na execução de leis e medidas relativas á agricultura.

A classificação ou divisão e sub-divisão dos productos em typos e classes, segundo suas qualidades inherentes ou aperfeiçoamento de preparo, reduz-se a verificar, separar, marcar o que foi feito nos campos de cultura. Ao agricultor cabe a principal tarefa, para se chegar a uma facil classificação, assim como a melhoria da categoria.

Semente pura, semeada separadamente de outras variedades, e culturas isentas de pragas; colheitas devidamente conservadas — eis a maior parcella e o que mais influe na classificação commercial.

O agricultor rotineiro não enxerga a necessidade inadiavel de pôr em pratica, em seu proprio bem, essas e outras medidas semelhantes. Convencel-os desta verdade meridiana, não é, entretanto, facil empreitada, não só porque demandaria pertinacia de acção, como necessitaria de um exercito de propagandistas habéis espalhados pelo immenso inter-land. Ao passo que as cooperativas, com relativa facilidade, desempenharão a tarefa.

"Os successos de qualquer intervenção reguladora na producção agricola, faz supor a existencia de uma organização capaz de dirigir e executar, convenientemente, os meios para esse fim, attendendo logo aos interesses da exploração agricola.

"A evolução dos ultimos annos já encarregou dessa funcção, na Tchecoslovaquia, a organização de cooperativas, e os resultados que ella obteve, por occasião da regulamentação do mercado do trigo, confirmam que a regulamentação dos outros ramos de exploração agricola não poderá dispensar o auxilio e apoio da organização cooperativa. (Dr. Antonio Hulka, do Ministerio da Agricultura da Tchecoslovaquia, citado em Aspectos Agro-economicos do R. G. do Sul, de Fabio Luz Filho).

As populações campezinas vivem oprimidas por tantos factores hostis que a cidade constitue justificação do moço forte e dotado de qualidades. Amparemos o homem do homem do campo, apparelhando-o para o trabalho fecundo e indispensavel á collectividade.

Torres Filho, em discurso proferido na sessão inaugural do Conselho Nacional do Commercio Exterior descreveu a situação precaria dos patricios que empregam sua actividade na afanosa labuta rural e apontou, com visão de patriota que conhece e sente as nossas necessidades, os meios para amparar a vida agricola: educação technica e profissional; justiça social; colonização rural, pela diffusão da pequena propriedade com o auxilio do credito agricola, assistencia medico-sanitaria; organizações dos mercados para a boa garantia da collocação dos productos; meios rapidos de transporte.

Mas como levar a effeito taes medidas, se não contamos com a collaboraçã das cooperativas, que podem ser, muita vez, as proprias executoras dessas providencias?

Diffundir, pois, o cooperativismo, equivale a preparar o paiz para o grande surto economico, de que sua potencialidade é capaz. São as cooperativas os órgãos efficientes para levar esses factores de progresso do centro á periphéria, pondo-os em contacto com o principal agente da producção — o homem. — Só ellas pôdem, com facilidade, chamar o camponez para a observancia de taes medidas, que visam beneficiar a producção.

EM CONCLUSÃO: — a) — a cooperativa é precioso órgão de propulsão do progresso agricola, em particular, de intermediario na execuçã do credito rural e na padronizaçã dos productos agricolas; b) deve o poder publico propagar a instituçã do cooperativismo nos centros produtores, prestigiando-lhe a acçã e prestando-lhe a assistencia necessaria.

O CUMARU' E A SUA EXPORTAÇÃO

EURICO SANTOS

O cumarú (*Coumarouna odorata* Aubl — *Dipterix odorata* Wild) é uma prestimosa essencia florestal da região amazônica e de Mato Grosso, cujos frutos constituem artigo comercial de longa data explorado.

Trata-se de uma leguminosa de grande elegancia e desenvolvimento, caule lizo, não raro indo suas frondes copadas até à altura de 32 metros.

A madeira do cumaruzeiro é magnífica, imputrescível, prestando-se tanto à marcenaria de luxo, como à construção naval, carroçaria, eixos, rodas, etc.

A côr da madeira varia segundo o solo em que a árvore vegeta e ora se mostra cinzenta-amarelada, ora castanho-amarelado, amarelo róseo, etc. Sendo madeira de lei de alta estima foi necessário que se promulgassem leis especiais que a resguardassem do machado do lenhador.

Entretanto é no fruto, uma vagem drupácea, ovoide e oblonga, que reside o motivo comercial da exploração extrativa do precioso vegetal.

Realmente, essa vagem encerra uma semente dura, lisa, de côr roxo-carregado, não menor de 25 milímetros e não maior de 40, a qual contem uma substancia aromática, a cumarina, tão suave quanto agradável.

Essa semente é conhecida no comércio do Brasil com o nome de fava de cumarú, e no comércio universal, com o de **fève Tonka bean**, entre anglo-americanos.

A indústria utiliza-se desta fava oleaginosa para fins diversos, notadamente para a indústria da perfumaria, confecção de sabões finos, óleos aromáticos, águas de toucador, cosméticos, brilhantinas, etc. Na indústria doceira encontra tal produto largo emprego, sendo um ótimo sucedâneo da baunilha.

O cumarú goza também de certo prestígio como planta medicinal, sendo-lhe atribuidas virtudes tônicas e anti-espasmódicas.

Roquette Pinto, em sua "Nota sobre a ação fisiológica da fava tonca" (Bol. Mus. Nac., janeiro 1924) mostra que a ação do extrato da referida fava afeta o sistema nervoso cerebro-espinhal bem como os centros nervosos intra-cardiacos.

PRODUÇÃO E COMÉRCIO

O cumarú constitue desde longos anos uma indústria extrativa puramente amazônica.

Na época apropriada, os colhedores vão a procura da semente, geralmente der-

rubada por morcegos, grande apreciadores da polpa que envolve a semente.

Assim colhida é ela negra, oleosa e encarquilhada.

Péssima a sua apresentação comercial e, entretanto, será fácil prepara-la da forma conveniente, dando-lhe a aparência que ostentam as de procedncia da America Central.

Diz Nilo Cairo que para obter um produto com brilho usa-se o seguinte processo: "Depois de secas á sombra são postas em barricas abertas, cobrindo-as com alcool de 65.º (cachaça) e aí ficam mace-rando por 12 horas, ajuntando-se (caso se deseja ativar a operação) meio quilo de açúcar para cada 50 ks. de fava, depois do que se retira o alcool e deixa-se só o cumarú na barrica por 5 ou 6 dias e, em seguida, estende-se as favas á sombra para que tomem brilho".

Ha ainda a notar que o principio olo-roso, a cumarina, é encontrado, segundo Pio Corrêa, em numerosos vegetais de facil cultura e Parkins conseguiu um suce-daneo sintetico baseado no aldehydo sa-licilico.

G. Gapus e D. Bois, na obra "Produits Coloniaux" tambem afirmam que o prin-cipio odorante é encontrado em muitos ve-getais e especialmente em *Liatris odoratis-sima* Will, uma composta da America do Norte, explorada pelo seu perfume.

Os centros de exportação da cumaruna estão na região amazonica, como já deixamos dito, sendo os seguintes os mu-

nicípios que mais enviam esse produto para o mercado: Alemquer, Obidos, Santarem, Monte Alegre e Fáro.

O que ficou rapidamente apontado re-fere-se ao cumarú verdadeiro, mas ainda entre outros cumarús citaremos o do nor-deste (*Torresea cearensis* Fr. Alemão) igualmente uma leguminosa, cujas semen-tes têm odor semelhante, prestando-se a iguais fins e não raro se insinuando entre o cumarú verdadeiro, segundo Pio Cor-rêa.

As sementes no entanto são bem di-ferentes no formato sendo as do cumarú verdadeiro oblongas e as do Nordeste ru-gosas e aladas.

Não se trata, entretanto, de uma ver-dadeira fraude pois, se as plantas são di-ferentes, o principio que ambas encerram é o mesmo, a cumarina.

Este cumarú tem diferente distribuição geografica do anterior sendo tipo caracte-rístico das catingas nordestinas estenden-do-se pelo Brasil central indo mesmo até o Espirito Santo, já na região oriental.

Sôbre essa espécie já possuímos um estudo completo e recente, de C. H. Libe-ralli e Jandyra Lima, trabalho esse inserto na Revista da Flora Medicinal (março de 1937).

Neste trabalho de caráter químico-far-macológico ficou assinado pelos autores a existencia de um alcaloide até então ain-da não isolado a que, os autores deram o nome de terreína.

(Conclue na página seguinte)

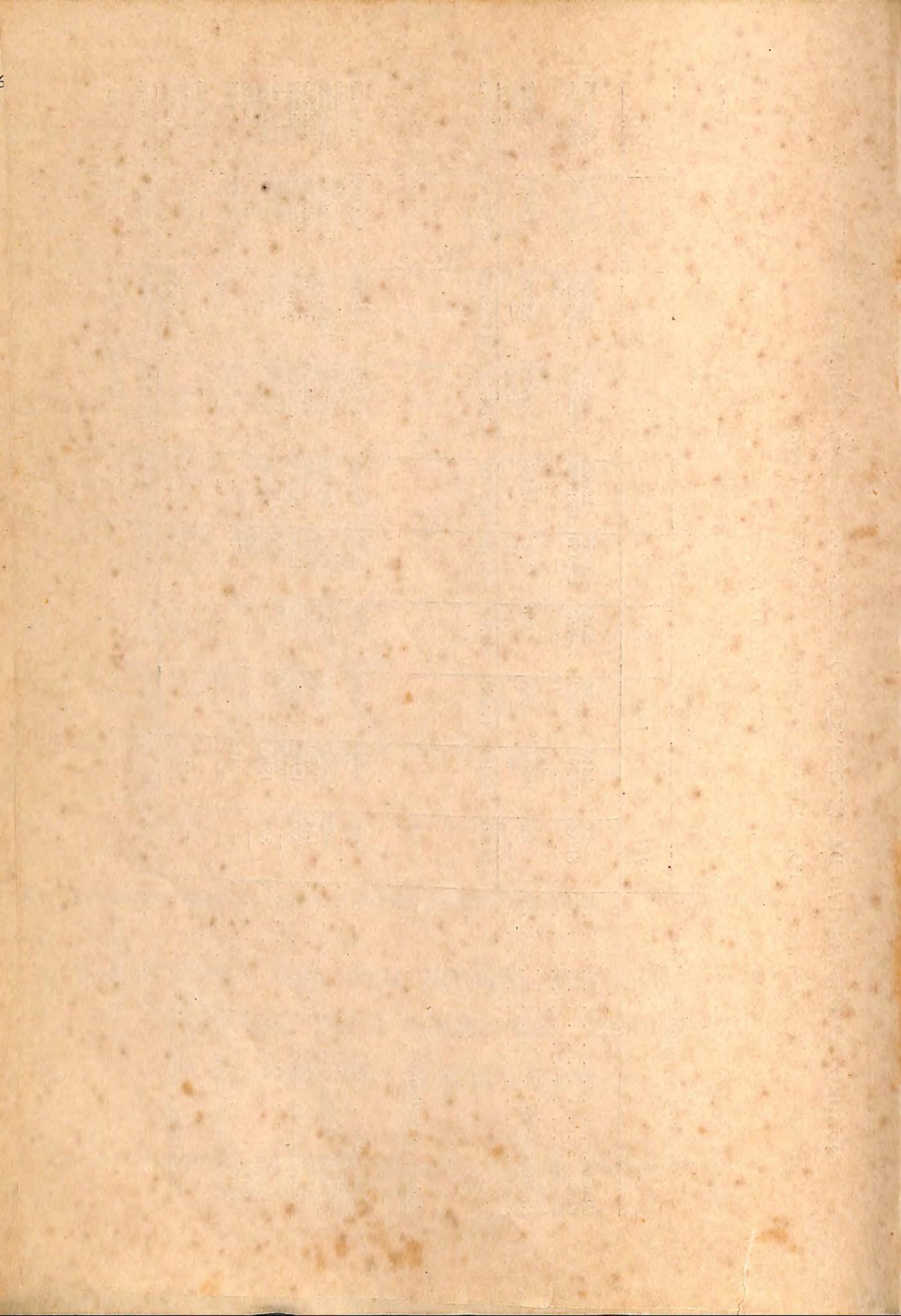
PROPONHA um seu amigo, lavrador ou criador, para socio da Sociedade Nacional de Agricultura



QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO DE FAVAS DE CUMARÚ, NOS ANOS DE 1933 A 1937

POR PORTOS DE PROCEDENCIA E PAIZES
DE DESTINO

| PORTOS DE PROCEDENCIA | Quantidade em quilos | | | | | Valor em mil réis papel | | | | |
|-------------------------------------|----------------------|---------|---------|---------|---------|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | 1933 | 1934 | 1935 | 1936 | 1937 | 1933 | 1934 | 1935 | 1936 | 1937 |
| | Manãos. | 600 | 1.118 | 1.890 | 2.750 | 20.574 | 2.340\$ | 8.446\$ | 33.625\$ | 44.400\$ |
| Pará | 31.000 | 151.791 | 151.791 | 238.073 | 238.077 | 145.159\$ | 1.072.128\$ | 1.659.465\$ | 4.767.100\$ | 3.484.404\$ |
| Maranhão | — | — | 49 | — | — | — | — | 350\$ | — | — |
| Baía | — | 124 | — | — | — | — | 75\$ | — | — | — |
| Rio de Janeiro | 322 | 10.696 | 3.341 | 968 | 1.452 | 1.586\$ | 76.600\$ | 30.000\$ | 19.191\$ | 34.206\$ |
| Santos | — | 450 | — | — | 179 | — | 6.500\$ | — | — | 2.328\$ |
| | 31.932 | 164.169 | 113.976 | 241.791 | 194.282 | 147.085\$ | 1.160.749\$ | 1.723.440\$ | 4.830.691\$ | 3.850.581\$ |
| Paizes de destino | | | | | | | | | | |
| Alemanha | 10.623 | 6.859 | 3.594 | 9.287 | 13.168 | 53.820\$ | 51.749\$ | 61.704\$ | 185.979\$ | 256.307\$ |
| Argentina | — | 542 | — | 968 | 2.142 | — | 3.000\$ | — | 19.191\$ | 39.461\$ |
| Estados Unidos | 6.227 | 114.953 | 100.525 | 209.873 | 139.918 | 20.243\$ | 805.807\$ | 1.534.160\$ | 4.201.622\$ | 2.788.828\$ |
| França | 1.140 | 3.781 | 925 | 3.540 | 6.548 | 5.000\$ | 25.528\$ | 13.181\$ | 62.738\$ | 131.150\$ |
| Grã-Bretanha | 8.002 | 12.922 | 5.206 | 16.983 | 13.588 | 36.390\$ | 100.143\$ | 78.756\$ | 343.739\$ | 264.524\$ |
| Hollanda | — | 9.108 | 3.397 | 1.080 | 4.101 | — | 58.044\$ | 30.550\$ | 16.200\$ | 76.644\$ |
| Italia | 5.940 | 15.806 | — | — | 7.565 | 28.632\$ | 114.795\$ | — | — | 160.192\$ |
| Japão | — | — | — | — | 330 | — | — | — | — | 6.006\$ |
| Noruega | — | 198 | — | 60 | 120 | — | 1.683\$ | — | 1.222\$ | 2.620\$ |
| Possessão Britânica (Barbados) | — | — | 280 | — | — | — | — | 4.739\$ | — | — |
| » (Trindade) | — | — | — | — | 6.228 | — | — | — | — | 111.074\$ |
| » (Singapura) | — | — | — | — | 52 | — | — | — | — | 1.473\$ |
| União Belga Luxemburgueza | — | — | 49 | — | 522 | — | — | 350\$ | — | 12.302\$ |
| Total | 31.932 | 164.169 | 113.976 | 241.791 | 194.282 | 147.085\$ | 1.160.749\$ | 1.723.440\$ | 4.830.691\$ | 3.850.581\$ |
| Equivalente em \$£. | | | | | | 1.725 | 12.094 | 13.749 | 38.743 | 31.427 |



SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Fundada em 16 de Janeiro 1897

Reconhecida de utilidade publica por lei



Presidente perpetuo

Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida

DIRECTORIA GERAL

Presidente Ildefonso Simões Lopes :
1.º *Vice-Presidente* — Arthur Torres Filho
2.º » » — Edgard Teixeira Leite
3.º » » — Fabio de Az. Sodré
1.º *Secretario* — Antonio de Arruda Camara
2.º » — Luiz Simões Lopes
3.º » — Altido de Azevedo Sodré
4.º » — Americo de Pinho L. Pereira
1.º *Thesoureiro* — Kurt Repsold
2.º » — Domingos de Faria

DIRECTORIA TECHNICA

Frederico Murtinho Fraga B.
Humberto Rod. de Andrade
Joaquim B. de Moraes Carvalho
José Maria Fernandes
José Sampaio Fernandes
Luiz de Oliveira Mendes
Hilario Leitão
Otto Frensel
Ottoni Soares de Freitas
Virginio Werneck Campello

CONSELHO SUPERIOR

Alcides de Oliveira Franco
Alvaro Simões Lopes
Antonio F. Magarinos Torres
Archimedes de Lima Camara
Bemvindo Novaes
Carlos de Souza Duarte
Celso Machado
Conde de São Mamede
Eduardo Claudio da da Silva
Eurico Santos
Euvaldo Lodi
Euzebio de Queiroz C. Mattoso Camara
Fidelis Reis
Filogonio Peixoto
Franklin de Almeida
Francisco Leite Alves Costa
F. J. Teixeira Leite

Humberto Bruno
J. C. Bello Lisboa
João Baptista de Castro
João Gonçalves Pereira Lima
João Mauricio de Medeiros
João Simplicio Alves de Carvalho
Julio Cesar Lutterbach
Julio Eduardo da Silva Araujo
José Eduardo Macedo Soares
José Monteiro Ribeiro Junqueira
José Mattoso Sampaio Corrêa
Landulpho Alves de Almeida
Lauro Passos
M. Paulo Filho
Odilon Braga
Ormeu Junqueira Botelho
Ricardo Machado
Waldomiro Barros Magalhães
Wenceslau Braz Pereira Gomes

Escola de Horticultura Wenceslau Bello

(MANTIDA PELA SOCIEDADE DE AGRICULTURA NO ANTIGO HORTO FRUCTICOLA DA PENHA)

RECONHECIDA E FISCALIZADA PELO GOVERNO DA NAÇÃO

PENHA - RIO - E. F. LEOPOLDINA

- **Mudas e Enxertos de plantas frutíferas próprias ao clima do Districto Federal.**
- **Optimos exemplares de plantas ornamentaes.**
- **Laranjeiras — Typo exportação.**
- **Mangueiras das melhores variedades.**
- **Abatimentos aos socios da S. N. de Agricultura.**

Solicite informações á

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

— Largo de São Francisco, 3-2.º - Salas 202/6 —